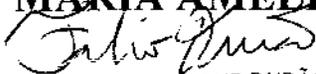


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

**MARIA AMÉLIA APARECIDA DE ARAUJO**

  
Prof. Dr. FÁBIO AKCEL RUD DURÃO  
Coordenador Geral de Pós-Graduação  
IEL / UNICAMP  
Matr.: 29048-6

**O DISCURSO *SOBRE* (I)MIGRANTES DA PERIFERIA DE SÃO  
PAULO E PARIS: o dizer da mídia e suas representações**

**THE DISCOURSE ABOUT (IM)MIGRANTS IN SUBURBS OF SÃO  
PAULO AND PARIS: the media saying and its representations**

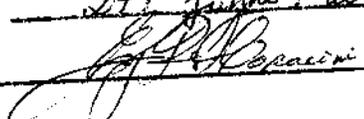
Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada, na área de concentração de Língua Estrangeira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra Maria José Rodrigues Faria Coracini.

Campinas  
2011

**Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação e aprovada pela  
Comissão julgadora em:**

i

27 de junho de 2012  


FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM – UNICAMP

**Ar15d**

Araújo, Maria Amélia, 1986-

O discurso sobre (i)migrantes da periferia de São Paulo e Paris : o dizer da mídia e suas representações / Maria Amélia Aparecida de Araújo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Maria José Rodrigues Faria Coracini.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Identidade. 3. Imigrantes. 4. Periferias urbanas. 5. Representações. I. Coracini, Maria José Rodrigues Faria, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** The discourse about (im)migrants in the suburbs of São Paulo and Paris: the media saying and its representations.

**Palavras-chave em inglês:**

Discourse analysis

Identity

(Im)migrants

Suburb areas

Representations

**Área de concentração:** Língua Estrangeira.

**Titulação:** Mestre em Linguística Aplicada.

**Banca examinadora:**

Maria José Rodrigues Faria Coracini [Orientador]

Beatriz Maria Eckert-Hoff

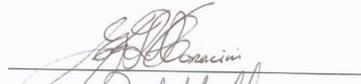
Juliana Santana Cavallari

**Data da defesa:** 02-04-2012.

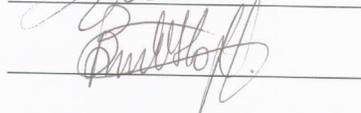
**Programa de Pós-Graduação:** Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

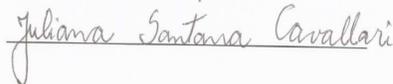
Maria José Rodrigues Faria Coracini



Beatriz Maria Eckert-Hoff



Juliana Santana Cavallari



Celina Ap. Garcia de Souza Nascimento



Eliana Maria Severino Donaio Ruiz



IEL/UNICAMP  
2012



## DEDICATÓRIA



**Migrante nordestino em São Paulo**

*A todos aqueles que l(ab)utam, todos os dias, por uma vida melhor, pois "onde a pobreza se une à alegria, não há cobiça nem avareza" (São Francisco de Assis).*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, àquele que me deu o dom da vida, seja ele Deus, alguma força espiritual da natureza ou qualquer outra entidade, mas a quem eu prefiro chamar, simplesmente, de “Papai do céu”.

Agradeço, imensamente, também...

... à minha família, sangue do meu sangue, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis, sem o qual certamente não estaria aqui hoje;

... aos colegas do grupo de pesquisa, pelas contribuições valorosas, em especial às amigas Marluza da Rosa e Flávia Camargo, por acompanharem mais intimamente o desenrolar do meu árduo trabalho;

... à minha orientadora, Maria José Coracini, pela leitura minuciosa do meu trabalho, pelas contribuições essenciais para o seu andamento e pelos “puxões de orelha”, por muitas vezes duros, mas necessários;

... à Beatriz Eckert-Hoff e Juliana Cavallari, responsáveis pela ajuda decisiva na participação de minha banca examinadora, pela leitura de meu trabalho e pelas sugestões dadas, no intuito de torná-lo melhor;

... a Capes, pelo apoio financeiro sem o qual não teria levado adiante tal empreitada;

... ao Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, pelo suporte técnico e pela atenção de todos os funcionários com os quais tive contato, em especial à secretaria de pós-graduação;

... aos amigos, que doaram seus ombros em momentos de desespero e que agora compartilharão os momentos de alegria;

... ao amigo e companheiro de muitos anos, Vinícius, que sempre acreditou em mim e em meu potencial;

... a todos aqueles que, de certa forma, participaram do duro processo de desenvolvimento dessa dissertação, e que, sem dúvida, contribuíram para a concretização de um sonho jamais antes imaginado.



***Cacofonia Social***

*Com a globalização*

*dá-se dos pobres*

*a exclusão*

*acima dos médios*

*a inclusão*

*e destes - se ricos -*

*a reclusão*

***Carlos Vogt***



## RESUMO

Pensando na questão da (i)migração que ocorre em grandes centros urbanos, em especial nas metrópoles de São Paulo e de Paris, buscamos averiguar, em textos veiculados na mídia digital – revistas e jornais em versão *on line* e *sites* de notícias da internet – quais são as representações construídas sobre esses “estrangeiros”. No caso de São Paulo, da maioria formada por migrantes advindos da região nordeste do Brasil, os quais buscam melhores condições, na ilusão de uma vida melhor no sudeste do país e, no caso de Paris, por imigrantes oriundos de antigas colônias africanas, um dia usufruídas e hoje renegadas pelos franceses. Vale frisar que, apesar da distância espacial e sociocultural entre essas duas cidades, as abordagens em relação ao (i)migrante se assemelham, assim como ambas apresentam graves problemas quando se trata de políticas migratórias, o que resulta em um aglomerado de pessoas vivendo em condições mínimas em lugares pouco ou nada habitáveis. Em face desse contexto, fazemos a hipótese de que, na composição desses textos veiculados pela mídia, dá-se a construção de identidade dos (i)migrantes que não têm sua “voz nem vez” (CORACINI, 2007) inserida na narração dos fatos, já que se mostra apenas sua suposta marginalidade. Por meio da construção identitária desse sujeito fragmentado, às margens da sociedade – um verdadeiro (in)fame, no sentido de não famoso (FOUCAULT, 2003) – procuramos discutir, pelo viés da análise do discurso, uma questão social tão presente em nossa sociedade. Esta dissertação objetiva, assim, analisar o discurso jornalístico que narra (ou não) a vida desses estrangeiros, ao relatar acontecimentos a eles relacionados que, em sua maioria, estão ligados à marginalidade, pobreza, miséria, desemprego e, também, discutir a questão dos processos identitários existentes em textos da mídia, bem como o papel social que esses veículos de informação assumem, uma vez que exercem seu poder por meio da linguagem, já que “a começar do nível mais elementar das relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder” (GNERRE, 1991, p. 22). Resultante de nosso movimento de análise, constatamos que, com a atualidade multiétnica que possibilita a (con)vivência de diferentes nacionalidades dentro de um mesmo espaço sociogeográfico, aspectos da identidade dessas pessoas que migram de seu círculo cultural para outro distante influenciam sua inserção em uma nova sociedade, da qual se encontram mais fora, externos a ela, do que pertencentes à mesma. Vê-se, ainda, que há, muitas vezes, um falar *sobre* os (i)migrantes, e não um falar *com*, de maneira direta, dando-lhes voz e, conseqüentemente, vez.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Identidade; (I)migrantes; Periferia.



## ABSTRACT

Thinking about the matter of (im)migration, which takes place in great urban centers, especially in the cities of São Paulo and Paris, we sought to verify in texts conveyed through digital media – online versions of magazines and newspapers, as well as news websites – what the representations built about these “foreigners” are. In the case of São Paulo, the majority formed by the Northeastern population that looks for better conditions, in the illusion of finding a better life in the southeast of the country, and in Paris, where the immigrants are originated from former African colonies, once exploited and now negated by the French. It is worth noting that, in spite of the spatial and socio-cultural distance between these two cities, the approaches regarding the (im)migrants are similar, as well as they both present serious problems when it comes to migration policies – which results in an agglomeration of people living under miserable conditions in inhabitable places. In this context, we followed the hypothesis that, in the composition of these writings presented on the media, it is built, from their point of view, the identity of (im)migrants that have “no voice and no turn” (CORACINI, 2007) in the account of facts, once what is shown is a supposed marginality. Through the identity construction of these fragmented subjects, left aside from society – a true (in)famous, in the sense of not famous (FOUCAULT, 2003) – we sought to discuss, by the means of Discourse Analysis, a social matter so present, and at the same time so absent from our society. This research aims, thus, at analyzing the journalistic discourse that narrates (or not) these foreigners, by telling facts related to them, mostly of marginality, poverty, misery, unemployment, as well as at discussing the matter of identity processes existing on media writings and what social roles these means of information take on, once they have certain power through the language, since “starting from the most elementary level of the relations with power, the language constitutes the most powerful barbed wire to block the access to power” (GNERRE, 1991, p. 22). Based on the results we found that, the current multiethnic reality, that allows the (co)existence of different nationalities within the same socio-geographical space, identity aspects of these people who migrate from their cultural circle to a distant one, influences upon their insertion into a new society, where they are found much more external than belonging to it. We have also observed that there are several times a “speaking of” (im)migrants, not a “speaking with”, directly, providing them voice and, therefore, turn of speech.

**Keywords:** Discourse analysis; Identity; (Im)migrants; Suburb areas.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INSEE** – Institut National de la Statistique et des Études Économiques

**RFI** – Radio France Internationale

**CNIg** – Conselho Nacional de Imigração

**CTN** – Centro de Tradições Nordestinas

**CRS** – Compagnies Républicaines de Sécurité

**OIM** – Organização Mundial para as Migrações

**BR** – Indica que se trata do *corpus* em língua portuguesa

**FR** – Indica que se trata do *corpus* em língua francesa

**R1, R2...** – recorte 1, recorte 2..., recortes feitos nas matérias selecionadas, colocados em sequência.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1. Sobre a realidade do (i)migrante .....	1
2. Hipótese, perguntas de pesquisa e objetivos .....	9
3. Metodologia: do movimento de análise .....	10
<b>CAPÍTULO I – Do arcabouço teórico utilizado: fios que tecem toda a malha de nossa análise.....</b>	<b>13</b>
1. Abordagem discursivo-desconstrutivista: algumas considerações .....	13
1.1. Foucault e a (des)ordem do(s) discurso(s) .....	17
1.1.1. Foucault e a Psicanálise: (im)possíveis (des)articulações .....	22
1.1.2. Luto e/ou melancolia: o luto da língua, o luto da terra e a melancolia de cada dia .....	24
1.1.3. A questão do estranhamento: (im)possíveis diálogos entre Freud e Foucault .....	26
1.2. Conflito(s) identitário(s) na (pós-)modernidade .....	27
2. Linguagem midiática .....	30
<b>CAPÍTULO II – Memória discursiva acerca dos (i)migrantes: histórias (re)veladas .....</b>	<b>35</b>
1. (D)migração: a l(ab)uta daqueles que escolheram São Paulo como “lar” .....	35
1.1. Políticas migratórias: em favor do (não) deslocamento espacial visando a deslocamento social .....	38
2. A vida dos imigrantes em Paris: só lhes resta as <i>banlieux</i> .....	40
2.1. Da nacionalidade francesa: direito do sangue e direito do solo .....	42
3. Políticas migratórias: considerações .....	43
<b>CAPÍTULO III – A periferia na centralidade: a (i)migração na cidade de São Paulo .....</b>	<b>47</b>
1. Da (in)visibilidade do (i)migrante: traços da constituição identitária perpassados pelo/no discurso da mídia .....	48
2. O migrante como re-negado e excluído: discursos (per)passados pela xenofobia .....	65
3. Nem “contra”, nem “a favor”: o migrante como índice numérico nas pesquisas .....	71
4. Representações sobre o migrante que emergem no dizer da mídia brasileira .....	77

**CAPÍTULO IV – E do “outro” lado, Paris: traços (re)correntes no dizer da mídia sobre os imigrantes e a periferia ..... 79**

1. Da violência contra/do imigrante .....	80
2. A questão do (não) pertencimento: de quem é a “terra” afinal? .....	89
2.1. O estrangeiro de volta ao “estrangeiro” .....	89
2.2. Em busca do direito perdido ou nunca adquirido: reivindicando um “lugar” em solo (em que se é) estrangeiro .....	95
3. A (des)naturização da política migratória: o que se (entre)vê pelo olhar da mídia francesa .....	98
4. Representações sobre o imigrante que emergem no dizer da mídia francesa .....	102

**(IN)CONCLUSÕES ..... 105**

**REFERÊNCIAS ..... 109**

**ANEXOS ..... 117**

Anexo 1 – Matéria 1 BR .....	117
Anexo 2 – Matéria 2 BR .....	120
Anexo 3 – Matéria 3 BR .....	123
Anexo 4 – Matéria 4 BR .....	124
Anexo 5 – Matéria 5 BR .....	132
Anexo 6 – Matéria 6 BR .....	134
Anexo 7 – Matéria 1 FR .....	136
Anexo 8 – Matéria 2 FR .....	136
Anexo 9 – Matéria 3 FR .....	137
Anexo 10 – Matéria 4 FR .....	139
Anexo 11 – Matéria 5 FR .....	141
Anexo 12 – Matéria 6 FR .....	142

## INTRODUÇÃO

### 1. Sobre a realidade do (i)migrante

Pensar em São Paulo, assim como em Paris, é pensar em duas grandes cidades, as quais acolhem milhares de estrangeiros todos os anos, que trazem consigo sua cultura, seus costumes, suas experiências e seus (des)gostos. Esses “estrangeiros”, migrantes de outras partes do país – no caso de São Paulo – e imigrantes, em sua maioria, africanos, mas também de outras nacionalidades – no caso da França – encontram-se, assim que ali “desembarcam”, em um conflito identitário para além daquele que já acomete qualquer sujeito, pois se encontram, a partir da mudança, em um “entre-lugar”. Com efeito, em um mundo cada vez mais globalizado, em que os cidadãos de diversas nacionalidades circulam com maior frequência entre um país e outro, faz-se necessária uma reflexão acerca dos problemas que a (i)migração pode suscitar. Desse modo, nosso interesse no discurso da mídia sobre os (i)migrantes, especialmente aqueles que vivem na periferia de São Paulo e de Paris, está relacionado à forma pela qual a mídia representa o outro – (i)migrantes residentes na periferia – e de que maneira esse outro tem sua vez no discurso, se a tiver.

Quando se fala em imigração no Brasil, levamos em conta apenas aqueles que vêm de outros países para viver aqui; contudo, não são somente os imigrantes considerados estrangeiros em um país nas proporções do Brasil. Existem, também, os migrantes: pessoas que se mudam, dentro de um mesmo país, em busca das mesmas condições que aqueles que deixa(ra)m seus países, ou seja, os imigrantes. Na esteira dos trabalhos de Coracini (2003; 2007), pode-se afirmar que os migrantes brasileiros são considerados como verdadeiros imigrantes, tais quais aqueles que vieram de outro país. Partindo dessa consideração, optamos por trabalhar, nos recortes de mídia brasileira, apenas com os migrantes que, considerados estrangeiros, podem ser contrapostos aos imigrantes, igualmente assim considerados, na França.

Segundo dados do Censo 2000, as áreas rurais do país e a Região Nordeste

foram os que mais perderam população entre os anos de 1995 e 2000. O perfil desses migrantes é o de pessoas com cerca de 30 anos de idade, que não completaram o ensino fundamental e não têm nenhum rendimento. Acerca da problemática do imigrante, podemos refletir, então, a partir do que Melman (1992, p. 10) traz à baila, ao afirmar que as migrações parecem produzir uma espécie de histeria “experimental”, em que a definição da estrutura histórica como uma paixão de ser outro, diferente e uma paixão que leva o sujeito a se afastar da sua própria filiação, faz com que o migrante torne-se histórico por razões históricas ou sociais. Assim, essa histeria apontada por Melman poderia explicar muitos dos comportamentos sociais dos (i)migrantes, como a busca por se adaptar ao local por eles escolhido como “novo lar” e sua luta contra o preconceito existente na sociedade em que tentam se inserir.

É significativo, ainda, salientarmos que, segundo Foucault (2004, p. 271), (re)ler é sempre (re)interpretar e, por isso, é sempre violência, uma vez que será sempre uma outra leitura, um outro olhar, ainda que sobre o “mesmo” texto. Observemos, assim, a título de ilustração, um texto encontrado no *site* de uma pastoral para migrantes que, no dia 24 de junho de 2009, dava a seguinte notícia<sup>1</sup>:

Na manhã de domingo, 21 de junho, a comemoração do Dia do Migrante no centro da cidade de São Paulo teve início com uma concentração no Pátio do Colégio, seguida de caminhada até a Praça da Sé e Celebração na Catedral, às 11 horas. Com cartazes, faixas e painéis, as comunidades de migrantes, os centros de acolhida, e as associações ergueram suas vozes, seus gritos, por justiça, dignidade e solidariedade, em resposta à pergunta-lema da 24ª Semana do Migrante: Existe Justiça para todos? [...] Migrantes internos falaram do descaso do Poder Público para com a periferia de São Paulo e os dramas em relação à moradia, trabalho, educação, transporte, saúde, violência. Migrantes latino-americanos denunciaram o preconceito e a xenofobia que os atinge no mundo todo, como sendo os responsáveis pela crise e o desemprego<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Vale salientar que nenhum desses textos encontra-se em nosso *corpus*, pois não foram publicados por nenhum dos veículos selecionados.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.pastoraldomigrante.com.br/index.php?view=article&id=818:dia-do-migrante&option=com\\_content&Itemid=54](http://www.pastoraldomigrante.com.br/index.php?view=article&id=818:dia-do-migrante&option=com_content&Itemid=54)

A partir desse trecho, temos ideia do quão “sem voz nem vez” (CORACINI, 2003) sentem-se essas pessoas que, além de terem deixado “tudo” o que tinham, ou seja, praticamente nada, para trás, hoje encontram apenas desilusão e opressão, onde antes esperavam melhores oportunidades, pois, ao relatar o descaso do Poder Público para com a periferia de São Paulo (falta de condições como *moradia, trabalho, educação, transporte, saúde*), sua condição é re-velada. Pode-se perceber, ainda, no relato trazido, que a existência de *preconceito e xenofobia* é um possível responsável pela falta de emprego que aflige esses cidadãos, os quais buscam, por meio de uma manifestação – única maneira encontrada de serem “vistos”, por meio de cartazes, faixas e painéis – questionar o fato de haver, apenas no discurso de igualdade veiculado pelo governo, justiça para todos, em que o ponto de interrogação usado é o delator de tal situação.

A partir dessa constatação, faz-se importante averiguar se esse discurso xenófobo e preconceituoso é também veiculado pela grande mídia, ou se lá os migrantes encontram outra maneira de serem “vistos” e retratados. Observemos outro relato encontrado em “defesa” dos migrantes na cidade de São Paulo, o qual se encontra no *site São Paulo Minha Cidade*, onde os leitores, por meio de histórias, narram suas impressões acerca dessa metrópole. No trecho abaixo, o leitor Clesio de Luca, em matéria publicada no dia 21 de setembro de 2007, narra sua volta à cidade que anteriormente habitou, e nos dá a sua impressão sobre o que viu e ouviu sobre os migrantes:

Ouvia empresários, donos de estabelecimentos comerciais, que se queixavam da vida, dizendo que a cidade havia sido invadida por nordestinos, que a cidade virara um caos pelo número de migrantes vindos do Nordeste brasileiro. Ouvia a queixa deles com atenção e observava ao mesmo tempo os mesmos moradores da cidade ocupando o trabalho em postos de serviços, sendo a maioria de trabalhos braçais, muitos deles atuando em bares e restaurantes da capital. Como fui migrante, também me sentia um tanto ofendido pela discriminação sofrida por eles, os lojistas, atribuindo aos “invasores” o insucesso das vendas, as crises de violência e a bagunça e a deterioração dos lugares públicos e centrais, por conta da invasão nordestina. Parecia a mim um ódio enraizado no pensamento daquele paulistano, por conta da ocupação indesejada. Até

hoje não sei ao certo se a ida deles atrapalhou<sup>3</sup> a vida dos moradores de São Paulo. [...] Assim é o nosso país. Uma mescla de pessoas nascidas em lugares diferentes, mas todas com o mesmo propósito. Sobrevivência para muitos e colaborando ao mesmo tempo com a riqueza alheia, do Estado e da cidade de São Paulo, de maneira tão incompreendida por aquele dono de loja da cidade paulistana.<sup>4</sup>

O dizer desse narrador, na verdade, reflete o discurso *pré-concebido* da/pela sociedade acerca dos migrantes nordestinos que, ligados a atos de violência, bagunça e deterioração, são vítimas de discriminação (*a cidade virara um caos pelo número de migrantes do Nordeste brasileiro*). A identidade dessas pessoas está tão bem marcada como inferiorizada que poucos conseguem sobressair-se, uma vez que são recebidos como “invasores” (*invasão nordestina, ocupação indesejada*). A voz desse também migrante é um outro olhar para a situação; é o olhar de quem sabe do preconceito que sofrem todos os dias esses “outros” em seu próprio país, apesar de ele mesmo carregar em seu dizer traços das representações sobre os (i)migrantes, discurso do outro que, na verdade, fala também de si, como pode-se observar no uso do pronome possessivo “deles”, o qual denuncia certo distanciamento do narrador, que não faz mais parte daquele grupo, mesmo tendo sido ele migrante um dia.

Do “outro” lado, distante, porém nem tanto, se partirmos do pressuposto de que ali também há problemas em relação à imigração, temos Paris, localizada em um país que possui um grande número de imigrantes. Na capital francesa, contudo, observa-se uma maior preocupação com a política migratória, ainda que ela não seja tão debatida e difundida quanto se espera de um país tido como desenvolvido, como mostra o excerto a seguir, retirado do *site* da Embaixada da França na Argélia, o qual relata a entrevista do Ministro da Imigração, Integração, Identidade Nacional e Co-Desenvolvimento, o senhor Brice Hortefeux, dada ao jornal “*Le Figaro*” no dia 01 de setembro de 2007.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Os grifos são nossos.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=1207>

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.ambafrance-dz.org/article.php3?id\\_article=1417](http://www.ambafrance-dz.org/article.php3?id_article=1417)

Há mais de vinte anos, pronunciar a palavra “imigração” tornou-se, na França, manifestação de extremismo, de xenofobia e até mesmo de racismo. Portanto, o problema não é a imigração, mas a ausência de uma política de imigração. Seria preciso levar a sério uma questão fundamental para nosso destino coletivo. [...] Relacionar imigração, integração e identidade não tem nada de vergonhoso. Ocultar nossa identidade daqueles que desejam instalar-se na França seria negar os valores que forjaram nossa história e aceitar a ideia de que a imigração seja apenas ditada por considerações materiais. A promoção de nossa identidade não revela estritamente nenhuma hostilidade com respeito aos imigrantes. Ela não diminui em nada a diversidade, ela concede aos estrangeiros um guia de valores republicanos a respeitar. A identidade nacional não é um conceito, é uma bússola para os franceses e para todos aqueles que aspiram tornar-se um deles.<sup>6</sup>

Nessa passagem, o Ministro Hortefeux comenta sobre as cargas negativas que a palavra “imigração” recebeu na França, tornando-se sinônimo de extremismo, xenofobia e racismo, e que isso se deve ao fato de haver uma falta de políticas de imigração que deem conta desse problema. Na verdade, esse fato tornou-se ainda mais grave depois da aprovação, em 2006, de uma nova lei sobre imigração e integração proposta pelo então Ministro do Interior Nicolas Sarkozy. Nesse novo contexto, as políticas migratórias tornaram-se cada vez mais duras no que diz respeito à permanência na França: nem mesmo aqueles que vivem no país há mais de dez anos terão direito à regularização automática. Além disso, para aqueles que acabaram de chegar ao país e desejam instalar-se, será necessário assinar um “contrato de acolhimento e de inclusão”, com o qual se tem direito a alguns tipos de auxílio, aconselhamentos, bem como uma formação linguística oferecida pelo Estado<sup>7</sup>. No ano de 2010, mais uma vez, foi proposta por Nicolas Sarkozy, na ocasião Primeiro Ministro, uma nova política de imigração, mais rígida e excludente, o que causou diversas manifestações e discussões acerca do tema, uma vez que esse discurso vai justamente a favor da discriminação e da xenofobia. No que tange à França, também é possível observar que, aparentemente, há uma maior conscientização por parte dos

---

<sup>6</sup> Tradução livre do original em francês.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.france.fr/pt/morar/estabelecer-se-na-franca/formalidades-de-ingresso/article/mudar-para-franca>

imigrantes, que tentam organizar-se e mostrar sua voz por meio de movimentos, como o Movimento da Imigração e das Periferias (*Mouvement de l'Immigration et des Banlieux*), que organizam fóruns e debates acerca da questão na qual estão envolvidos, a fim de buscarem possíveis soluções.

Levando-se em conta esse panorama inicial, no qual podemos vislumbrar a falta de respaldo que encontram esses sujeitos, pensamos que uma análise que tente (re)velar as possíveis vozes que se sobressaem (ou não) na linguagem jornalística, seria de extrema importância para o levantamento da questão sobre os (i)migrantes, suscitando, assim, o surgimento de futuros trabalhos. A relevância da presente pesquisa justifica-se, portanto, pela tentativa de se “dar voz” à massa anônima, aos (in)fames dos quais fala Foucault (2003), no intuito de verificar se a sociedade realmente “empresta” palavras para que eles falem de si. Assim, a partir do que a análise do discurso da mídia, que discursiviza sobre os que se encontram como *ex-trangeiros*, *ex-traviados* de sua própria terra, pode proporcionar, observaremos qual o “lugar” que, de fato, encontram nesse discurso que os narra. A análise de dois diferentes *corpora*, um em língua portuguesa e outro em língua francesa, se justifica, sobretudo, pela reflexão sobre traços recorrentes e divergentes, que as abordagens da mídia, em dois diferentes países, poderiam suscitar. Existem realmente grandes diferenças entre o discurso da mídia, acerca de seus (i)migrantes, em um país como a França e em um país muito distante, cultural e geograficamente, como o Brasil?

Entretanto, para a análise de textos da mídia que falam *sobre* (i)migrantes que residem nas periferias das cidades de São Paulo e Paris, é preciso que se tragam, antes de mais nada, as condições de produção que possibilitaram a construção desses discursos que, por serem veiculados pela mídia – seja ela televisiva, impressa ou digital – a uma grande parte da população, funciona(ria)m como formadores, sempre ideológicos, de opinião, que acabam por influenciar, mesmo que inconscientemente (apesar de quase sempre ser deliberadamente consciente), outros discursos que são (re)produzidos a partir deles, devido tanto à importância que possuem quanto ao grande poder de circulação dos discursos por eles veiculados. Isso pode ser corroborado se partimos dos pressupostos extraídos da

psicanálise lacaniana e das teorias do discurso segundo os quais o “outro nos constitui assim como constitui o nosso dizer” (CORACINI, 2007, p. 59), sendo, desse modo, possível afirmar que as representações que fazemos dos (i)migrantes são perpassadas por esse olhar do outro que, na verdade, é um olhar sobre nós mesmos. É preciso, ainda, atentar para a materialidade linguística e para os efeitos de sentido por ela causados nos textos os quais nos dispomos a analisar. Dessa forma, baseados em uma perspectiva discursiva, discutiremos a noção de sujeito depreendida de tais textos, levando em conta, também, os trabalhos acerca do tema da identidade escritos por Coracini (2003; 2007), questões sobre relações de poder-saber, formações discursivas e estranhamento, refletidas a partir de Foucault (1969; 1979), bem como alguns elementos da Psicanálise, que tem na existência do inconsciente a base da sua concepção de sujeito e identidade, visão essa que influencia fortemente a vertente discursiva da qual compartilhamos.

Sobre a escolha do *corpus* em língua francesa, como tentativa de justificar a escolha da cidade de Paris, salientamos o fato de se querer analisar a diferença entre a língua/cultura que nos constitui enquanto língua “materna”, ou seja, o português, e aquela de nossa formação, ou seja, a língua francesa, com a qual gostaríamos de trabalhar e empreender uma análise. Em relação à análise do discurso que narra os re-negados, na tentativa de reforçar a importância de nosso trabalho, empresto de Foucault (2003) sua afirmação no texto “A vida dos homens infames”:

Há muito tempo, utilizei documentos semelhantes [aos encontrados por ele na Biblioteca Nacional] para um livro. Se eu o fiz então é sem dúvida por causa dessa vibração que sinto ainda hoje, quando me ocorre encontrar essas vidas ínfimas que se tomaram cinzas nas poucas frases que as abateram. O sonho teria sido o de restituir sua intensidade em uma análise. (FOUCAULT, 2003, p. 204)

Assim como Foucault, o que, também nós, pretendemos, ao traçar algumas linhas sobre pessoas que tiveram suas histórias (re)constituídas em uma notícia de jornal, é criar uma “antologia de existências” pois, “esses discursos realmente atravessaram vidas;

essas existências fora efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras” (FOUCAULT, 2003, p. 207). Com efeito, apesar de ser um tema recorrente na sociedade e de ser um fenômeno crescente, resultante da globalização, que reduziu distâncias e derrubou fronteiras, poucos trabalhos científico-acadêmicos sob um viés discursivo estão disponíveis acerca do tema. Em sua maioria, esses trabalhos estão relacionados às áreas sociais, como o trabalho de Silva (2009), que trata das condições de inserção e permanência de migrantes nordestinos no mercado de trabalho na região metropolitana da cidade de São Paulo.

Na área de Linguística e Literatura, encontramos trabalhos sobre a intolerância linguística e imigração, como o de Bueno (2006), e sobre migrantes nordestinos na literatura brasileira, como o de Araujo (1996). Em Linguística Aplicada, podemos citar o trabalho de Stübe (2008), que traz a questão da formação de professores em contexto de imigração. No caso específico de trabalhos relacionados à análise discursiva, pouco ainda se tem produzido, principalmente em relação ao tema da migração. Daí deriva a importância de grupos de pesquisa como o “Vozes (in)fames: exclusão e resistência”, ao qual pertencemos, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria José Coracini e de abrangência nacional e internacional – dentro da América Latina, que trazem a temática dos excluídos e seus percalços por meio de uma análise que, de certa forma, funciona como denúncia das condições em que vivem esses cidadãos realmente in-fames. Deleuze, em seu livro “Foucault”, expõe o pensamento foucaultiano sobre os homens infames, o qual tomamos para nosso embasamento:

O que resta, então, salvo essas vidas anônimas que só se manifestam em choque com o poder, debatendo-se com ele, trocando com ele “palavras breves e estridentes”, antes de voltar para a noite, o que Foucault chamava “a vida dos homens infames”, que ele mostrava que devíamos respeitar em função de “sua infelicidade, sua raiva ou sua incerta loucura”. Estranhamento, inverossimilhança: é essa “infâmia” que ele próprio reivindicava. (DELEUZE, 1988, pp. 102-103)

É essa acepção de in-fame que conduzirá todo o fio do nosso trabalho,

buscando problematizar a temática dos excluídos que é veiculada pela mídia. Ao trazer os trabalhos relacionados ao tema do qual tratamos, também é possível confirmar a importância da nossa pesquisa no âmbito acadêmico e social. Lembremos, ainda, que é o discurso *sobre* o (i)migrante que está em questão, e que, a partir dele, buscaremos vislumbrar se há, de certo modo, a “voz” dele ali embutida, mesmo que de maneira indireta. Authier-Revuz (1990, p. 25) denomina heterogeneidade mostrada as formas linguísticas que trazem a voz do outro. São formas que inscrevem “o outro na sequência do discurso”, já que toda fala é determinada para além do sujeito que enuncia. Podemos incluir nessas formas o discurso direto, as aspas, as formas de retoque ou de glosa, o discurso indireto livre, a ironia, etc. São essas formas marcadas do discurso do outro que observaremos nos textos em questão, para mostrar se há a inserção da voz desses (i)migrantes no discurso da mídia ou se esta apenas fala *sobre* eles, ou melhor, se eles falam ou são falados.

## **2. Hipótese, perguntas de pesquisa e objetivos**

Pensando na maneira pela qual a imprensa representa o outro – (i)migrantes residentes na periferia – formulamos a **hipótese** de que, na composição desses textos veiculados pela mídia, dá-se a construção de identidade dos (i)migrantes “sem voz nem vez” (CORACINI, 2003), já que o que se mostra é uma suposta marginalidade.

Considerando, ainda, nossa hipótese, é possível formular como perguntas de pesquisa: 1. Quais as representações de (i)migrantes que emergem desses textos? 2. O que a mídia diz sobre eles e de que maneira o fazem? 3. Há a inserção da “voz” dos (i)migrantes nessas matérias? De que maneira isso é feito? 4. Há semelhanças e/ou diferenças entre as representações da mídia desses dois países?

Como objetivo geral, pretendemos contribuir para a discussão sobre as representações veiculadas pela mídia e o modo que incidem sobre a constituição identitária dos sujeitos. Relacionados ao objetivo central, formulamos como objetivos específicos: 1.

Observar como se dá a “relação” da mídia com o outro (lembrando que ela é sempre unilateral), sendo o outro em questão os (i)migrantes que residem nas periferias; ou seja, como a mídia representa o outro. 2. Compreender como a mídia atua no processo identitário dos (i)migrantes. 3. Rastrear como a identidade do (i)migrante é construída e constituída na/pela materialidade linguística.

### **3. Metodologia: do movimento de análise**

No que tange a nossa metodologia, para o estudo da presente proposta de trabalho serão utilizados doze textos – seis de imprensa brasileira e seis de imprensa francesa, disponíveis em versão *on line* – que foram analisados com base na perspectiva teórica anteriormente apontada. A escolha de um *corpus on line* deu-se devido à inviabilidade de uma coleta de dados sob a forma de entrevistas, uma vez que, ao optar pela França, não seria possível, em tempo hábil para um mestrado, coletar *in loco* os dados necessários para a pesquisa. Dada também a dificuldade de encontrar material impresso em língua francesa, optamos por limitar nossa busca à internet, já que o tempo de pesquisa para uma dissertação é assaz limitado. Assim, a pesquisa dos textos utilizados em nosso *corpus* começou a partir da procura em um *site* de buscas da internet, em que foram colocadas palavras-chaves como: (i)migração/(i)migrantes – periferia/favela – São Paulo, e *immigration – banlieue* – Paris, em um correspondente em francês. Também fizemos a pesquisa diretamente nos *sites* dos veículos utilizados, refinando, assim, a busca. Após essa primeira etapa de pesquisa, com um material bastante numeroso “em mãos”, foi feita uma seleção inicial baseada em nossas perguntas de pesquisa e, assim, consecutivamente, até que chegássemos a um total de textos com os quais pudéssemos trabalhar.

Quanto à abrangência temporal, delimitamos o período de 2005-2010 para os textos escolhidos, que foram retirados da mídia de grande circulação em versão *on line*, a saber:

#### No Brasil:

- Folha de São Paulo (<http://www.folha.uol.com.br/> )
- O Estado de São Paulo (<http://www.estadao.com.br/> )
- Portal de notícias Terra (<http://www.terra.com.br/portal/> )
- Revista Época (<http://revistaepoca.globo.com/> )

#### Na França:

- Le Nouvel Observateur (<http://tempsreel.nouvelobs.com/> )
- Le Monde (<http://www.lemonde.fr/> )
- Portal de notícias RFI (<http://www.rfi.fr/> )
- L'Express (<http://www.lexpress.fr/> )

Não podemos afirmar que há, contudo, um tipo de equivalência exata entre todos os veículos acima apresentados, uma vez que a correspondência entre alguns é, de certa forma, possível, mas, de maneira geral, não há como estabelecer uma relação ideológica simétrica entre todos os escolhidos. Ainda, levando-se em conta a dificuldade em encontrar matérias que retratassem o (i)migrante na mídia brasileira, não houve muita possibilidade de escolha em relação aos veículos a serem selecionados, já que nem todos dispunham de matérias sobre migrantes. A partir daí, nossa análise desenvolveu-se na busca de representações que emergissem das matérias escolhidas, e que respondessem, de certo modo, nossas perguntas de pesquisa.

Por fim, nosso trabalho se configura, basicamente, em cinco capítulos, dentre os quais dois são teóricos e dois, analíticos. No primeiro capítulo, podemos vislumbrar o percurso teórico que nos amparou em nossa análise, partindo da concepção discursiva e nos aprofundando em temas relacionados à exclusão e ao discurso da pobreza e do

estranhamento, tratando, também, do discurso midiático, dentro do qual se encaixa o discurso jornalístico. No segundo capítulo, é trazido um pequeno panorama da condição do (i)migrante nas duas sociedades retratadas; são as condições de produção necessárias para um maior entendimento dos excertos analisados, tendo em vista a memória discursiva formada a partir dessas condições. No terceiro capítulo, trazemos a análise das matérias veiculadas na mídia brasileira a respeito dos migrantes que vivem (ou não) na periferia de São Paulo, enquanto no quarto capítulo, trazemos a análise do *corpus* em língua francesa, na qual o dizer da mídia sobre os imigrantes que habitam a periferia parisiense é problematizado. Finalmente, na tentativa de amarrar os fios tecidos durante a análise, buscamos fazer algumas considerações finais tendo-se em vista nossos objetivos, se estes foram alcançados ou não, bem como a nossa hipótese; tentamos, ainda, entrelaçar as abordagens da mídia em relação aos dois contextos retratados, observando se existem semelhanças e diferenças no tratamento dispensado aos (i)migrantes.

## CAPÍTULO I

### Do arcabouço teórico: fios que tecem toda a malha de nossa análise

*Toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas relações, desenvolvendo implicações – mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos...*

(Prefácio de Roberto Machado em *Microfísica do poder*, 1979, p. 11)

Neste capítulo, traços teóricos que constituem nossa formação discursiva e, por conseguinte, constituem também nossa análise, são abordados e problematizados. Cada aparato teórico trazido é um fio que tece nossa análise; desse modo, sua malha é formada por fios como: noções da abordagem discursiva, que contêm traços da desconstrução devido ao viés que tomamos; alguns elementos da psicanálise; questões sobre identidade e, também, aspectos da linguagem midiática. Passemos, então, a esses fios.

#### **1. Abordagem discursivo-desconstrutivista: algumas considerações**

Antes de iniciar nossa análise, é preciso que se (re)conheçam as condições de produção em que foram produzidos os dizeres analisados, para que se possam vislumbrar os efeitos de sentido que estes provoca(ra)m. Primeiramente, faz-se necessário definir o que entendemos por condições de produção: segundo preconiza Orlandi (1999), as condições de produção fazem parte da exterioridade linguística e podem ser agrupadas em condições de produção em sentido estrito (circunstâncias de

enunciação) e em sentido amplo (contexto sócio-histórico-ideológico). Sendo assim, elas são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto. Desse modo, para que possamos articular as condições de produção dos textos à nossa análise, é preciso que lancemos mão de alguns outros conceitos da Análise do Discurso que nos são bastante pertinentes, como as noções de memória discursiva, formação discursiva, interdiscurso, posição-sujeito, etc.

Assim, a memória discursiva é de extrema importância para que se empreenda a análise, pois se trata de um conjunto de enunciados já ditos e, de certa forma, esquecidos. Para Foucault (2004), todo enunciado se apresenta como série de formulações distintas e dispersas que forma em seu conjunto o domínio da memória discursiva e, desse modo, se pensarmos na relação da memória discursiva com a linguagem jornalística, com a qual trabalhamos, podemos asseverar que “o enunciável (o dizível) no jornalismo está ancorado num já dito e, como tal, ocorre num espaço de exterioridade em relação à língua e ao sujeito (MOURA, 2008, p. 1). Outro conceito do qual podemos lançar mão na análise dos excertos selecionados é o de interdiscurso, que afeta a maneira como o sujeito significa, em uma situação específica, já que remete a fala a outros dizeres *pré*-construídos. Em contrapartida, há, também, o intradiscurso, que se refere ao que está sendo dito naquele dado momento, em condições preestabelecidas. Todo dizer se encontra, portanto, na junção dos eixos discursivos da memória (constituição – interdiscurso) e o da atualidade (formulação – intradiscurso). Sendo assim, todo tipo de discurso que se materializa em um dado momento histórico, é passível de fragmentos do inconsciente e da ideologia.

Para que possamos nos remeter às noções básicas da análise do discurso, devemos considerar, ainda, os dois esquecimentos na fala do qual trata Pêcheux (1975), os quais são imprescindíveis para que o sujeito enuncie: o esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico, e o esquecimento número dois, da ordem da enunciação. O esquecimento número um reflete o sonho adâmico de que somos originais, de que criamos algo novo, quando, na realidade, não somos criadores e o que dizemos não é original. Na verdade, o que fazemos é retomar sentidos preexistentes.

Quando nascemos, os discursos já estavam lá, nós apenas entramos em contato com ele, moldando-nos às condições de produção em que somos inseridos. Segundo Orlandi (2009, p. 35), “os sentidos são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não por nossa vontade”. Isso não significa que não sejamos singulares na maneira como a língua e a história nos afetam, apenas constata que não somos o início e a origem delas. No esquecimento número dois, por sua vez, os sujeitos falam de uma determinada maneira; porém, poderiam ter optado por falar de outra(s). O fato de escolhermos uma maneira de falar e acharmos que determinado enunciado só pode ser dito dessa maneira acontece de acordo com a formação ideológica do sujeito, e ele, nem sempre, tem consciência disso. Dessa forma, o(s) sentido(s) não é (são) único(s).

Com efeito, é possível verificar que a linguagem não é completa em si. Há espaços incompletos, como uma forma de condição para a materialidade da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, nem os discursos, estão acabados. Eles se estruturam em um movimento constante do que é simbólico e da história que os permeia. Há, também, uma relação de forças que os constituem, ou seja, o lugar social a partir do qual o sujeito fala faz parte do discurso<sup>8</sup> que ele produz. São as relações hierárquicas, sustentadas pelo poder de diferentes lugares<sup>9</sup>, que se fazem valer no momento da enunciação. Como a ideologia e o inconsciente são materialmente ligados pela língua, pela discursividade, trabalha-se com o pressuposto de que o discurso é afetado por Formações Imaginárias (doravante FI).

Pêcheux (1975) define que as FI sempre resultam de processos discursivos anteriores e se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o enunciador projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. O lugar de onde fala o sujeito determina as relações poder-saber no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. O

---

<sup>8</sup> Partimos da concepção de discurso apreendida de Foucault (2004, p. 124), em que ele é considerado como um conjunto de enunciados que se apoia em uma mesma formação discursiva (discurso clínico, psiquiátrico, jurídico, etc.)

<sup>9</sup> Lugar, aqui, não pode ser considerado sinônimo de posição, pois enquanto a posição ideológica caminha na análise, o lugar já é predefinido, por exemplo, o de jornalista, o de professor, o de mãe, etc.

que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já ditos com os possíveis e imaginados. As FI, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções, ao passo que também orientam o sujeito na maneira pela qual ele interpreta o mundo e como se relaciona com os seus objetos. Diante dessas explicações a respeito das FI, podemos inferir que o discurso jornalístico, por meio da veiculação de diferentes FI, acaba por constituir, assim, certas FI nos leitores, devido ao poder de persuasão que possuem.

Além da configuração de posições sujeito no discurso, que agem de acordo com as imagens produzidas por eles, pode-se questionar que o sentido não existe por si só. Como já dissemos, ele é determinado pelas posições ideológicas que fazem parte do processo histórico e social em que as palavras são produzidas. Assim, as FI, em um determinado contexto histórico e posição social no discurso, determinam os sentidos produzidos pelos dizeres por meio de uma formação discursiva (doravante FD), que seria, por conseguinte, a manifestação, no discurso, de uma determinada FI em uma situação de enunciação específica. Courtine (1981), ao aproximar a noção de FD proposta por Foucault (sistema de regularidades e de dispersão) à noção de FD definida por Pêcheux, apresenta novos modos de compreensão do *corpus* na Análise do Discurso. A concepção foucaultiana de FD articula-se, por sua vez, diferentemente da de Pêcheux, a uma noção de corpus heterogêneo, instável, em processo de construção:

A definição de uma formação discursiva como uma forma de repartição, ou, ainda, um sistema de dispersão convida a colocar a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das formações discursivas; vem a fazer de sua unidade dividida “a própria lei de sua existência”. (FOUCAULT, 1986[1969], p. 149)

Com efeito, pode-se afirmar que as palavras empregadas no dizer só fazem sentido dentro das FDs nas quais se inserem. De outro modo, as palavras podem ter significados diferentes, uma vez que podem estar inscritas em FDs diferentes. Observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, a

análise dos dizeres pode nos remeter a uma FD que possibilita compreender o sentido do que foi dito. Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições do sujeito, a partir da qual o sujeito enuncia e o faz de determinada forma devido às FI e FDs que o constituem, pois sua posição vai depender das FDs nas quais seus dizeres se inscrevem. Desse modo, o sujeito que veicula a informação na mídia, que ocupa o lugar de jornalista, é constituído por determinadas FI e, mesmo que se pretenda assumir uma posição diferente da que o constitui, dificilmente conseguirá se desvincular de sua FD, que virá à tona em algum momento por meio de lapsos do inconsciente, constituído de traços ideológicos que (n)os interpelam enquanto sujeitos.

Outro ponto importante a ser trazido, relacionado ao nosso trabalho, é a noção de posição-sujeito. Para tratarmos de tal conceito, ancoramo-nos no que diz Courtine (1981, p. 43) a respeito: “uma posição-sujeito se constitui como uma relação determinada de o sujeito se relacionar com o sujeito histórico, identificando-se com o mesmo, mas cujas modalidades de identificação variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso”. Também podemos refletir sobre a posição-sujeito dos (i)migrantes retratados, que possivelmente está relacionada ao “lugar” que estes ocupam na sociedade, já que “uma variedade linguística 'vale' o que 'valem' na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, pp. 6-7).

### **1.1. Foucault e a (des)ordem do(s) discurso(s)**

Os estudos foucaultianos tiveram grande influência para o desenvolvimento do nosso trabalho, como já pudemos entrever anteriormente. Para abordarmos as contribuições de alguns de seus conceitos, partiremos de uma afirmação que nos faz refletir sobre nosso mo(vi)mento de análise, levando-se em conta que o silêncio é também uma forma de discurso, de fazer-se “ouvir”, não por meio da fala, mas daquilo que se cala:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz;

é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 1999 [1988], p. 30)

Os discursos, enquanto acontecimentos, interessam à história dos sistemas de pensamento, estudados por Foucault (1999), na medida em que podem ser inseridos em séries que permitem circunscrever o 'lugar' do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. Essas seriam as condições de produção desses discursos, as quais buscamos também localizar em nosso trabalho, para que possamos efetuar a nossa análise. Sendo assim, comecemos pela questão profícua na pesquisa de Foucault, senão a central, em torno da qual giram seus estudos: a do “poder”; mas não um poder institucionalizado, soberano, “como conjunto de instituições e aparelhos garantidores de sujeição dos cidadãos em um Estado determinado”, e sim um poder que age em relação a um sujeito, “como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização”. Entretanto, esse poder não é centralizado, e sim localizável em toda a sociedade, sendo instável, móvel e presente na(s) microestrutura(s). Haveria, assim, a “onipresença do poder”: poder que “se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro” (FOUCAULT, 1999 [1988], p. 88).

Relacionada diretamente ao poder, temos a questão da resistência, que nunca está em posição de exterioridade ao mesmo, e, sim, presente em toda a rede de poder, pois a existência de um poder pressupõe a existência de uma resistência e, ainda que esta não seja utilizada, ela está lá de forma velada e pode, a qualquer momento, se manifestar. Sua forma estaria, contudo, no plural – resistências, as quais não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. Dessa forma, existe uma relação de poder-saber que possibilita o estudo de um dado objeto, sem que essa relação seja exterior a ele. Pelo contrário, tal relação o constitui enquanto objeto passível de análise, uma vez que são criados “focos locais” de poder-saber: no caso da análise de Foucault, em particular, das relações entre penitente e confessor que, sob o signo da “carne”, “veiculam formas de sujeição e esquemas de conhecimentos, numa espécie de

vaivém incessante”. Além disso, essas relações seriam variáveis, pois “as ‘distribuições de poder’ e as ‘apropriações de saber’ não representam mais do que cortes instantâneos em processos, seja de reforço acumulado do elemento mais forte, seja de inversão da relação, seja de aumento simultâneo dos dois termos” (FOUCAULT, 1999 [1988], p. 94).

Essas seriam as duas primeiras máximas de que trata Foucault; porém, segundo ele, elas não poderiam funcionar sem uma estratégia global, que, apoiada em relações precisas e tênues, proporcionasse um duplo condicionamento, ou seja, “duplo condicionamento de uma estratégia, através da especificidade das táticas possíveis e, das táticas, pelo invólucro estratégico que as faz funcionar”. E, por fim, tem-se a última regra, que trata do discurso como ponto de encontro entre poder e saber. Segundo Foucault, “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável” (FOUCAULT, 1999 [1988], p. 95). Com efeito, o discurso seria polivalente, no sentido de que pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, adequando-se a estratégias diferentes, dependendo da posição de poder de quem se fala e do contexto em que se encontra. É importante pensar, ainda, no que destaca Foucault, ao afirmar que as correlações de força na sociedade ocidental têm passado do nível bélico ao nível político, em que o poder não é mais exercido de forma violenta, mas por meio de estratégias que visam a um objetivo, seja ele econômico, social, etc. E é essa transição que podemos visualizar nos textos analisados, em que o poder violento e o poder estratégico, por meio de agenciamentos, estão presentes.

Desse modo, o trabalho de Foucault está diretamente relacionado à questão do poder que permeia as relações em toda a sociedade, em particular, no nosso trabalho, em relação aos (i)migrantes retratados, que são, o tempo todo, “assujeitados” à burguesia. Por meio da arqueologia de Foucault, podemos, ainda, remontar à origem de muitas das causas dos atos relacionados nos textos analisados. Cabe ressaltar que a arqueologia, em Foucault,

se distingue da história das ideias tradicional em inúmeros pontos: na análise dos enunciados como fontes, ela não busca práticas manifestas

por meio dos discursos, bem como não os interpreta, mas toma-os enquanto práticas possíveis segundo regras historicamente definidas; ela, também, não atribui causalidades entre dois discursos sucessivos, mas, no repentino da ruptura, torna evidente as diferenças que os apartam; ela, ainda, não tem como pressuposto teórico a noção de sujeito como fundamento dos enunciados, mas, por meio destes, quer definir o lugar específico que um sujeito pode se colocar para enunciarlos e, por fim, ela não procura as origens remotas dos discursos, não estabelece relações entre o enunciado e seu autor, mas pretende delimitar as condições que os possibilitaram acontecer. (NICOLAZZI, 2001, p. 8)

Ao retomar Nietzsche, que afirma não existir uma origem do conhecimento, e sim uma invenção, Foucault afirma que “entre o conhecimento e as coisas que o conhecimento tem a conhecer não pode haver nenhuma relação de continuidade natural, só pode haver uma relação de violência, de dominação, de poder e de força, de violação” (FOUCAULT, 2003 [1973], p. 18). Com isso, tudo o que foi criado pelo homem tem como objetivo a vontade de poder, de dominação de uns sobre os outros, seja por meio da religião, seja por meio do conhecimento, como podemos constatar por meio de nossa análise. O que rege a sociedade atual, de certo modo, são dois modelos que discutiremos a partir de Foucault: o panóptico e o sinóptico. Foucault fundamenta que “o *Panopticon* é a utopia de uma sociedade e de um tipo de poder que é, no fundo, a sociedade que atualmente conhecemos – utopia que efetivamente se realizou” (FOUCAULT, 2003 [1973], p. 87). O panoptismo estaria instalado em instituições como escolas, hospitais, prisões, casas de correção, hospícios e fábricas, em que o modo de vigilância total e constante seria exercido na forma de poder por chefes, médicos, psiquiatras, professores que, ao vigiar, constituiria certo saber. Esse modelo teria sido o precursor das ciências na qual estamos incluídos:

Esta é a base do poder, a forma de saber-poder que vai dar lugar não às grandes ciências de observação como no caso do inquérito, mas ao que chamamos ciências humanas: Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, etc. (FOUCAULT, 2003 [1973], p. 88)

O panoptismo seria, portanto, o modelo atual de nossa sociedade, baseado em três aspectos: vigilância, controle e correção. Apesar de essas características estarem

relacionadas aos presídios e às relações jurídicas com a verdade, elas encontram-se presentes em nosso dia a dia, em lugares públicos e privados. De fato, é o modelo de vigilância – do preso, do aluno, do louco, do doente, do familiar, do vizinho, do funcionário, etc. – que domina a vida das pessoas. Cria-se uma forma de controle do tempo, do dinheiro, da vida das massas por parte dos que estão no poder que é condicionada pelo controle do conhecimento, ou seja, de um poder epistemológico, “poder de extrair dos indivíduos um saber e extrair um saber sobre estes indivíduos submetidos ao olhar e já controlados por estes diferentes poderes” (FOUCAULT, 2003 [1973], p. 121).

Do outro lado, temos o sinóptico (sin=instante; óptico=olhar) que, partindo da ideia de panóptico trazida por Foucault, a qual é representada pela sociedade disciplinar, um dos mecanismos mais eficientes do poder, remete-nos à sociedade de controle, em que a vigilância dos corpos não se dá mais, apenas, nos espaços fechados, onde o observador está presente, em tempo real, mas torna-se virtual e digital, pois independe de qualquer confinamento territorial, concretamente estabelecido. Segundo Deleuze (1992, p. 219), no que diz respeito a tais mudanças, são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares, pois, “as disciplinas, por sua vez, também conheceriam a crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial: sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser”. Ainda sobre o sinóptico, podemos nos amparar no que diz Bauman:

O sinóptico é, por natureza, global; o ato de vigiar desprende os indivíduos de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distancia, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. (...) Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se – e se ligam – na rede extraterritorial (...) O panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção - ele seduz as pessoas à vigilância. (BAUMAN, 1999, p. 60)

A partir desses pontos mais relevantes para a nossa pesquisa, é possível observar como atuam as formas de poder citadas por Foucault em nossa sociedade e

como se formaram algumas delas que ainda se encontram presentes. Mesmo ao passar por mutações, o poder sempre busca algum saber sobre o outro, alguma forma de dominação. O discurso agiria nesse ponto “como estratégia, discurso não mais como forma da verdade, mas o discurso como exercício do poder” (FOUCAULT 2003 [1973], p. 143). Como o discurso é o lugar de mobilização de poder, lugar de acesso e de luta entre poder e resistência, podemos vislumbrar essa relação nos excertos analisados, que mostram o discurso em seu funcionamento.

### **1.1.1. Foucault e a Psicanálise: (im)possíveis (des)articulações**

Gostaríamos, ainda, de fazer uma aproximação do trabalho de Foucault com a psicanálise, já que os dois permeiam toda a malha teórica que tece nossa análise. Certamente, a ligação está na crítica que ele faz à psicanálise, a qual se revela contundente em face do conceito de inconsciente, já que, para Foucault, a subjetivação do sujeito não se dá pelo inconsciente, mas pelo seu assujeitamento à ordem discursiva, ou seja,

o sujeito não é propriamente um ente, um ser, seja ele animal, divino ou humano, mas tão somente um efeito discursivo. O sujeito é uma posição estrutural na cadeia discursiva e um efeito de discurso que não remete ao ser, mas talvez ao não ser. (MALISKA, 2010. p. 3)

Porém, devemos pensar, antes, que a passagem da psicanálise para o campo da linguagem deu-se a partir de Lacan, com o qual “a psicanálise inscreveu o inconsciente na ordem simbólica, formulando que o inconsciente seria uma realidade 'transindividual' e 'estruturada como uma linguagem'” (BIRMAN, 1991, p. 15). Assim, podemos vislumbrar um ponto de convergência entre Foucault e Lacan, já que Lacan também irá considerar que “o sujeito não é o ser, pois o caráter de identidade do ser não está nele mesmo, sua identidade não é positiva, mas relativa e dependente da relação que estabelece com outros significantes” (MALISKA, 2010, p. 5). Além disso, Foucault, quando coloca que o sujeito é constituído pela linguagem, está expondo que a “linguagem, enquanto ordem do discurso, enquanto cadeia de enunciação de uma

determinada discursividade, instaura, no sujeito, certo discurso que o constitui” (MALISKA, 2010, p. 6).

Para adentrarmos um pouco mais no espaço da análise discursiva, devemos tratar, ainda, de um conceito que norteia a concepção discursivo-desconstrutivista da qual compartilhamos: o de Inconsciente. Sua definição não consegue e não pode jamais ser simplista, já que o Inconsciente não é um lugar definido espacialmente, um ser ou um ponto dentro de nossa mente, e, sim, um “saber que não se sabe”, um “lado” oculto que não remonta à falha, mas a conhecimentos e afetos dados por esquecidos ou não existentes, devido ao recalque sofrido. O recalco seria, assim, constitutivo do aparelho psíquico criado por Freud (1990); porém, faria apenas parte do processo do Inconsciente, não sendo o Inconsciente apenas recalque. Desse modo, o recalco seria o encontro do corpo físico e do simbólico atingido pelo Inconsciente, no qual reside a verdade do sujeito que não está, de forma alguma, pronta e acabada esperando para ser traduzida ao Consciente (FREUD 2006 [1915]). Uma ressalva pertinente a ser feita para a importância de se entender a diferença entre o Inconsciente e o Consciente é que eles não são opostos, não se situam em dois lados diversos, existentes fisicamente, mas no mesmo lado de um *continuum* que é o aparelho psíquico, estudado, inicialmente, por Freud (2006).

A partir da introdução aos estudos do inconsciente, poderíamos, assim, melhor relacioná-lo ao nosso trabalho, no intuito de explicitarmos o que nos impele a seu uso na tentativa de analisar as formações do inconsciente que podem emergir dos excertos. Uma delas é a ironia, a qual se instaura pelo avesso, causando uma quebra e desestabilizando os sentidos já (pre)estabelecidos em determinados contextos. Desse modo, o discurso irônico constitui-se de formas privilegiadas de resistência do sujeito na/pela/com a linguagem: são usados quando não se pode ou não se consegue – ou pensa que não se pode (nível do imaginário) – ou não se quer falar explicitamente/seriamente o que se pensa/o que se quer. Ou seja, são efeitos de sentido produzidos de um lugar, isto é, por uma posição-sujeito, em que há assimetria nas relações de poder, funcionando justamente como mecanismos de superação desta assimetria – ao menos a nível imaginário do sujeito (GARCIA, 2003).

Outro ponto importante, o qual podemos associar ao conceito de inconsciente em psicanálise, é o sintoma, onde, assim como nas demais formações do inconsciente, há uma satisfação de desejo, mas esta satisfação tem um caráter problemático e paradoxal, uma vez que é também uma “satisfação real” (Freud, 2006 [1915], p. 421), para além do princípio do prazer<sup>10</sup> e vinculada à pulsão de morte. Segundo Dias (2006), esta satisfação paradoxal seria o fundamento da concepção do núcleo real de gozo impossível de ser simbolizado, situado no cerne do sintoma. Assim, o sintoma também seria concebido como expressão do recalcado, passível de manifestações via inconsciente: “o sintoma é, então, definido como a realização de uma fantasia de conteúdo sexual, ou seja, representa, na totalidade ou em parte, a atividade sexual do sujeito provinda das fontes das pulsões parciais, normais ou perversas” (Freud, 2006 [1915], p. 402).

### **1.1.2. Luto e/ou melancolia: o luto da língua, o luto da terra e a melancolia de cada dia**

Em seu trabalho intitulado “Luto e melancolia”, Freud (1920) enfatiza a diferença entre melancolia e afeto normal de luto. Segundo ele, ambas apresentariam as mesmas características: “um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de autoestima” (FREUD, 1996 [1920], p. 250). Entretanto, enquanto no luto a autoestima permanece intacta, na melancolia há a perturbação da mesma, o que leva o sujeito à situação patológica, que merece acompanhamento específico. No luto, ainda, o objeto amado não existe mais (mesmo que simbolicamente), e toda a energia libidinal do sujeito é transferida, passado o período de luto, que pode variar de acordo com cada indivíduo, para outro objeto. Por conseguinte, quando o luto se conclui, o ego fica livre e desinibido outra vez. Na melancolia, pelo contrário, também houve uma perda, mas nem sempre o objeto não

---

<sup>10</sup> “Além do princípio do prazer” é um artigo publicado por Freud, em 1920, no qual ele desenvolve a noção de pulsão de morte e compulsão à repetição.

existe mais para o sujeito e, com isso, não há o deslocamento da energia libidinal para outro objeto.

No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. Tal fato se deve ao que constata Freud (1996 [1920], p. 251) ao concluir que “a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda”. Assim, o luto, por ser parte do inconsciente, está relacionado às percepções que temos do mundo, ao passo que a melancolia esconde de nós mesmos os reais motivos que levaram ao sentimento de perda e ao desmerecimento do ego. Relacionemos, contudo, o que salienta Freud, ao nosso objeto de estudo: da mesma maneira que se processam o luto e a melancolia no sujeito psicanalítico, haveria, também, o luto e a melancolia do sujeito (i)migrante que, ao deixar para trás sua terra natal, sua “velha” vida e, na maioria das vezes, também sua família, sofreria o luto da terra e da língua. Assim como aponta Coracini (2007):

Por que a noção do luto? O que ela tem a ver com os imigrantes e com a língua do estrangeiro? O luto, além de indicar o momento posterior à morte de alguém, que, enterrado deve aí permanecer e não mais voltar, indica também um período de tristeza, em que o apego ao morto querido – que desejamos estivesse vivo – traz sofrimento, saudades, falta... [...] O morto permanece vivo na repetição dos traços, rastros que sobre-vivem naqueles que com ele viveram e que são a garantia de sua sobre-vida... Marcas indeléveis deixadas no corpo do outro que não se apagam, ainda que se apague a chama da vida do outro (agora morto) que nele se inscreveu! O mesmo, parece, ocorre com a língua e, nela e com ela, com a cultura na qual se e(in)screve o sujeito. (CORACINI, 2007, p. 86)

Mesmo se tratando de migrantes brasileiros, levemos em conta que, devido a diferenças geográficas e econômico-sociais, não podemos afirmar que, no Brasil, se fala a mesma língua. Desse modo, cada (i)migrante reagiria de uma maneira diferente à(s) mudança(s), nem sempre apenas geográfica: enquanto alguns reagem, desde o princípio, com naturalidade e buscam inserir-se facilmente no meio em que foram supostamente acolhidos, outros, ao assumirem a perda de sua terra, passam pelo luto antes de, finalmente, se adaptarem. Ainda existem aqueles que nunca deixam de sentir a

“falta” que tudo aquilo que deixaram faz e, como não superam o luto da perda, isso os leva à melancolia. Verificaremos, nos excertos selecionados, se os (i)migrantes passaram pelo luto, ou se ainda o (re)vivem, o que os leva à melancolia constante e não os deixa mudar o “objeto de desejo” para a nova condição em que se encontram.

### **1.1.3. A questão do estranhamento: (im)possíveis diálogos entre Freud e Foucault**

Ao pensarmos nas abordagens da mídia a respeito dos sujeitos (i)migrantes, não podemos deixar de nos remeter ao conceito do estranhamento, presente na obra de Freud (1996), com o artigo “O Estranho”, no qual ele trata do “estranho familiar” e, também, no livro “Os anormais”, de Foucault (2001), no qual a questão do estranho familiar é colocada. Tentaremos dialogar entre os dois autores, buscando referências que nos ancorem em nossa análise, principalmente no que tange o conceito de estranhamento.

Freud, em 1919, publicou um texto intitulado *Das unheimliche*, o qual trata de uma análise – bastante original para a época – do conto de Hoffmann, “O Homem da Areia”. No texto, Freud assevera que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” e explica que

[a] palavra alemã ‘*unheimlich*’ é obviamente o oposto de ‘*heimlich*’ [‘doméstica’], ‘*heimisch*’ [‘nativo’] - o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque *não* é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. (FREUD, 1996 [1919], p. 286)

Aqui, podemos pensar que o (i)migrante encaixa-se perfeitamente como um *unheimliche*, uma vez que, ao mesmo tempo em que é estranho e assustador, o é porque

nos apresenta algo de “estranhamente” familiar, algo que, de certa forma, nos constitui. Por outro lado, pensemos no que diz Foucault sobre o (a)normal, quando afirma que este é, no fundo, um “monstro cotidiano, um monstro banalizado” (FOUCAULT, 2001, p. 71). Certamente, algo que é cotidiano, banalizado, encontra-se desse modo por ter se tornado “familiarizado”, passando a fazer parte do que não nos é mais “estranho”.

Podemos refletir, assim, que o (i)migrante encontra-se na intersecção entre o *unheimliche*, de Freud, e o anormal, de Foucault, os quais seriam, ao mesmo tempo, estranhos e familiares, excêntricos e banalizados, confirmando, mais uma vez, que o (i)migrante não pertence a uma “categoria” apenas, mas sempre num “entre” duas ou mais coisas, que refletem o seu (não) pertencimento.

## **1.2. Conflito(s) identitário(s) na (pós-)modernidade**

Outro ponto relacionado ao nosso trabalho, que envolve as questões identitárias pelas quais passam os (i)migrantes retratados, é discutido neste subitem. Assim, a identidade é problematizada a partir da concepção de alguns autores, que discutem sobre a sua formação e de que maneira ela afeta os sujeitos. Começemos por Hall (2002, p. 55), o qual afirma que a identidade nacional está simbolicamente baseada na ideia de um *povo ou folk puro, original* que, a partir da mudança de seu lugar de origem, deixa de ser completamente “puro”, tornando-se híbrido, misturado a outras identidades com a qual deve (con)viver. O autor ainda assevera que as nações modernas são, todas, híbridos culturais, o que corrobora a tese de que, ao migrar, passa-se a não mais haver apenas “uma identidade”, bem definida, sólida e pura, como ilusoriamente pensa-se. Há, sim, um deslocamento dessa identidade que, ao entrar em contato com outra(s), torna-se fragmentada, híbrida e “não-pura”, provocando uma crise identitária (maior) nesses (i)migrantes, o que pode acarretar a perda da identidade a qual acreditavam ser “pura” para a assimilação de uma “nova” (que será, sempre, misturada à já existente, por mais que se queira “abrir mão” de sua identidade constitutiva) ou a não-aceitação da identidade do local ao qual tenta inserir-se em detrimento da sua própria identidade (HALL, 2002, p. 62).

Hall (2002) também admite ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como um (falso) dilema entre apenas duas saídas: retornar às suas “raízes” ou desaparecer através da assimilação e da homogeneização; mas há, ainda, uma terceira possibilidade, tomada, por ele, de Bhabha (1990), que é chamada de “tradução” e

descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. **Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.** Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). **As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas são irrevogavelmente traduzidas.**<sup>11</sup> (Hall, 1992, p. 88).

Assim, na sociedade moderna, encontramos representados em identidades híbridas, que exigem constantes traduções – pois os sentidos não são unificados – e que, em momento algum, podem ser aceitas como “puras”. Porém, ainda há a ilusão de uma identidade original, assim como o desejo de manutenção da identidade nacional, remetendo sempre à cultura de origem, onde se sentem mais “acolhidos” do que em terra “estrangeira”, ou seja, “estranha” e distante geográfica e culturalmente. Os (i)migrantes retratados em nosso trabalho parecem transitar por essa “hibridade identitária” e, em alguns casos, até mesmo a noção de identidade traduzida pode ser encontrada, uma vez que, na busca por se adaptar à cultura receptora, veem-se obrigados a encontrar um “meio-termo” que não os faça perder totalmente sua identidade de origem, mas que também não os faça assimilar totalmente a cultura do Outro.

---

<sup>11</sup> Os grifos são nossos.

Podemos, ainda, refletir a partir do que Bauman (2005) problematiza, ao relacionar a questão da identidade à de “pertencimento”, uma vez que nem um nem outro “têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17). Assim, todas as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age, bem como a determinação de se manter firme a tudo isso, são fatores cruciais para o sentimento de “pertença” e para a “identidade”. Tal afirmação nos leva, certamente, à ideia de “deslocamento”, pois a identidade não está mais ligada a um ponto fixo, por mais que nunca ela mesma tenha sido fixa. Bauman define bem esse sentimento de “deslocamento”, ao afirmar que

estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e seja vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Certamente, esse sentimento de “deslocamento” pode ser vislumbrado nos textos analisados, uma vez que a descrição acima remete, indiretamente, aos dizeres que podemos entrever nos discursos veiculados pela mídia. Bauman prossegue e investiga o surgimento da ideia de identidade, que não teria sido naturalmente gestada e incubada na experiência humana, mas nascido de uma “crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26).

Por fim, devemos nos ater também ao conceito de pós-modernidade, ou “modernidade líquida”, citada por Bauman (1999) na qual as relações humanas são fugidias e tudo parece mais fluido, em relação à solidez da modernidade. Porém, outro conceito se faz necessário: o de hipermodernidade, em que a cultura é baseada no excesso, na velocidade, no imediatismo. Lipovetsky (2004) afirma que “a sociedade

hipermoderna se apresenta como a sociedade em que o tempo é cada vez mais vivido como preocupação maior, a sociedade em que se exerce e se generaliza uma pressão temporal crescente” (LIPOVETSKY, 2004, p. 75). E ainda confirma que

[o] que define a hipermodernidade não é exclusivamente a autocrítica dos saberes e das instituições modernas; é também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente. Não mais apenas a desconstrução das tradições, mas o reemprego dela sem imposição institucional, o eterno rearranjar dela conforme o princípio da soberania individual. (LIPOVETSKY, 2004, p. 98)

Podemos vislumbrar o espaço em que as identidades se movem, se fragmentam e se adaptam. Vale lembrar que a hipermodernidade não substitui a (pós-) modernidade, não há o término de uma e início de outra, mas há uma confluência onde ambas (co)existem e acabam por nos influenciar de diversas maneiras.

## **2. Linguagem midiática: “dos efeitos de poder sob a máscara do saber”**

Como nosso trabalho trata-se de uma análise discursiva que tem como *corpus* o texto jornalístico, o estudo dos mecanismos de poder que envolvem a linguagem midiática, bem como seu funcionamento enquanto linguagem de alcance das massas, é de extrema importância para o seu desenvolvimento. Desse modo, partindo do pressuposto de que, em termos de discurso, pode-se dizer que o discurso jornalístico é um gênero dentro do tipo midiático (MAINGUENEAU, 2004), objetivamos apresentar alguns de seus aspectos que possam se relacionar ao nosso *corpus*. Assim como Machado (2006), compreendemos o discurso jornalístico como um lugar de circulação e produção de sentidos. Desse modo, levando-se em conta que o discurso veiculado pela mídia é “dialógico; polifônico; opaco; ao mesmo tempo efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares; com um contrato de leitura específico, amparado na credibilidade de jornalistas e fontes” (MACHADO, 2006, p. 2), buscaremos, nos excertos a serem analisados, vislumbrar o(s) efeito(s) de

sentido que pode(m) ser ali (entre)vistos, uma vez que não há, por trás de uma notícia, apenas a “intenção” de informar o leitor, mas de exercer poder e produzir saber sobre ele. O leitor, por sua vez,

também é constituído por processos sociais e históricos, mas estes processos não são totalmente visíveis para ele. Ao ler, isto é, ao significar, um leitor mobiliza suas histórias de leituras, relacionando o texto lido a outros textos já conhecidos. Da mesma forma, pode correlacionar o que lê a si mesmo, isto é, à sua própria história pessoal, bem como ao momento histórico em que vive e ao contexto de produção da obra. Leitor e texto, portanto, vão se integrando e se desvincilhando à medida em que a historicidade de ambos emerge no processo de leitura. (MARIANI, 1999, p. 106).

Tanto o leitor como o narrador do texto são afetados pelas formações discursivas que os constituem, sendo o texto um acontecimento discursivo. Como consequência, o discurso jornalístico também é um acontecimento, que “não se dá no tempo do enunciador, mas numa temporalidade em que o passado é o memorável tecido pelo próprio acontecimento, que tem também o futuro como uma latência” (MOURA, 2008, p. 2).

Desse modo, já cientes do processo que ocorre na veiculação dos discursos, atentemos às considerações que Charaudeau (2010) faz sobre o ato de se analisar o discurso das mídias, dentre os quais se situa também o discurso jornalístico:

Abordar as mídias para tentar analisar o discurso de informação não é uma tarefa fácil. É mesmo mais difícil do que abordar o discurso político. Isso porque, enquanto se admite no mundo político, de maneira geral, que o discurso aí manifestado está intimamente ligado ao poder e, por conseguinte, à manipulação, o mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e contra a manipulação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 17)

Encontramo-nos, então, em um espaço de difícil abordagem, uma vez que a mídia, ao contrário do discurso político, tenta “camuflar” seu poder, com a suposta imparcialidade, a qual insiste em afirmar que existe. Em seguida, Charaudeau faz uma crítica a essa “pretensão” da mídia:

Entretanto, as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública – ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão; as mídias são criticadas por constituírem um quarto poder; entretanto, o cidadão aparece com frequência como refém delas, tanto pela maneira como é representado, quanto pelos efeitos passionais provocados, efeitos que se acham muito distantes de qualquer pretensão à informação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 17)

Apesar de válida, percebemos que há um grande caráter político ao afirmar que “ainda que o sejam para o bem-estar do cidadão”, pois, nenhum tipo de manipulação de massa pode ser considerado para o bem. Digamos, ainda, que a mídia exerce um “poder político” sobre os cidadãos, sendo capaz, inclusive de fazê-los rever seus conceitos e até mudar de ideia graças ao poder manipulador dos meios de comunicação. Com efeito, relacionemos esse cidadão representado pela mídia ao (i)migrante retratado em nosso *corpus* que, assim como o supracitado, são considerados “reféns” das informações veiculadas, uma vez que essas provocariam efeitos e representações incomensuráveis, pois “a eficácia simbólica das palavras só se exerce na medida em que aquele que a experimenta reconhece aquele que a exerce como no direito de exercê-la” (BOURDIEU, 1996, p. 28).

Não obstante, parece faltar, na mídia, o momento do qual trata Foucault (2003):

Momento importante este em que uma sociedade emprestou palavras, torneios e frases, rituais de linguagem à massa anônima de pessoas para que pudessem falar de si mesmas – falar delas publicamente e sob a tripla condição de que esse discurso fosse dirigido e posto em circulação em um dispositivo de poder bem definido, que fizesse aparecer o fundo até então apenas perceptível das existências, e que a partir dessa guerra ínfima das paixões e dos interesses ele desse ao poder a possibilidade de uma intervenção soberana. (FOUCAULT, 2003, p. 216)

É certo que a mídia efetua o importante papel de dispositivo responsável por colocar em circulação os discursos, seja ele o da “elite” ou o das “massas”. Por questões ideológicas e até mesmo políticas, muitas vezes o que temos é o discurso da sociedade hegemônica posto em circulação, levando ao sufocamento da “voz” daqueles que vivem

anonimamente, pois os efeitos de sentido dos discursos veiculados “correspondem à infinita variedade de valores de que se podem revestir os enunciados noticiosos, em função dos contextos em que eles se inscrevem” (GUILHAUME *apud* CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 179).

Arbex Jr., na introdução do livro “O estrangeiro”, traz bem a manutenção que a mídia exerce de seu “poder absoluto de enunciar convincentemente a verdade dos fatos, mantendo-se como uma espécie de anestesia social que absorve a energia social e a devolve sob a forma de imagens para uma massa amorfa de consumidores” (ALBEX JR. *apud* KOLTAI, 1998, p. 16). Apesar de referir-se, nesse excerto, especificamente à mídia televisiva, notamos, com o advento da internet, que esta passou a ocupar o lugar da televisão na propagação de discursos aceitos como verdades absolutas, que são absorvidos pelas massas amorfas. Em seguida, o autor descreve o que Baudrillard afirma sobre o conceito de “maiorias silenciosas”:

[...] bombardeados de estímulos, de mensagens e de testes, as massas não são mais do que um jazigo opaco, cego, como amontoados de gases estelares que só são conhecidos através da análise de seu espectro luminoso – espectro de radiações equivalentes às estatísticas e às pesquisas de opinião (...) a massa se cala como os animais e seu silêncio é comparável ao silêncio dos animais. Embora examinada até a morte (e a solicitação incessante a que é submetida, a informação, equivale ao suplício experimental dos animais nos laboratórios), ela não diz nem onde está a verdade: à direita, à esquerda? Nem o que prefere: a revolução, a repressão? Ela não tem verdade nem razão. (BAUDRILLARD, 1993, *apud* KOLTAI, 1998, p. 16)

Seriam essas “maiorias silenciosas” os (i)migrantes retratados, que aceitam o que se diz sobre eles e são considerados apenas como “amontoados de gases estelares”? Ou seria a sociedade, que aceita “verdades” impostas pela mídia sem a mínima reflexão e reação? O silêncio, no caso dos (i)migrantes (re)negados, acaba por ser uma maneira de se expressar, de mostrar sua “nulidade” diante do discurso que os narra, da sociedade que os ignora e do governo que os abomina, se pensarmos na dispersão do sujeito da qual trata Moura (2008), em uma reflexão a partir de Foucault (1979), na qual “a unidade de sentido da enunciação jornalística é um efeito de sentido

articulado às posições do enunciador relativamente ao acontecimento enunciativo” (MOURA, 2008, p. 2). Ainda segundo Moura, podemos dizer que, nessa perspectiva

o acontecimento jornalístico, como ocorrência sociolinguageira, emerge a partir de um conjunto de circunstâncias discursivas, “jogos de relações”, dentro de um espaço comunicacional de complexidade própria, em que estão imbricadas as dimensões: situacional e linguística do discurso, onde vários sujeitos – incluindo aí o jornalista – são referências para o enunciador jornal. São essas circunstâncias discursivas que, por extrapolarem o plano da textualidade jornalística, produzem o “algo mais dos discursos”. (MOURA, 2008, pp. 2-3)

A partir, então, da discussão apresentada, não podemos mais, ingenuamente, acreditar na imparcialidade a qual prega a mídia, pois, no discurso jornalístico, apesar de as narrativas aparecerem disciplinadas por uma linguagem pretensamente neutra, o que acontece é a “neutralização” das experiências sociais, conforme uma ótica pré-determinada, de modo que o que ocorre é “uma ortopedia semântica da linguagem” (MARIANI, 1998, p. 105).

## CAPÍTULO II

### Memória discursiva acerca dos (i)migrantes: histórias (re)veladas

*A colonização do Brasil fez-se da periferia para o centro, a sua nacionalização faz-se do centro para a periferia.*

Olavo Bilac (1903)

Traremos, nesse segundo capítulo, alguns dados históricos e demográficos, para que se possam vislumbrar as condições de produção em que os discursos analisados foram veiculados pela mídia. Desse modo, poderemos compreender como a materialidade linguística pode adquirir deslocamentos significativos em relação ao que (não) foi dito, uma vez que o silenciamento de outros possíveis sentidos pode implicar efeitos de sentido outros. Dividiremos, assim, este capítulo em dois itens: um que trata das condições de produção dos discursos sobre os migrantes, em São Paulo e, outro, sobre os imigrantes, em Paris, na França.

#### **1. (I)migração: a l(ab)uta daqueles que escolheram São Paulo como “lar”**

Traçando um pouco a história da migração no Brasil, a região Nordeste, de acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE<sup>12</sup>, ainda segue em primeiro lugar como área de repulsão dentro do país. Geralmente, a região de maior atração para os nordestinos é o Sudeste. Na década de 90, havia aproximadamente 500 mil nordestinos vivendo em outras regiões brasileiras. Na década seguinte, o número aumentou para cerca de 700 mil pessoas. Entre os primeiros anos da década de 90 e 2000, pelo menos 1,2 milhão de nordestinos deixaram seus estados. Já a região Sudeste absorveu cerca de 1,5 milhão de pessoas e, no mesmo período, aproximadamente 950 mil migrantes deixaram essa região com destino a outros pontos do Brasil, comprovando que há, na contramão do

---

<sup>12</sup> Os dados do IBGE aqui utilizados referem-se ao Censo realizado no ano 2000, visto que os dados referentes à migração, coletados no Censo 2010, ainda não foram divulgados.

fluxo de migrantes recebidos, um ciclo migratório saindo da região sudeste em direção a outras regiões, como podemos observar nas imagens abaixo<sup>13</sup>:



Décadas de 1960 a 1980.



Década de 1980 a 1990.



Década de 1990.

Do número de migrantes que chegaram à região Sudeste, 66,8% são oriundos do Nordeste, 14,5% do Sul, 13,5% do Centro-Oeste e 5,2% do Norte. Tais dados embasariam muitos dos discursos que ligam a migração à população nordestina na cidade de São Paulo, já que é para a grande metrópole que eles, em sua maioria, se dirigem, pensando que lá, devido às grandes proporções econômicas, também encontrarão a mesma proporção em oportunidades de emprego, moradia, educação... A pesquisa apontou, ainda, que muitos nordestinos têm migrado em direção ao Centro-Oeste, sobretudo para o Distrito Federal e o estado de Goiás e que, atualmente, tem ocorrido um grande fluxo de sulistas em direção à região Norte, como indicam os gráficos acima, especialmente para o sul do Pará, em busca das mesmas condições que os migrantes que de lá migraram buscariam aqui – mesmo pertencendo a classes sociais diferentes; ou seja, o que busca um migrante é, em geral, uma situação econômica mais favorável do que a encontrada em sua localidade de origem. Não há, contudo, nesse contrafluxo, o mesmo preconceito embutido no discurso da sociedade, da mesma maneira que não vemos como ameaça a vinda de estrangeiros de países tidos como desenvolvidos, ao passo que os mesmos estrangeiros – se levamos em conta que estrangeiro é todo aquele que vem de fora (inclusive do mesmo país) – se forem originários de países vizinhos ou de países tidos como subdesenvolvidos, não recebem o mesmo *status* daqueles vindos de Europa ou Estados Unidos, por exemplo, quando aqui desembarcam, pois, como afirma Kristeva (1994): “somos estrangeiros para nós

<sup>13</sup> **Fonte:** Wikipédia. Artigo sobre Migração Nordestina. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Migra%C3%A7%C3%A3o\\_nordestina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Migra%C3%A7%C3%A3o_nordestina)

mesmos”.

O migrante é, de fato, um (re)negado, ou seja, negado duplamente: em sua terra natal, que não deu a ele condições mínimas de sobrevivência, e na terra em que buscou abrigo, foi usado como mão de obra e transformado, muitas vezes, em “escravo branco” (CALLIGARIS, 1991, p. 27), pois, mesmo muitos anos depois da abolição, a escravidão continua veladamente presente em nossa sociedade, principalmente no que diz respeito aos (i)migrantes que, em troca de abrigo, se sujeitam às mais difíceis situações, como aceitar um emprego com um salário irrisório ou mesmo inexistente. Isso está, sem dúvida, diretamente ligado às causas pelas quais a migração acontece. Mesmo quando se dá por razões climáticas, é a razão econômica, a elas relacionada, que os leva à busca por um lugar em que possam (sobre)viver.

Contudo, existem instituições governamentais e não governamentais (ONGs), que procuram dar respaldo a esse tipo de população que é, e que se sente, deslocada geográfica e socialmente. Dentre elas, destacamos o Centro de Tradições Nordestinas (CTN), que se autodenomina “Um pedaço do Nordeste em São Paulo”, tem sede física e oferece aos migrantes cursos, exposições, atividades culturais e supletivo de 1ª a 4ª séries. Podemos relacionar, assim, o oferecimento de aulas do ensino básico a uma maior incidência de baixa escolaridade entre o número de migrantes que vêm a São Paulo? Talvez sim. Talvez seja também por isso que aqui encontram apenas emprego com exigências de baixa ou nenhuma escolaridade, tal como pedreiro, garçom, serviços gerais, etc.

Um dado interessante, apresentado no *site* do CTN<sup>14</sup>, é trazer como curiosidade o fato de São Paulo ser a maior capital nordestina do país:

Você sabia que São Paulo é a maior cidade aglutinadora de nordestinos fora do Nordeste? Estão concentrados, somente na cidade de São Paulo, mais de 2,5 milhões de migrantes nordestinos que aqui vieram para tentar uma nova vida e realizar os seus sonhos. Esse número equivale a, aproximadamente, 19,62% da população de São Paulo, e é muito maior que a população de muitas cidades nordestinas.

A frase é bastante contundente e contraditória, ao mesmo tempo, pois, à medida que os textos apresentados na análise constata a existência de um grande

---

<sup>14</sup> Endereço: <http://www.ctn.org.br/>

número de migrantes da região Nordeste do país, eles também (re)negam tal fato, tentando, de certa forma, escondê-los, ignorá-los, ou simplesmente mandá-los de volta para a “sua” terra, como se não tivessem o direito de permanecer onde quiserem. Portanto, com base nos números apresentados, percebemos a necessidade de políticas migratórias que, de fato, deem maiores e melhores condições àqueles que se encontram distantes de seu local de origem. Vejamos, em seguida, o que o governo brasileiro apresenta em relação às políticas migratórias.

### **1.1 Políticas migratórias: em favor do (não) deslocamento espacial visando ao deslocamento social**

Segundo Póvoa Neto (2007), as políticas migratórias vêm sendo objeto de debate, em todo o mundo, como instrumentos da política dos estados quanto à mobilidade espacial de migrantes e refugiados e sobre as condições de sua permanência e integração nas áreas de destino. No Brasil, contudo, não há uma política específica para o desenvolvimento de subsídios legais que garantam os direitos constituintes dos (i)migrantes, como mostra o documento final emitido no encontro intitulado *Diálogo Tripartite sobre Políticas Públicas de Migração para o Trabalho*<sup>15</sup>, realizado em São Paulo no ano de 2008, que traz como recomendação geral, dentre outras, que

É urgente a adoção de uma nova Lei que discipline a temática migratória de forma coerente com a atual Constituição Federal brasileira, haja vista que a norma em vigor não está pautada nos direitos humanos das(os) migrantes e tampouco contempla a temática da emigração. (p. 3)

O documento salienta, ainda, a importância de que haja uma maior reflexão acerca da linguagem usada para se remeter aos (i)migrantes, uma vez que muitas das denominações adotadas são depreciativas:

É necessário haver reflexão, esclarecimento e aplicação de linguagem adequada nas discussões sobre migração, evitando a utilização de termos com conotação de “criminalização”. (p. 5)

---

<sup>15</sup> O documento completo pode ser encontrado no endereço:  
[http://www.mte.gov.br/politicamigrante/imigracao\\_contribuicoes.pdf](http://www.mte.gov.br/politicamigrante/imigracao_contribuicoes.pdf)

Aqui, percebemos que o processo de designação do migrante é problematizado. Ao criar-se uma seção que remeta à sua nominalização, assume-se que há, sim, um preconceito embutido junto aos nomes usados para se lhes referir. A linguagem, então, é trazida como instrumento de manipulação, já que a maneira como falamos remonta, certamente, à nossa formação discursiva, como já vimos anteriormente.

Como um dos itens contidos no plano de ação sugerido, foi recomendado ao CNIg (Conselho Nacional de Imigração) a criação de uma base de dados em que se possa ter acesso a estudos, estatísticas, documentos, legislações e normas jurídicas sobre o migrante:

A consolidação do conhecimento significa a sistematização de pesquisas acadêmicas, normas, acordos e demais estudos, com links e sistemas de busca de informações nacionais e internacionais relacionados. Esse sistema, entre outras dimensões, deve compilar a legislação dos vários países e normas internacionais a respeito do tema migratório. (p. 8)

A partir da afirmação da importância em sistematizar trabalhos acadêmicos que pesquisem sobre o tema da (i)migração, podemos corroborar a relevância do nosso trabalho para a problematização do migrante e sua constituição, ajudando, também, na reflexão sobre uma política migratória que lhe dê o direito de ser “de fora”, mas, ao mesmo tempo, de estar dentro, ou seja, de assumir sua cultura como híbrida, tendo o direito de manifestá-la em suas diversas formas. Há, assim, um debate crescente na sociedade, não apenas no âmbito acadêmico, com o desenvolvimento de trabalhos sobre o tema da imigração e sobre a necessidade da criação de políticas migratórias eficientes, mas também na política nacional. Isso se deve ao aumento dos problemas relacionados à exploração do migrante, que é tratado, geralmente, com grande desprezo, sobretudo se for de baixa condição econômica, considerado realmente como um estrangeiro – do latim *extraneus* (*extra*: fora): o que é de fora – mesmo dentro de seu próprio país, onde teria seu direito de cidadão brasileiro assegurado por lei.

Podemos discutir, então, sobre o (não) pertencimento desse cidadão brasileiro, que se encontra num jogo em que está ao mesmo tempo dentro e fora.

Dentro, na medida em que tem seus deveres enquanto cidadão, como o de pagar seus impostos e votar obrigatoriamente, por exemplo. Por outro lado, está fora quando é (re)negado enquanto migrante, não tendo direito às mesmas condições daqueles que nasceram no local no qual ele “escolheu” viver. Essa “mão dupla”, à qual pertence o migrante, logo nos remete à Banda de Moebius<sup>16</sup>, usada por Lacan (1998) para dizer que o sujeito não é mais do que esse corte que inaugura a distinção entre dentro e fora que, na verdade, estão situados num *continuum* que não tem início ou fim, direito ou avesso, nem nenhuma separação que o dicotomizaria.

Com efeito, tramita na Câmara dos deputados o Projeto de Lei nº 5.655/09<sup>17</sup>, apresentado pelo Ministério da Justiça, que visa a editar uma nova “lei do estrangeiro”, que abrangeria apenas assuntos ligados a outras nacionalidades, os quais continuariam sendo resolvidos por meio de uma grande burocracia. Por outro lado, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), submete à avaliação pública, por sua vez, uma proposta de “Política Nacional de Imigração e Proteção ao Trabalhador Migrante”, que visa, em geral, ao trabalhador (i)migrante, sendo, desse modo, muito mais abrangente e menos autoritária.

## **2. A vida dos imigrantes em Paris: só lhes resta a *banlieue***<sup>18</sup>

A França tem uma relação bastante conturbada com seus imigrantes: nos tempos pós Segunda Guerra, o país apresentava uma baixa densidade demográfica, o que obrigou os antigos governos a receberem mão de obra de imigrantes, entre eles grupos de refugiados gregos, armênios, russos e espanhóis. Na década de 80, contudo, o país iniciou um maior controle sobre o processo de imigração. Atualmente, segundo estatísticas oficiais, divulgadas pelo INSEE<sup>19</sup>, 4,5 milhões de imigrantes vivem na França, o que representa cerca de 8% da população. Entre as pessoas de origem estrangeira, 40% adquiriram a nacionalidade francesa, obtida com uma naturalização ou

---

<sup>16</sup> Também conhecida como Fita de Moebius.

<sup>17</sup> O PL 5.655/09 pode ser acompanhado pelo site da Câmara dos Deputados no seguinte endereço: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=443102>

<sup>18</sup> *Banlieue* é o nome dado ao subúrbio de Paris e seria o equivalente à periferia no Brasil.

<sup>19</sup> Em português, "Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos", é o órgão oficial francês responsável pela coleta, análise e publicação de dados e informações sobre a economia e a sociedade da França, equivalente ao IBGE, no Brasil.

por meio de um casamento. Argelinos, marroquinos e tunisianos correspondem à grande maioria dos imigrantes, totalizando 1,5 milhão. Muitos desses imigrantes encontram-se na capital, Paris, onde os acontecimentos relatados pela mídia, dizem respeito, por um lado, ao estado de revolta latente de moradores de certos bairros de população minoritária, tipicamente pobre e mal integrada, e por outro, ao sucesso discutível da "política de reintegração regional" em seu esforço para impedir esse conflito.

Em relação à política migratória, a França apresenta um “avanço” em relação ao Brasil, com o debate constante e a criação de políticas públicas, muitas vezes polêmicas, mas que, ao menos, tocam o tema da imigração. Segundo dados da OIM (Organização Internacional para as Migrações), 1 em cada 33 pessoas vive, atualmente, em um país diferente do qual nasceu<sup>20</sup>. Em 2050, o número de migrantes internacionais pode chegar a 405 milhões. Faz-se necessário, assim, a criação de políticas migratórias que, de certa forma, tentem abolir as (de)limitações geográficas que levam o imigrante à exclusão, uma vez que, se continuarmos nessa progressão, as fronteiras serão cada vez mais movediças e tênues, tornando-se difícil a real separação entre as nacionalidades, o que minaria, finalmente, a ilusão da existência de uma “identidade pura”.<sup>21</sup>

Segundo Ventura (2008), em artigo publicado no periódico *Le Monde Diplomatique*, há essencialmente dois enfoques no modo como os governos tratam os imigrantes: como trabalhadores ou como estrangeiros: “se a condição de trabalhador evoca os direitos humanos – em particular, os direitos sociais, políticos e culturais –, o rótulo de estrangeiro pode trazer estranhamento ou até hostilidade” (VENTURA & ILLES, 2008, p. 1). O imigrante sofre, assim, a consequência dessa dupla condição: se, por um lado, trata-se de um trabalhador, seus direitos lhe devem ser assegurados, mas, se não se tem o direito à condição de assalariado, o imigrante é visto como estrangeiro (no sentido de estranho ou adversário) e, com isso, é hostilizado e renegado. Lembremos, contudo, que muitos imigrantes fazem pequenos trabalhos, porém não se encontram em situação legal no país, o que os leva a ser sempre o estrangeiro e não ter, por conseguinte, seus direitos garantidos.

Na França, houve, sem dúvida, um aumento da preocupação com a segurança em relação aos imigrantes (e não com a segurança *dos* imigrantes), ou, como

---

<sup>20</sup> Os dados podem ser encontrados no site <http://www.iom.int/jahia/jsp/index.jsp>

<sup>21</sup> Falaremos mais sobre o tema da identidade em outro capítulo.

explicita Delmas-Marty (2010), houve uma “criminalização” da imigração, sobretudo, depois dos atentados de 11 de setembro. Nos Estados Unidos e na Europa, como consequência, partidos conservadores colocaram como prioritária o desenvolvimento de políticas migratórias que, com o pretexto de “acabar” com o terrorismo, produziu um vínculo quase indissolúvel entre esse e os imigrantes, principalmente os advindos de países onde predomina a religião islâmica. Em consequência, na França, os imigrantes vêm sofrendo com a crescente preocupação com a “segurança nacional”, mascarada pelo ataque ao terrorismo, mas que esconde o tema da “identidade nacional” em seu cerne.

### **2.1. Da nacionalidade francesa: direito do sangue e direito do solo<sup>22</sup>**

Para entendermos melhor as condições de produção, dessa vez relacionadas aos dizeres veiculados pela mídia francesa, em que discursos xenófobos e anti-imigração podem ser extraídos, voltemo-nos para o que diz o Ministério da Justiça da França sobre o processo de aquisição da nacionalidade francesa (sem ser por via do pedido de naturalização):

O que é preciso saber sobre o direito à nacionalidade francesa...

A tradição francesa: o direito do solo e o direito do sangue.

O direito à naturalidade francesa é tradicionalmente baseado em dois princípios: o direito do sangue e o direito do solo.

- O direito do sangue determina a nacionalidade de uma pessoa em razão da sua ascendência, ou seja, a nacionalidade de seus pais; assim, uma criança, da qual um dos pais é francês, é francês desde seu nascimento, seja ele nascido na França ou no exterior (art. 18 do código civil francês).

- O direito do solo determina a nacionalidade de uma pessoa em razão de sua terra natal; assim, uma criança nascida na França, da qual um dos pais (seja francês ou estrangeiro) é, ele próprio, nascido na França, é francês desde seu nascimento (art. 19-3 do código civil francês).<sup>23</sup>

Nesse artigo da constituição francesa, a nacionalidade e a estrangeiridade são bem marcadas, tendo a tradição como traço principal de aquisição do direito a ser

<sup>22</sup>

Fonte: <http://www.ca-agen.justice.fr/pratique/fiches/ti/detail.asp?arId=95>

<sup>23</sup>

Tradução nossa.

cidadão francês. Podemos refletir, a partir da relação entre *jus soli* e *jus sanguinis*<sup>24</sup>, sobre a hospitalidade em relação aos imigrantes, da qual trata Derrida:

Guardando o rastro da guerra possível, a hospitalidade, desde então, só pode ser condicional, jurídica, política. Um Estado-Nação, até mesmo uma comunidade de Estados-Nações, só pode condicionar a paz, como só pode limitar a hospitalidade, o refúgio ou o asilo. E a primeira, talvez mesmo a única preocupação de Kant, é definir limitações e condições. Sabemos bem demais: jamais um Estado-Nação enquanto tal, qualquer que seja seu regime, mesmo o democrático, ou sua maioria, seja ela de direita ou de esquerda, não se abrirá a uma hospitalidade incondicional ou a um direito de asilo sem reserva. Não seria “realista” esperar ou exigir isso de um Estado-Nação enquanto tal. Este quererá sempre “controlar o fluxo de imigração”. (DERRIDA, 2004, p. 109)

Existem, também, aqueles que adquirem o direito à cidadania francesa por residirem na França há muito tempo. Seus filhos, assim, tornavam-se cidadãos franceses a partir de sua maioridade, tendo apenas, como condição, ter residido na França durante esse período. Porém, a partir da lei de 22 de julho de 1993, uma modificação foi feita: para se tornar cidadão francês, os jovens filhos de imigrantes deveriam, entre 16 e 20 anos, manifestar voluntariamente, junto às autoridades, sua vontade de se tornarem um cidadão francês. Mais tarde, em 1º de setembro de 1998, foi instaurada uma lei que permitia aos jovens nascidos na França, de pais estrangeiros, tornarem-se franceses com direitos plenos, a partir do dia de sua maioridade, sem nenhuma formalidade específica a cumprir. Para isso, bastava o jovem residir na França no dia em que completasse os 18 anos, e ter residido anteriormente durante 5 anos ou menos, entre a idade de 11 e 18 anos (art. 21-7 do código civil francês). A lei, que é válida até os dias de hoje, prevê igualmente a possibilidade de antecipar a nacionalidade francesa antes da maioridade.

Se pensarmos nos jovens retratados na matéria, eles adquiriram automaticamente a nacionalidade francesa, mas a sua identidade é dupla: não se sentem nem totalmente franceses, nem totalmente de seu país de origem, ou do país de origem dos seus pais. Há um conflito identitário que parece extrapolar os limites do corpo e avançar em seu convívio social. Somados ao tratamento como “estrangeiros” que recebem, tem-se o panorama dos atos de violência retratados nas matérias analisadas.

---

<sup>24</sup> Termos que vêm do latim e significam, respectivamente, “direito de solo” e “direito de sangue”.

### 3. Políticas migratórias: considerações

Podemos pensar segundo Ferretti (2002) que, embora não se possa diferenciar e estabelecer claramente uma distinção, existem dois tipos de migrações: forçadas e voluntárias. As migrações forçadas representariam a maioria dos movimentos migratórios ocorridos na história e teriam um fator mais dramático: “o necessário abandono do lugar em que a pessoa tem desenvolvido sua vida e estabelecido suas raízes sociais e culturais, para se dirigir a um novo lugar, muitas vezes desconhecido e até hostil (FERRETTI, 2002, p. 142). Quanto às migrações voluntárias, elas diriam respeito àqueles que migram, “apenas”, em busca de melhores oportunidades, ou seja, por razões econômicas. Ferretti ainda afirma que, levando em conta a tragédia humana provocada pela migração forçada, tais como nos mostra a história de negros, judeus e índios, por exemplo, seria preciso considerar como primeiro direito humano o de permanecer na própria terra (ou mesmo o direito de sair dela). Contudo, ao sair, mesmo que se lhes ofereça uma situação favorável, eles passariam ao segundo grupo e os direitos a eles assegurados deveriam ser os de haver uma equiparação de direitos com os nacionais do país de acolhida (ou com os próprios conterrâneos se se tratar de um mesmo país), tais como igualdade de oportunidades e tratamento laboral justo, não discriminação, etc.

No caso do Brasil, podemos citar o Art. 5º da Constituição Federal de 1988, no qual

[t]odos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Apesar deste artigo na constituição, sabemos que não há o mesmo tratamento para aqueles que aqui nasceram e para os estrangeiros. Nem mesmo entre os estrangeiros há igualdade, pois enquanto aqueles advindos dos países tidos como de primeiro mundo são bem acolhidos e exercem cargos de alta chefia, enquanto os latino-americanos ou aqueles advindos de países tidos como subdesenvolvidos são

praticamente escravizados ou, quando conseguem um trabalho, devem exercê-lo em condições precárias. Temos aí, seguramente, o mito do estrangeiro, trazido por Coracini (2007, pp. 157-158), em que “tudo o que vem de fora – da Europa ou da América do Norte, não da África ou dos demais países da América do Sul – é melhor”. Essa valorização da cultura estrangeira, especialmente dos nossos colonizadores, se deve, talvez, ao que Calligaris (1991, p. 18) afirma, quando destaca que, ao vir para o Brasil – “terra mãe gentil”, segundo nosso próprio hino – o colonizador, “mesmo que o corpo entre suas mãos não seja proibido e goze, ele sempre saberá que não é bem este o corpo que ele queria; [o] corpo que ele queria fazer gozar era o corpo que deixou, o corpo materno interdito”.

Na França, apesar de o 1º artigo da Constituição<sup>25</sup> declarar que “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As destinações sociais só podem fundamentar-se na utilidade comum”, percebemos que a partir da lei do sangue e do solo, alguns homens, quando não nascidos em solo francês, não podem usufruir desse direito da Constituição. Diferentemente do Brasil, em que os estrangeiros são citados em sua Constituição, na França não há nenhuma menção a eles em seus dezessete artigos, o que mostra que os direitos dirigem-se apenas a cidadãos “genuinamente” franceses. Há, já a partir desse fato, a exclusão do imigrante, comprovando que a França impõe duras restrições àqueles que pretendem permanecer no país e não são cidadãos franceses por direito, mesmo havendo, em comparação ao Brasil, um maior debate em relação ao tema da imigração.

---

<sup>25</sup> Pode ser consultado no endereço: <http://www.conseil-constitutionnel.fr/conseil-constitutionnel/francais/la-constitution/la-constitution-du-4-octobre-1958/declaration-des-droits-de-l-homme-et-du-citoyen-de-1789.5076.html>



### CAPÍTULO III

#### A periferia na centralidade: “do lado de cá”, a cidade de São Paulo

*Na vida real não lidamos com deuses, mas com humanos tão comuns quanto nós mesmos. São homens e mulheres cheios de contradições, que são estáveis e inconstantes, fortes e fracos, famosos e infames.*

Nelson Mandela

Pensar em uma cidade do tamanho de São Paulo, uma verdadeira megalópole, situada em um país nas proporções territoriais do Brasil, remete-nos à ideia de que, sob essas circunstâncias, seria impossível não considerar a existência de migrantes das partes mais longínquas, consideradas, de fato, como “outro país” e, ainda, de imigrantes, provenientes de outros países vizinhos, quando não, também de países distantes, todos eles em busca dos mesmos objetivos – viver da maneira mais digna possível e ter, em certa medida, direito às mesmas condições que aqueles que ali vivem desde que nasceram. Contudo, optamos por nos preocupar apenas com os migrantes para o desenvolvimento de nosso trabalho, tendo em vista, com base nos trabalhos realizados pela Prof.<sup>a</sup> Dra Maria José Coracini, que a situação entre migrantes e imigrantes é semelhante, já que os migrantes são tratados como verdadeiros “estrangeiros”, tais quais aqueles provenientes de outros países.

Desse modo, dividimos a primeira parte da análise, que trata do contexto em língua portuguesa, em dois pontos (inter)relacionados, referentes às (não) regularidades<sup>26</sup> encontradas nos textos que remetem aos migrantes; ambos os tipos de

---

<sup>26</sup> O parêntese, aqui, indica que buscaremos tanto as regularidades quanto as particularidades nos textos analisados, ou seja, a partir do regular buscaremos a dispersão.

contextos estão, de alguma forma, ligados à periferia, às margens, senão geográfica, ao menos socialmente.<sup>27</sup> Por fim, tentando dar espaço aos textos que não se encaixaram nas duas primeiras categorias, sentimos a necessidade de criar uma terceira seção, já que os recortes que mostram os migrantes como dados, simples números a serem divulgados, foi também (re)corrente.

Assim, a partir da análise do *corpus* selecionado, retirados de veículos da mídia brasileira em versão *on line*, trazemos à baila, para o presente trabalho, alguns recortes relevantes para a temática da pesquisa, com o intuito de tentar responder às perguntas de pesquisa formuladas. Dividiremos os recortes entre os que, de certa forma, lhes dão (in)visibilidade, tentando ressaltar traços que, construídos pela mídia, parecem constituir sua identidade, e aqueles que, ao narrá-los, vão “claramente”, ou de maneira velada, contra eles. Por fim, aqueles que não se encaixam nessas duas categorias são trazidos em uma terceira.

### **1. Da (in)visibilidade do migrante: traços da constituição identitária perpassados pelo/no discurso da mídia**

Tratemos, inicialmente, de uma matéria que narra a vida de um migrante nordestino que veio para São Paulo à procura de uma vida “mais” digna. Abaixo, temos um recorte de uma matéria publicada no *site* do Estadão *on line* em 19 de dezembro de 2009. Observe-se, primeiramente, o título: “As duas vidas de Raimundo”. O numeral cardinal “duas”, aqui, alude à vida dupla que dividia seu ano em duas partes: os meses que passava ao lado da família e os que passava trabalhando para sustentá-la. Também remete ao plural de sua única vida que, dividida em duas, mostrava a dupla jornada que cumpria. Um fato bastante particular, senão irônico, que esse título parece suscitar são

---

<sup>27</sup> É o que iremos observar na matéria que retrata a zona central da cidade, em que há também uma “periferia” social (daí o duplo jogo com o título: A periferia na centralidade, por estar no centro da discussão, e também por estar situada não apenas na periferia, mas também no centro da cidade).

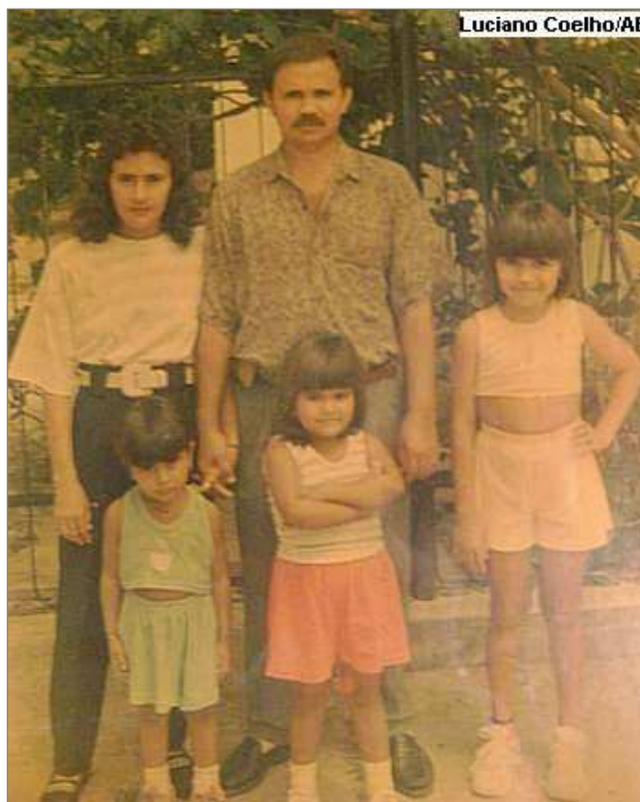
as duas vidas de alguém que não tem mais nenhuma, pois está morto; talvez, trate-se, ainda, de suas duas (outras) vidas: a vida “vivida” e aquela depois da morte. Na apresentação da matéria ainda encontramos, logo abaixo do título, o subtítulo e uma foto de toda a sua família – ele, a esposa e suas três filhas. Eis o subtítulo:

*“O trilho caiu do guindaste e encerrou uma existência em obras – entre a periferia de São Paulo e o interior do Piauí”.*

O “trilho”, aqui, é o agente responsável pelo encerramento de sua “existência em obras”. Não há menção à sua vida, apenas à sua “existência”, que parecia não fazer sentido sem o trabalho, representado pela palavra “obras”. A preposição “entre”, logo em seguida, indica o “entre-lugar” em que vive Raimundo: nem pertencente à periferia de São Paulo, nem ao interior do Piauí. Raimundo, por meio de sua morte narrada, parece realmente buscar

a chance que permite que essas pessoas absolutamente sem glória surjam do meio de tantos mortos, gesticulem ainda, continuem manifestando sua raiva, sua aflição ou sua invencível obstinação em divagar, compensa talvez o azar que lançara sobre elas, apesar de sua modéstia e de seu anonimato, o raio do poder. (Foucault, 2003, p. 208)

Observemos a foto e, em seguida, um primeiro recorte para análise:



### Matéria 1<sup>28</sup> BR

**R1-** SÃO PAULO - Raimundo tinha nome, sobrenome e dois endereços. Na segunda-feira, um trilho surgiu no caminho desse piauiense de Piracuruca. Um trilho de metrô, de 700 quilos e 12 metros de comprimento. A peça despencou do guindaste operado pelo baiano Genivaldo, natural de Jeremoabo, nas obras das futuras Estações Tamanduateí e Vila Prudente, em São Paulo. Bateu de ponta no chão e tombou em cima de um grupo de operários, que correram. Ao lado dele, o maranhense Lindomar, de Presidente Dutra, gritou. Mas Raimundo não pôde se desviar. Ergueu o braço, inutilmente, em instinto para proteger o rosto. Capacete, luvas e colete de segurança não serviram para amortecer o impacto, no lado da cabeça. Raimundo morreu na hora. Coisas que acontecem.<sup>29</sup>

<sup>28</sup>

Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:

<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,as-duas-vidas-de-raimundo,484775,0.htm>

<sup>29</sup>

Os grifos são nossos.

Observe-se a foto apresentada pelo jornalista: uma família tradicional (pai, mãe de mãos dadas e filhos na frente, um ao lado do outro), aparentemente unida e feliz, não fosse a falta de meios materiais para a sobrevivência, razão pela qual Raimundo, como tantos outros, saiu de sua cidade natal, no nordeste brasileiro. Esta foto vem reforçar os efeitos de sentido do texto, que busca conquistar a simpatia do leitor para com a vítima. É importante, também, pensar nos motivos que leva(ra)m essas pessoas a deixarem suas casas, às vezes toda a família, para se arriscarem em um lugar que nem conhecem ou sobre o qual pouco sabem mas sobre o qual “ouviram dizer” que ali encontrariam oportunidades. Na maioria dos casos, não se trata de uma escolha, mas de uma imposição feita mediante a situação em que se encontram: o olhar para os filhos famintos e nada ter para lhes dar de comer, o sentimento de fracasso que os persegue e os leva a buscarem alguma solução. Solução como a encontrada por Raimundo, que veio do Piauí para São Paulo trabalhar na construção civil e acabou “silenciado” por um trilho de metrô que caiu de um guindaste, bem em cima de seu corpo.

Dessa forma, “encontrou” uma maneira de ser retratado, mesmo que postumamente, por uma matéria de jornal. Na verdade, Raimundo representa outro mundo, um mundo pouco narrado e praticamente ignorado. Para que sua morte fosse contada, quantas outras tiveram de acontecer e continuam a acontecer todos os dias? Até mesmo Drummond de Andrade, com toda a sua sensibilidade, faz a denúncia de que Raimundo, assim como tantos outros, é “apenas uma rima”, buscando, em um “vasto mundo”, solução para a sua vida:

“[...] Mundo mundo vasto mundo  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração. [...]”

No primeiro trecho da matéria, o narrador preocupa-se em contar o fato ocorrido dando o nome e a origem de todos os envolvidos. Observemos que o nome de

Raimundo parece não ser ao acaso, pois remete, ao mesmo tempo, a “mundo” e a “imundo”; assim, ele possui também em seu nome essa dura relação do (i)migrante com o (i)mundo, a vida e a (in)famia. Envolvem-se, na tragédia de um migrante, vários outros migrantes, provenientes de vários estados, cruzando-se e entrelaçando-se o tempo todo. Os adjetivos pátrios piauiense, baiano e maranhense remetem, na verdade, a apenas um: nordestino. A história de Raimundo é a história de todos os migrantes nordestinos que, dado seu final trágico, foi digna de uma matéria no jornal. Mas, a frase final, bastante irônica, vem ressaltar que sua morte não foi tão digna assim para a sociedade dita hegemônica: “coisas que acontecem”, o que banaliza a morte dessas pessoas que são, na verdade, mais uma em meio a tantas, que ocorrem riscos todos os dias, e que, por sua origem pobre e longínqua, não merecem ser glorificadas nem noticiadas, pois estão à margem da sociedade, tanto de onde vieram, quanto para onde foram. Essa é a representação feita, de acordo com a visão da sociedade hegemônica, devido ao fato de que “vidas banais”, por serem banalizadas, levam a “mortes banais”, já que não são levadas em conta. Na realidade, é por estarem à margem – à mercê da pobreza, da fome e da miséria – que buscam melhores condições em outras margens, às margens da sociedade “civilizada” e hegemônica, que “nada vê” e tudo controla, num *ir e vir* que mescla ora o visível ora o invisível, ora a inclusão para, finalmente, chegar à exclusão; pois, não se pode estar totalmente excluído, à margem, se não houver sido incluído em algum momento, visto, notado, ao menos como “lixo a ser retirado”, dado que os excluídos são muitas vezes “lembrados” quando atrapalham o *ir e vir* dos cidadãos “de bem”.

É possível observar, também, que a linguagem usada pelo narrador (*Raimundo tinha nome, sobrenome e dois endereços...*), não lembra em nada as matérias trazidas pelos jornais quando se trata de migrantes e/ou marginalizados. Há aqui, sim, uma narrativa romanceada, cujo efeito de sentido aponta para a glorificação da tragédia trazendo o herói. De fato, o narrador parece espelhar-se na literatura para escrever sua matéria jornalística. Raimundo parece mais um personagem de “Morte e Vida Severina”

do que um “acontecimento cotidiano” de jornal, como parece apontar o excerto. Assim como Severino, personagem de João Cabral de Melo Neto, Raimundo é apenas mais um: “E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina”. Seria, dessa forma, irônico pensar em um pobre migrante sendo heroico em sua morte, sua tragédia. O autor “brinca” com isso o tempo todo, ao trazer detalhes de sua vida – onde morava, de onde veio e até mesmo uma foto de família –, mas, ao mesmo tempo, banalizando sua morte e anulando seu sofrimento com a frase: “Coisas que acontecem”, em que a palavra “coisa” dá bem a dimensão da objetificação dos migrantes trabalhadores e o restante da frase, a dimensão da sua (i)nu(ti)lidade. A ironia, aliás, é um ponto forte na narrativa, pois, ao mesmo tempo em que o narrador parece sentir empatia pelo migrante narrado, colocando-se a seu lado, como ao trazer a cidade de origem dos envolvidos, o que remonta a certo esforço em trazer alguns de seus traços, ele se coloca no lugar do “outro” preconceituoso, ao dizer que são “coisas que acontecem”, produzindo um efeito de ironia. Podemos, assim, pensar que

a ironia reside na reprise, sob a forma de pressuposto, de asserções e de pressuposições do interlocutor ou de um terceiro (caráter citacional da ironia), reprise dissimulada que equivale a uma rejeição implícita do modelo do mundo instituído pela citação. (BANGE, 1978 *apud* BRAIT, 2008 [1996], p. 92)

No excerto, percebemos o quanto os detalhes constroem o cenário narrado: o dia da semana em que tudo aconteceu, uma segunda-feira, dia que remete muito ao trabalhador que começa sua jornada semanal nesse dia da semana, o peso e o tamanho do guindaste (o agente de 700 quilos e 12 metros de comprimento), que reflete também o tamanho do peso sentido pelo corpo do operário – talvez não maior que o peso da miséria e da dor pela separação da família já não causasse – e até mesmo o fato de ele ter colocado que Raimundo “ergueu o braço, inutilmente, em instinto para proteger o rosto”, como se estivesse o narrador presente na cena do acidente.

O narrador coloca-se, desse modo, em uma dupla posição-sujeito: a de solidário à tragédia ocorrida – e, conseqüentemente, solidário à causa dos migrantes – e, concomitantemente, a de tentar se colocar no lugar dos reacionários a essa tragédia, pois se percebe em seu discurso uma ironia tênue, velada, que leva a sentido(s) dúbio(s): se, de fato, o que diz é “sério” ou se, na verdade, quer mostrar algo para além disso. Um leitor mais sensível às causas dos migrantes veria em seu texto romantizado uma homenagem, uma tentativa de dar “voz” a essas pessoas, enquanto um leitor contrário, xenófobo ou preconceituoso faria uma leitura “literal” do texto, que seria possível se não se percebesse o tom irônico adotado.

Passemos a outro trecho, da mesma matéria, em que Raimundo se junta, mais uma vez, às vozes de muitos outros migrantes, uma história singular tratada no plural, que abarca não só o sentido de Raimundo, mas de todos os Raimundos de Batalha, “um lugar onde quase todo mundo se chama Raimundo”. Ou seja, o nome próprio não é “próprio”, pois nomeia um “grupo”, nomeia qualquer um que venha de fora, que esteja à margem da sociedade.

### **Matéria 1 BR**

**R2** - Raimundo tinha duas casas, entre as quais se dividia ao longo do ano. Desde setembro, estava na batalha na capital paulista, enquanto a família o esperava 2.598 quilômetros rodoviários dali, no município de Batalha, no Piauí. Uma rotina que ele cumpria desde 1979 - e é prática de um contingente cada vez maior de migrantes temporários nordestinos, atraídos pelo boom da construção civil no País. "Eu estava a um metro dele, para bem dizer. Por um milagre de Deus o trilho não me pegou", conta o também carpinteiro Raimundo Nonato Rodrigues de Moraes, de 33 anos, ex-vizinho da vítima em Batalha - um lugar onde quase todo mundo se chama Raimundo. "Fiquei tão nervoso que passei mal. Tiveram que me levar para a enfermaria." Raimundo Nonato conta que Raimundo Maria queria mudar de vida. Que em janeiro ia-se embora, ficar de vez no Piauí. Que trabalhava desse jeito, indo e voltando, desde os 19. "Mas aí veio a fatalidade, né, senhor?" A palavra [fatalidade] é a primeira a aparecer após um acidente de trabalho no Brasil. A nota divulgada na mesma noite pela Galvão Engenharia, prometendo apurar as "prováveis causas" do acidente, começa com uma sintomática redundância: "Comunicamos e lamentamos a

fatalidade da morte de Raimundo Maria de Almeida..."<sup>30</sup>

Nesse trecho, temos três parágrafos que dividem também a história de Raimundo. Primeiramente, o de sua história como indivíduo que, na verdade, é apenas uma generalização; a seguir, o de sua história narrada por uma testemunha ocular, que presenciou o momento fatal e, em seguida, o desfecho de sua morte, descrita como uma “fatalidade” e não um acidente, o que isentaria, não fosse o efeito de ironia da matéria, a estrutura da culpa, já que a palavra “fatalidade” remete a algo imprevisível, ao acaso. Se sua família o esperava na cidade de Batalha, também no Piauí, é porque Raimundo já havia migrado de sua cidade natal, Piracuruca, para Batalha, que era possivelmente um pouco maior que aquela, onde constituiu a família que deixava de tempos em tempos para trabalhar em São Paulo, cidade que por ele era vista apenas como uma oportunidade para “mudar de vida”. O número exato da distância entre São Paulo e Batalha, 2.598 km, é outro ponto a ser considerado, pois essa distância parece mostrar uma grande comoção por parte do narrador, que humaniza, dessa forma, o sujeito, ao mesmo tempo em que dá credibilidade ao que diz, produzindo efeito de sentido de verdade, de legitimidade. O que se vê no texto em análise, de fato, é a espetacularização da morte do migrante que, por meio de sua morte, tornou-se visível – ao menos por um instante –, reconhecido, legitimado, enfim, (in)fame. Há, ainda, a fala do companheiro de trabalho e de migração de Raimundo, que narra seus momentos finais e dá voz – mesmo que indiretamente – a ele, já que as circunstâncias o silenciaram definitivamente. Porém, se não houvesse a “fatalidade”, não lhe seria dado direito à voz, uma vez que ele seria mais um entre outros migrantes trabalhando na construção civil. Com efeito, é o “luto” na morte de Ra-(i)mundo que o deixa em evidência e, a partir disso, podemos refletir se o narrador “faz o luto” de Raimundo ou deixa que o “morto”

---

<sup>30</sup>

Os grifos são nossos.

(re)viva, por meio da melancolia.<sup>31</sup> Na verdade, a morte de Raimundo traz o luto e a melancolia de todos os migrantes, por ele representados.

O nome completo de Raimundo é, finalmente, trazido. O título diz que ele tem “nome e sobrenome”, mas, no primeiro parágrafo, apenas seu primeiro nome aparece. É no terceiro parágrafo que seu nome é “aumentado” para Raimundo Maria, apenas para que não se confunda com Raimundo Nonato, seu vizinho de Batalha, “um lugar onde quase todo mundo se chama Raimundo”. Finalmente, no quarto parágrafo, seu nome e sobrenome são desvendados, por meio da voz da empresa, em uma nota que apresenta um tom formal e fúnebre: "Comunicamos e lamentamos a fatalidade da morte de Raimundo Maria de Almeida...". Talvez aí, nessa “sintomática redundância” apontada pelo narrador, haja um “lapso” que, ao mostrar um excesso de cuidado ao anunciar a morte de um de seus funcionários, indicia a sua “culpa”, quando, na verdade, seu intuito ao usar a palavra “fatalidade”, é fugir de possíveis acusações.

Em seguida, passando às discussões sobre a morte de Raimundo, o jornalista traz a fala de um sindicalista, também migrante, que pede que as causas sejam apuradas e os responsáveis, penalizados.

### **Matéria 1 BR**

**R3** - O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil em São Paulo (Sintracon), o paraibano Antonio de Souza Ramalho, de 60 anos, não aceita essa hipótese. "Acidentes têm causa e culpados, seja por falha de equipamento, descuido da empresa ou desatenção do trabalhador". E, embora considere cedo para se tirar qualquer conclusão, estranha o fato de que a área sob o guindaste não estivesse completamente isolada durante sua operação - prática que consta, diz, da Norma Regulamentadora NR 18, do Ministério do Trabalho e Emprego. A empresa afirma ter seguido "estritamente" essas regras. Mas o sindicalista relembra: "Em 1999, uma pedestre morreu em frente a uma obra, em plena Avenida Paulista, dessa forma".<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Cf. Capítulo I, seção 1.1.2, em que a noção de “luto e melancolia”, a partir de Freud (1917), é abordada.

<sup>32</sup> Os grifos são nossos.

A origem do defensor de uma investigação sobre a morte de Raimundo – paraibana – é bem marcada pelo jornalista, o que o isenta de qualquer tipo de acusação por parte da empresa que está sendo investigada. A voz aqui é dada num jogo de interesses do narrador, que busca a notícia sem que se tenham problemas com o jornal em que trabalha ou com a empresa citada em sua matéria; talvez por isso tenha dado “voz” a esse migrante que defende uma investigação: não é, aqui, o narrador que fala, mas o “sindicalista Antonio de Souza Ramalho”. Talvez seja por ser do sindicato e exercer uma função mais “elevada” que seus companheiros migrantes que o paraibano Antonio de Souza Ramalho tem nome e sobrenome, ao contrário dos outros, que têm apenas seu primeiro nome para identificá-los, o que os generaliza, banaliza e os torna comuns. Porém, apesar do *status* dado a Antonio, sua origem é trazida para deixar claro que se trata de um deles, apesar de ter maiores conhecimentos, fato que pode ser corroborado quando ele cita, por exemplo, a Norma Regulamentadora NR 18. Ao se mostrar a origem – de baiano, de maranhense, de paraibano – parece querer aproximá-los, quando, na verdade, os exclui como migrantes.

Passemos, então, a outra matéria, em que se dá certa “visibilidade” aos habitantes da periferia de São Paulo, dentre os quais, os (i)migrantes que, mesmo que não citados explicitamente, encontram em um dos “personagens” principais da matéria um representante. A matéria em questão foi veiculada na revista *Época* – versão *on line* – no dia 06/03/2009, com o seguinte título: *Cinema na laje*. Sem adiantar maiores informações sobre o corpo do texto, é possível inferir, apenas pelo título, que se trata de algo relacionado à periferia, cuja palavra “laje”, tem a ela associado um símbolo de pobreza, de casas semiconstruídas (geralmente até a laje), em que a parte de cima, onde deveria ficar o telhado coberto por telhas, é usada como um espaço de uso comum das casas, geralmente muito próximas umas das outras. No caso em questão, o espaço da laje foi ocupado por um cinema que atende gratuitamente a todos os interessados em assistir alguma de suas sessões, de acordo com o subtítulo: *Com lua, lanterninha e jabá*

*com mandioca, Sérgio Vaz e a Cooperifa inauguram cinema de graça na periferia de São Paulo.* Trazemos, relacionando à matéria anterior, em que o tipo de linguagem romantizada, diferente da jornalística, era usado para dar um efeito de sentido que levasse à emoção do leitor, uma matéria em que a linguagem coloquial é usada também para produzir o efeito de sentido de aproximar-se da população da periferia quando, na verdade, também o faz como se os moradores de lá não conseguissem ter acesso ao “sentido” do texto se o mesmo fosse veiculado em norma culta. O “espaço” dado à matéria, na revista, é bastante amplo, contendo, inclusive, diversas fotos (cinco no total), dentre elas, a de Piauí vestido com seu novo uniforme que, na tentativa de enaltecê-lo, acaba por ridicularizá-lo, pois a foto parece caricaturá-lo até mesmo de maneira Quixotesca :



### **Matéria 2<sup>33</sup> BR**

**R4 - Piauí** estava lá, tocando uma obra na Piraporinha, Zona Sul de São Paulo, como fez a vida toda. Segunda-feira, 2 de março, o solzão fervia as

<sup>33</sup>

Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63124-15228,00.html>

lajes da periferia e a cabeça branca do pedreiro. De repente, Zé Batidão, todo rapidinho, todo mineiro, apareceu com proposta das mais esquisitas. “Quer trabalhar no cinema?” Piauí se aprumou, pensou um pouco: “Como é o cargo?” Foi assim que horas mais tarde ele estava lindo. Todo esticado de uniforme vermelho, galões dourados nos ombros, botões brilhantes. “Mais bonito que isso só quando fui padrinho de casamento”, constatou. E exibiu a lanterna moderna, sem pilhas, bem chique. Francisco Rodrigues Alves, 52 anos, “mas para os meus conhecimentos Piauí”, foi promovido à lanterninha do “Cinema na Laje”, a mais nova invenção do poeta Sérgio Vaz, criador da Cooperifa.<sup>34</sup>

Aqui, mais uma vez, temos uma matéria que faz uso de uma linguagem não jornalística para retratar a periferia. É possível vislumbrar traços da linguagem literária que, ao mesmo tempo, contém traços da linguagem coloquial, como nos trechos “o solzão fervia as lajes da periferia”, “Zé batidão, todo rapidinho, todo mineiro, apareceu com proposta das mais esquisitas”. Os sufixos *-ão* e *-inho*, que indicam, respectivamente, desinências de aumentativo e de diminutivo, também apontam para a linguagem coloquial, dificilmente encontrada em textos jornalísticos. Outros trechos que mostram essa informalidade são “Piauí se aprumou”, “todo esticado de uniforme vermelho” e “bem chique”. O verbo “aprumar-se”, aqui, imprime o efeito de sentido de “vestir-se com elegância”, ao passo que o adjetivo “esticado”, de acordo com o dicionário Houaiss, tem duas acepções: **1.** Em que não há rugas ou pregas; liso, espichado, estendido; ou **2.** Derivação: sentido figurado. Uso: informal. Bem vestido. Desse modo, a partir da segunda acepção contida no dicionário, observamos que “esticado”, assim como “bem chique”, são termos usados na linguagem coloquial para substituir “elegante”, “fino”.

Passemos, então, ao migrante em questão na análise: Piauí. Em nenhum momento do texto, há referência explícita à sua origem, mas o fato de ele “estar lá, tocando uma obra”, mostra que, assim como muitos outros migrantes, ele trabalhava na construção civil. É seu apelido, porém, que remonta claramente à sua origem nordestina,

---

<sup>34</sup>

Os grifos são nossos.

provavelmente piauiense, já que o chamam de “Piauí”, mesmo que, às vezes, haja generalizações, como o fato de alguns nordestinos serem chamados de “paraíba” ou “baiano”, mesmo quando não são provenientes desses estados. Entre parênteses, a expressão que remete à sua fala, de migrante visto como “ignorante” que, em vez de dizer “mas para os mais conhecidos Piauí” ou “mais conhecido como Piauí”, diz “mas para os meus conhecimentos Piauí”. Seu nome completo aparecerá, no entanto, logo em seguida, no texto, mostrando que ele, assim como Raimundo, tem “nome e sobrenome” – Francisco Rodrigues Alvez – devido à importância de seu novo trabalho, não mais na construção civil (enquanto ainda “se chamava” Piauí), mas no cinema montado na laje, onde trabalha com “uniforme vermelho com galões dourados nos ombros e botões brilhantes”, o que ilustra bem essa suposta importância de mudança de emprego e, conseqüentemente, de *status*.

Ao começar um texto jornalístico, que trata da periferia, trazendo a “voz” de um migrante, principalmente aquela em que fala “errado”, podemos vislumbrar a imagem que a mídia constrói dos habitantes dessa periferia, inclusive, mostrando, por meio de Piauí, que sua maioria é constituída por migrantes que usam uma linguagem mais informal (não têm escolaridade) e que trabalham na construção civil (por não terem alta escolaridade, não conseguem outro tipo de emprego). Forma-se, assim, o estereótipo de migrante que, por mais que tenha estudado ou fale “corretamente”, terá sempre o peso da representação que dele se faz. Bhabha (2007, p. 105), mostra que o estereótipo constitui estratégia do discurso colonial que tem a *ambivalência* entre “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre 'no lugar', já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido...”, ou seja, estereótipo como modo ambivalente de conhecimento e poder:

Isto porque é a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individualização e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em *excesso*

do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. Todavia, a função da ambivalência como uma das estratégias discursivas e psíquicas mais significativas do poder discriminatório – seja racista ou sexista, periférico ou metropolitano – está ainda por ser mapeada. (BHABHA, 2007, pp. 105-106)

Desse modo, a partir do discurso colonialista, presente em nossa sociedade até hoje, podemos compreender de que maneira eles são mantidos: por meio do conhecimento e poder. E é esse poder que impede a reversão do discurso colonialista veiculado, que constitui, por sua vez, o discurso da mídia a respeito dos migrantes e outros moradores da periferia. O cinema na laje foi a forma por eles encontrada de ter “visibilidade”, “notoriedade” e “fama”, de não serem mais (in)fames, pois poderiam, a partir de então, ser vistos no cinema, assim como os grandes atores, já que seriam exibidos apenas filmes produzidos pela/na periferia. Podemos observar, no recorte seguinte, o estereótipo de periferia tida como cenário de violência e vandalismo.

## **Matéria 2 BR**

**R5** - A última façanha de Sérgio Vaz é o cinema. Ele acordou pensando que se não tinha cinema na periferia, era hora de inventar um. “Só retratam a periferia nos filmes pela violência”, diz. “Se a gente quiser ver filmes que nos retratam decentemente temos de ir a cinemas como o Unibanco, que a gente não tem dinheiro para pagar. Então, vamos abrir a tela para a produção de documentários aqui da periferia, que mostram que a gente também dá beijo na boca.” A periferia ganhou cinema, ao ar livre e de graça, toda primeira e terceira segunda-feira de cada mês. Como Sérgio Vaz não queria uma “sala de cinema, mas um CINEMA”, planejou tudo nos conformes. Nessa deixa entrou o lanterninha Piauí, estreando reluzente na profissão.<sup>35</sup>

Apesar de não ser trazida pelo narrador, a escolha em “dar voz” ao idealizador do *Cinema na Laje* é bastante significativa, pois problematiza o discurso da violência, associado à periferia. Essa relação, segundo Sérgio Vaz, não é totalmente válida, pois, o uso do advérbio “decentemente” denuncia que aquela é uma maneira

---

<sup>35</sup>

Os grifos são nossos.

inverossímil de retratá-la. Contudo, ele confirma a associação da periferia à pobreza, ao dizer que, para ir a esse lugar que os retrata “decentemente”, eles não têm “dinheiro para pagar”, e tal foi o incentivo para a criação de um cinema “ao ar livre e de graça”. Ao dizer que “só retratam a periferia nos filmes pela violência”, não se nega, que haja esse traço na constituição da periferia, mas que, assim como qualquer outro habitante de outras áreas urbanas, eles levam uma vida normal, o que é evidenciado pela expressão “também dão beijo na boca”. A representação da periferia, no dizer do cineasta: “só (re)tratam a periferia nos filmes pela violência”, aponta para a relação, presente no pré-conceito que a sociedade possui, entre periferia e violência – inclusive no dizer do próprio cineasta, que está na inserido na visão dicotômica da epistemologia ocidental, mesmo que, servindo-se da terceira pessoa do plural (“eles retratam”), tente imprimir um certo afastamento.

Seguimos, para finalizar os excertos relacionados à questão da (in)visibilidade, com uma matéria publicada no dia 31/12/2009, também no *site* do Estadão, em que o fato de haver bastante oportunidades de emprego para os migrantes que aqui o procuram, é exaltado pelo jornal que veicula a notícia. Diferentemente das outras reportagens até aqui trazidas, esta não dispõe de nenhuma foto. O título é o seguinte: “'Emprego não falta', diz pedreiro”. Logo em seguida, situa-se o subtítulo: “Trabalhadores, migrantes em sua maioria, comemoram o bom momento”. O verbo “comemorar”, geralmente relacionado a festa, está ligado indiretamente aos migrantes – representados pelo substantivo trabalhadores – que, segundo o jornal, comemoram o “bom momento”, em que não há falta de emprego; o uso desses termos produz o efeito de sentido de algo bom, que deve ser enaltecido, já que comemoramos apenas aquilo que vem para o bem. O dizer do título, ao remeter-se a um pedreiro, evidencia, mais uma vez, que é a construção civil o lugar que mais absorve a mão de obra migrante. Também ao dizer que “emprego não falta”, atribui-se um sentido positivo a um problema comum aos migrantes: o desemprego. Passemos, então, ao recorte 6:

### Matéria 3<sup>36</sup> BR

**R6** - O pedreiro William Morais Pinheiro, baiano de Morro do Chapéu, está feliz com a profissão. Desde que desembarcou em São Paulo, quatro anos atrás, já passou por seis construtoras, sempre melhorando o salário - piso de R\$ 785, mais R\$ 3,33 de produção por metro quadrado -, bem mais do que ganhava trabalhando na roça em Irecê, a terra do feijão. "Disso não posso me queixar, emprego é o que não falta", disse ele na quarta-feira de manhã no 11º andar de um prédio em obras na Vila Clementino, zona sul da capital, entre meia dúzia de companheiros. Se estava com a cara amarrada naquela hora, era de ficar parado por falta de massa para dar acabamento à fachada, sua especialidade.<sup>37</sup>

Mais uma vez, o migrante tem sua origem (re)velada: o nome de sua cidade natal produz o efeito de sentido de que houve uma maior preocupação com sua condição. Seu nome completo também indicia tal fato, além de sua “voz” em discurso direto. A contraposição entre “construtoras” e “roça” produz o efeito de sentido de que a troca foi válida, inclusive pelo valor de seu salário (R\$785,00) comparado ao recebido em sua terra, Irecê, tendo no termo “feijão”, que remete a um produto de subsistência mínima, o preço que recebia. Outro ponto pertinente é que, ao lermos o excerto, observamos que o título parece ser tendencioso, uma vez que leva o leitor a acreditar que, se “emprego é o que não falta”, todos os outros problemas dos migrantes estariam resolvidos. A frase “disso não posso me queixar”, que precede o trecho retirado de seu contexto e colocado no título, mostra que, na verdade, “emprego é o que não falta” não é bem para o que o dizer do migrante aponta, uma vez que o demonstrativo 'disso' (e não 'de outras coisas') restringe a sua “felicidade” à grande oferta de emprego e evidencia que existem outros aspectos em sua vida em que existem, sim, queixas. Porém, a “cara amarrada” em que se encontrava não era devido a nenhum outro possível problema, apenas a um acontecimento pontual: “a falta de massa para dar acabamento à fachada, sua especialidade”. O termo “especialidade” aponta para um saber do migrante

<sup>36</sup>

Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,emprego-nao-falta-diz-pedreiro,52631,0.htm>

<sup>37</sup>

Os grifos são nossos.

retratado, algo que seria seu diferencial, que o tornaria “especial”. Ou seja, o narrador esforça-se para que tudo pareça perfeito em seu dizer. Porém, no recorte seguinte percebemos que existe, sim, uma queixa às suas condições de trabalho:

### **Matéria 3 BR**

**R7** - "A máquina quebrou, faz três dias que não ganho um centavo", queixava-se o fachadista, imaginando que, no fim do mês, a remuneração pudesse cair pela metade. Pinheiro mora num quarto alugado na periferia da zona leste e viaja quase duas horas de trem e metrô, ida e volta, para trabalhar na zona sul. Vida dura, mas ele nem pensa em voltar para o Nordeste. Os conterrâneos concordam, embora todos tenham saudades da família - dos pais, irmãos e sobrinhos que não puderam migrar para São Paulo. "Se aqui é ruim, lá é pior", disse Valdik Pires Rocha, que chegou há 25 anos de Boa Nova, região de Jequié.<sup>38</sup>

A falta de manutenção do maquinário utilizado é denunciada por William que, devido a tal fato, não recebe nenhuma remuneração a mais, já que o salário fixo é baixo e o que realmente conta é a produção; assim, esse migrante, assim como tantos outros, está sujeito a condições de trabalho que, dada a necessidade, é obrigado a aceitar e, devido à sociedade capitalista na qual está inserido, seu trabalho é considerado apenas se ligado à produtividade, visando ao lucro do empregador. “Vida dura” denuncia o narrador, mas, mesmo assim, ele não está disposto a voltar, pois as condições em que vivia eram ainda piores (como vimos, trabalhava na roça), como confirma seu companheiro de trabalho Valdik: “Se aqui é ruim, lá é pior”. Os advérbios “cá” e “lá”, no dizer do migrante, evidenciam bem a distância, geográfica e social, entre São Paulo e sua cidade natal no Nordeste do Brasil, o entre-lugar em que vive não pertencendo totalmente nem a um nem a outro. O seu tempo de permanência, 25 anos, também corrobora a constatação de que não há condições de retornar ao estado de origem, por mais que na região sudeste encontre dificuldades.

---

<sup>38</sup>

Os grifos são nossos.

Por fim, podemos, a partir dos excertos até aqui analisados, que tentam dar certa (in)visibilidade ao migrante, destacar a representação que emerge no dizer da mídia: ambos tentam “destacar” o migrante, dando a ele seu devido “valor”, mostrando sua identidade como fixada à terra de origem, que deve ser resgatada e não discriminada. Porém, percebemos que, por trás desse discurso enaltecedor, há sempre o silenciamento do migrante, a delação de uma situação que, por mais que se dê certa visibilidade, parece que nunca será revertida.

## **2. O migrante como re-negado e excluído: discursos (per)passados pela xenofobia<sup>39</sup>**

Da mesma maneira que algumas matérias buscam dar certa “visibilidade”, de modo positivo, tomando a defesa da causa do migrante, outras, por outro lado, tratam de assuntos bastante polêmicos, como a exclusão dos migrantes pela sociedade, na defesa de políticas públicas que os “devolvam”, tais quais mercadorias, a seu estado de origem. É do que trata a matéria a seguir, veiculada pelo portal de notícias Terra, publicada no dia 5 de agosto de 2010, sob o título: “Em manifesto na web, jovens paulistas criticam migração”, em que o sujeito gramatical da frase está bem delineado: são os jovens que criticam, não a imprensa. Passemos, então, a um primeiro recorte:

### **Matéria 4<sup>40</sup> BR**

**R8** - Eles têm entre 18 e 25 anos, são universitários e se uniram a partir de um manifesto virtual, batizado de "São Paulo para os paulistas". A iniciativa, que começou com a voz solitária de uma jovem indignada diante da proposta de inserção da cultura nordestina na grade curricular de escolas

---

<sup>39</sup> Vimos, até aqui, os migrantes que têm, de certa forma, sua voz “incluída” na narração, por meio da exaltação de sua situação – embora ele também seja “falado” pelo outro. Em seguida, observaremos textos que trazem vozes contrárias à sua permanência em terras “estrangeiras”.

<sup>40</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4605938-EI6594,00-Em+manifesto+na+web+jovens+paulistas+criticam+migracao.html>

da capital do Estado, foi ganhando adeptos e, em poucos meses, já contava com mais de 600 adesões, demonstrações de apoio expressas em assinaturas numa petição online. Escolhido como porta-voz do grupo por ter um discurso mais moderado e menos conservador, o estudante Willian Godoy Navarro, 22 anos, conversou com **Terra Magazine**. Nitidamente preocupado em dosar as palavras, ele falou sobre as pretensões do movimento, que tem entre os principais objetivos discutir a questão da migração e a suposta subvalorização da cultura paulista, preterida, segundo o universitário, em função do espaço que culturas "estrangeiras"<sup>41</sup> conquistaram em São Paulo.

Aqueles que, por terem nível superior, deveriam ter uma visão mais crítica sobre temas como a migração, são os que, nesse caso, agem de maneira xenófoba e precipitada em relação aos seus compatriotas, porque, sim, eles nasceram no mesmo país e têm direito às mesmas condições básicas asseguradas por lei a qualquer cidadão brasileiro. Mas o manifesto, chamado de “São Paulo para os paulistas”, já apresenta a exclusão a partir do título, pois rejeita qualquer outro adjetivo pátrio: não é para baianos, pernambucanos, paraibanos, piauienses, nem nenhum outro advindo de qualquer estado. Seria isso válido para todos os estados? Seriam os mineiros, os fluminenses, os catarinenses ou os gaúchos recebidos e considerados da mesma forma? Nesse caso, apenas os migrantes provenientes da parte nordeste do país, em geral, são tratados realmente como “estrangeiros”.

Outro ponto importante a ser problematizado é o uso, no excerto, de “cultura nordestina” e “culturas estrangeiras”, que apontam para a “estrangeirização” da cultura nordestina, pois, se pensarmos que a língua e a cultura estão todo o tempo imbricadas, haveria no dizer desses jovens uma tentativa de separação entre cultura nordestina (considerada estrangeira) e cultura paulista (considerada “pura”), que não pertenceriam, assim, a uma mesma “cultura brasileira”, que englobaria todas elas. Isso corrobora ainda mais o argumento de que há um discurso xenófobo muito forte envolvendo a tentativa dos jovens de “derrubar” o projeto que inseriria a disciplina

---

<sup>41</sup>

Os grifos são nossos.

“culturas nordestinas” na grade escolar das escolas paulistanas.

Retomando ainda o excerto, qual seria o perfil desses cidadãos que vão contra a migração, traçado pelo jornalista? Jovens, entre 18 e 25 anos, universitários, que se uniram a partir de um manifesto organizado na internet que contava com *assinaturas numa petição on line*. Mesmo que se queira passar a imagem de uma simples descrição, o assunto, por ser bastante delicado, não consegue ser abordado como “neutro”, embora os jornalistas insistam em assegurar neutralidade quando afirmam que são imparciais ao veicular uma notícia, principalmente quando se trata da linguagem jornalística, que se baseia em uma concepção de lingua(gem) como mero instrumento de comunicação usado para “apenas” veicular informações.

A partir da “voz solitária” de uma jovem que se revolta contra a criação da disciplina de cultura nordestina na grade escolar, sua indignação conseguiu alcançar 600 adesões em alguns meses. Apesar de tentar passar a ideia de que seja um número bastante grande, se considerarmos as proporções da cidade de São Paulo e seus 12 milhões de habitantes, percebemos que 600 é um número irrisório. A discussão, então, pode ser levada ao porquê da escolha de “dar voz” à jovem indignada, disseminando, assim, seu discurso xenófobo, e não de trazer a “defesa” por meio da voz de um migrante, sendo ele o verdadeiro prejudicado. Tal fato mostra a dinâmica da sociedade hegemônica, que se esconde, no fundo, na opinião da jovem, que vê os migrantes como invasores de sua terra. O termo “voz solitária” indicia a posição do jornalista, pois permite entrever a posição discursiva do enunciador, já que se costuma dar voz a um injustiçado, criando o efeito de sentido de que a jovem que iniciou o movimento é excluída. Não podemos excluir que também possa haver, aí, ironia por parte do narrador, pois, ao colocar o termo “voz solitária” entre aspas, parece indicar uma posição contrária.

Para falar com o veículo de informação, contudo, outro jovem foi escolhido, devido ao “discurso mais moderado e menos conservador”. O uso de “mais moderado” e “menos conservador” evidencia que, por outro lado, há um discurso mais radical,

inclusive dentro do próprio grupo, justificando a escolha do jovem e evidenciando que, ao falar com a mídia, o tom adotado deve ser mais brando. No entanto, ao pertencerem ao mesmo “movimento”, compartilham, certamente, das mesmas formações discursivas. Estariam eles, realmente, interessados em “discutir a questão da migração”, como afirmam? Ou seria esse um pretexto para adentrarem no tema que, de fato, lhes interessa, ou seja, a “suposta subvalorização da cultura paulista”, a qual, segundo o jovem, deve-se ao “espaço que culturas 'estrangeiras' conquistaram em São Paulo”? É interessante atentarmos para dois pontos no trecho retomado: o uso de “suposta” remete ao não engajamento do narrador que, ao colocar tal termo, estaria deixando de compartilhar tal opinião. O segundo ponto é a designação usada pelo jornalista para se referir ao jovem, chamando-o de “universitário”, o que eleva sua importância, não sendo ele “qualquer um”, e sim, um estudante universitário, alguém que tem acesso à educação superior e que teria, como pressuposto, um embasamento maior para o seu discurso.

Kristeva (1994) assevera que o estrangeiro nos coloca diante de nós mesmos, ou seja, nós não aceitamos os (i)migrantes porque eles, ao habitar em nós mesmos, nos incomodam, pois há, de certa forma, uma identificação. Relacionamos, então, essa identificação à tentativa de repúdio dos jovens em relação aos migrantes nordestinos que vivem em São Paulo. Sobre as formas de alteridade que surgiram a partir do crescimento da imigração, Kristeva (1994) questiona:

[...] poderemos viver intimamente, subjetivamente, com os outros, viver os outros, sem ostracismo, mas também sem nivelamento? A modificação da condição dos estrangeiros, que atualmente se impõe, leva a refletir sobre a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade. (KRISTEVA, 1994, p. 9)

Podemos pensar, desse modo, que os jovens acima citados, que fazem parte de um movimento contra a migração nordestina em São Paulo, não conseguem aceitar “novas formas de alteridade” – mesmo com a condição crescente em que se encontram

os estrangeiros – assim como a maioria da população que, ainda que não compactue com nenhum tipo de movimento, tem o preconceito embutido em sua concepção, uma vez que estão inseridos em uma formação discursiva que os constitui enquanto tal. Contudo, não é todo tipo de influência que eles descartam, pois, sabemos, existe uma grande influência norte-americana e até mesmo europeia que não é contestada. Passemos, ainda, a outro recorte, publicado na mesma matéria:

#### **Matéria 4 BR**

**R9** - Existe uma representatividade muito forte, na Assembleia Legislativa, de deputados de origem nordestina, que trabalham para o povo paulista. E eles aprovam e trabalham em projetos de lei que valorizam a cultura de lá. Isso não é errado. O que ocorre é que existe uma supervalorização dessa cultura e nenhuma da paulista. Muitas vezes, o aluno passa pelo Ensino Fundamental, pelo Ensino Médio e nunca estudou, não sabe qual é a história de São Paulo, o que são os bandeirantes. E agora o cara quer inserir isso como uma disciplina, "culturas do Nordeste". Aqui não é o Nordeste. Ele deve fazer isso no Nordeste - afirma, garantindo que a preocupação do grupo não se dirige, especificamente, aos migrantes dessa região do país.<sup>42</sup>

Nesse excerto, ao referir-se à “origem nordestina” e ao “povo paulista”, o texto aponta para o efeito de sentido de busca de uma pureza que, na verdade, não existe, pois, se pensarmos na “verdadeira” origem de todos os brasileiros, incluindo paulistas e nordestinos, somos todos “estrangeiros”, descendentes diretos de imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, holandeses, japoneses, árabes, etc.). Apenas os índios teriam o “direito” de se dizerem verdadeiramente nativos. Dessa forma, não seria apenas o migrante nordestino constituído como “estrangeiro”, no sentido de forasteiro, pois, da mesma maneira que este está mais ligado às origens africanas (apesar de haver uma forte influência holandesa e francesa na região nordeste do país) os jovens paulistas estão mais ligados aos imigrantes europeus (mas, também têm, inclusive, influência africana) que, em sua maioria, vieram para a região sul e sudeste do país e refletem a raiz europeia dos brasileiros. A negação de um preconceito específico contra os

---

<sup>42</sup>

Os grifos são nossos.

“migrantes dessa região do país”, de fato, produz o efeito contrário – de afirmação – por meio da denegação que, segundo Freud (1976), seria uma via de acesso do recalado à consciência. Freud afirma que:

[a] denegação é uma *Aufhebung* do recalque, que evidencia a separação entre a função intelectual e o processo afetivo. Isso porque a negativa [*Verneinung*] é uma maneira de tomar conhecimento do recalado em seu plano apenas intelectual. O que está em jogo, nesse caso, é só uma suspensão do recalque, naturalmente ainda não sua plena aceitação [*Annahme*]. [...] Na verdade, com a negativa, somente um dos resultados do processo de recalque é revertido: aquele que impede que o conteúdo da ideia alcance a consciência. Disso resulta, então, uma aceitação apenas intelectual do recalado, o essencial do recalque permanece intocado. (FREUD, 1976, pp. 147-148).

O que eles procuram silenciar em seu dizer seria o retorno do recalado, daquilo que está presente em seu discurso sem ao menos se ter consciência. Assim, podemos afirmar que traços do discurso xenófobo, que permeia toda a sociedade, podem ser encontrados em alguns deslizos no texto, ainda que escapem a eles mesmos. Outro ponto destacado pelo jovem entrevistado é a criação de um movimento de jovens que consiga buscar a “visibilidade” almejada:

#### **Matéria 4 BR**

**R10** - O universitário conta que a sondagem na internet foi apenas uma etapa inicial. O plano agora é criar o Movimento Juventude Paulistana, uma organização com "personalidade jurídica", que, a exemplo dos ativistas ambientais do Greenpeace, pretende buscar visibilidade por meio de atos públicos. - A gente vai fazer alguma coisa na Ponte Estaiada. Uma faixa, uma mobilização que chame a atenção dos principais veículos de comunicação de São Paulo - adianta, sem, no entanto, revelar detalhes.<sup>43</sup>

A inversão dos papéis parece bastante evidente: são os jovens os “excluídos” em busca de “visibilidade”, buscando “chamar a atenção” por meio de uma

---

<sup>43</sup> Os grifos são nossos.

“mobilização”. Não há nenhuma referência aos migrantes, são apenas eles, os jovens, que passaram a buscar sua “visibilidade”, como se fossem eles os excluídos em questão. Podemos vislumbrar, aí, por meio da intenção em criar um movimento próprio que, ao mesmo tempo, exclui outros, traços de um discurso neonazista, que visa à separação entre raças das quais os jovens se dizem superiores. Os migrantes, para esses jovens, seriam considerados como “estranhos”, no sentido do *umheinlich*, de Freud, um estranho que, ao mesmo tempo, é familiar, pois há algo em que se nele nos reconhecemos; e, também, como “anormais”, aqueles que não seguem as “normas” e, por isso, não são “normais”. Porém, para a criação desse movimento, precisam de uma “personalidade jurídica” a seu grupo, visando à notoriedade por meio de “atos públicos” tais como o Greenpeace efetua. O uso de “atos públicos” aponta para o efeito de sentido de que há uma reivindicação bastante séria e abrangente, para a qual se precisa unir e lutar. A comparação com um grupo que prega o discurso em defesa da natureza é relevante se pensarmos que, ao contrário, suas manifestações podem levar a atos de violência e preconceito contra os migrantes, e não a atos em prol da proteção, tal como prega os grupos de defesa dos animais e da natureza (Greenpeace).

### **3. Nem “contra”, nem “a favor”: o migrante como índice numérico nas pesquisas**

Nesta terceira seção, procuramos situar as matérias que não se encaixam nas categorias anteriormente descritas, pois não há, aparentemente, uma tomada de partido. Porém, nesses excertos, os migrantes são colocados como dados, números em pesquisas realizadas, o que implica, assim, o seu tratamento como “objeto de estudo”, ou seja, passível apenas de preocupação demográfica. No primeiro caso, trata-se de uma matéria, publicada no dia 18/03/2010 no jornal Folha *on line*, que apresenta um estudo sobre suicídio e mostra que ele está ligado mais à condição econômica do que se imagina, porém, inversamente proporcional à mesma. O título é o seguinte: “Bairros

mais ricos de SP têm maior taxa de suicídio”. Apesar de não evocar a migração ou a periferia no título, no corpo do texto são trazidos alguns dados. Passemos ao recorte 11:

#### **Matéria 5<sup>44</sup> BR**

**R11** - Um estudo feito com dados da Prefeitura de São Paulo e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que, de 1996 a 2005, regiões centrais da cidade apresentaram o dobro da taxa média de suicídios da periferia. Enquanto os bairros centrais tiveram, em média, 6,3 casos para 100 mil habitantes por ano durante o período estudado, aqueles localizados em áreas mais distantes, na zona sul da cidade, apresentaram 3,3 casos. Ocorreram 4.275 mortes por suicídio no período. O trabalho, feito na USP (Universidade de São Paulo), será publicado em livro. O pesquisador afirma que o elevado grau de urbanização e o isolamento típico das grandes cidades – características que podem estar relacionadas a maiores índices de suicídio – são encontrados em São Paulo principalmente na área central.<sup>45</sup>

Observa-se, nesse excerto, a representação do migrante e/ou morador da periferia apenas como dados a serem apresentados, da maneira mais “objetiva” possível. As palavras “estudo”, “IBGE”, “taxa média”, “pesquisador” e “índices”, juntamente com os números apresentados – datas, taxas e quantidades – corroboram essa representação e denunciam que, talvez, o grande número de suicídios citados está diretamente relacionado à condição econômica e à zona em que vivem, já que os sujeitos retratados na matéria não são “vistos” nem enquanto cidadãos, nem enquanto seres humanos.

Apesar de ser uma matéria relativamente recente, veiculada no ano de 2010, o estudo se refere a um período bastante anterior, porém, sua validade é atestada e legitimada por dois órgãos: o IBGE, que fez a pesquisa, e a USP, que realizou o estudo e pretende publicar um livro. Os substantivos usados, tais como “o trabalho”, “o pesquisador”, vem corroborar a legitimidade dos dados, uma vez que não foi “qualquer

---

<sup>44</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u708622.shtml>

<sup>45</sup> Os grifos são nossos.

pessoa” quem o fez; trata-se de um argumento por autoridade. A contraposição entre região central e periferia é o ponto chave da matéria, que tem o suicídio como sintoma de que existe algo na zona central da cidade que leva mais pessoas a atentarem contra a própria vida. Essa oposição é relevante se pensarmos que tratamos de migrantes que vivem na periferia; na matéria, porém, eles estão concentrados na zona central da cidade, onde há uma grande área de prédios invadidos que se transformaram em verdadeiros “cortiços”. O fato de os homicídios estarem relacionados mais à área central do que a periferia, como muitos supunham, traz o efeito de surpresa que mantém o leitor preso à leitura para saber o porquê. Mais adiante, ele o explica:

### **Matéria 5 BR**

**R12** - "Em São Paulo, existe uma relação da localidade com a renda – a periferia é mais pobre. Alguns estudos mostram que países mais ricos têm taxas mais altas de suicídio. Trouxemos essa discussão [da renda] para nossa pesquisa", diz o geógrafo Daniel Bando, responsável pelo trabalho. Além da renda, a pesquisa também relaciona outros fatores de risco de suicídio, mencionados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), às maiores taxas nos bairros centrais. Segundo dados do IBGE, esses locais concentram mais solteiros e separados, estados civis relacionados a maiores chances de suicídio. Em contrapartida, há maior percentual de casados na periferia. A migração também é fator de risco. Alguns bairros centrais são conhecidos por suas comunidades estrangeiras e de outras partes do país. “Regiões em que as pessoas perdem suas características culturais têm índices mais altos de suicídio. No caso dos migrantes brasileiros, não existe a barreira da língua, mas as culturas podem ser muito diferentes em uma cidade muito mais complexa do que as de origem desses novos moradores", explica a psiquiatra Sabrina Stefanello, membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e pesquisadora em suicídio na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).<sup>46</sup>

A relação entre suicídio e renda é inversamente proporcional à zona da cidade em que vivem: apesar da “periferia” estar relacionada à “pobreza”, ela apresenta um maior número de casados e, por isso, um menor número de suicídios, ao passo que

---

<sup>46</sup> Os grifos são nossos.

as “zonas centrais da cidade” possuem uma grande quantidade de (i)migrantes – representados no texto pelo termo “comunidades estrangeiras e de outras partes do país” – que vivem, em sua maioria, longe da família. Para dar maior embasamento e legitimidade a esse raciocínio, o narrador cita que houveram alguns estudos que mostram que países mais ricos têm maiores taxas de suicídios. Dois especialistas, um geólogo e uma psiquiatra, também são trazidos para dar maior “veracidade” ao texto, assim como algumas instituições reconhecidas. O uso do termo “comunidades estrangeiras e de outras partes do país” aponta para a representação, já apresentada em recortes anteriores, do migrante como um “estrangeiro”, já que ele se encontra, no texto, na mesma situação dos estrangeiros, “apesar de não ter a barreira da língua”. Porém, podemos entrever na frase completa – “não existe a barreira da língua, mas as culturas podem ser muito diferentes”, a partir da conjunção adversativa “mas”, que há, também, um preconceito linguístico – apesar de se falar a “mesma” língua – que está intimamente ligado à diferente constituição identitária dos migrantes, os quais possuem uma visão cultural-ideológica diferente daquela dos jovens retratados na matéria, sendo possível compreender “que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentidos historicamente encontra-se marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a ‘sua’ língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história (PAYER, 2006, p. 39).

Podemos pensar, ainda, a partir do tema central sobre o qual fala a matéria – o suicídio – na pulsão de morte que leva essas pessoas, dentre elas migrantes, ao suicídio, uma vez que, no caso dos migrantes, estes se encontram tão deslocados socialmente que os tornam também psicologicamente. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que há, também, uma pulsão de vida que os levou a buscar um solo mais fértil para viver. Assim, partindo de Freud (2001 [1900]), a pulsão de vida seria representada pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, com as outras pessoas e com nós mesmos, enquanto a pulsão de morte seria manifestada pela agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o outro. O princípio do prazer e as pulsões eróticas estão relacionados com a pulsão de vida. Já a pulsão de morte, além de ser caracterizada

pela agressividade, traz a marca da compulsão à repetição, do movimento de retorno à inércia pela morte também. Embora pareçam concepções opostas, a pulsão de vida e a pulsão de morte estão conectadas, (con)fundidas e, onde há pulsão de vida, encontramos, também, a pulsão de morte. A conexão só seria acabada com a morte física do sujeito, representada, no texto, pelo suicídio. Parece haver um forte embate entre as duas pulsões no inconsciente dos migrantes e, uma vez que não possuem familiares próximos (a maioria é solteira ou separada), a pulsão de morte acaba por vencer. Ao passo que a pulsão de vida é mais visível e ruidosa, a pulsão de morte opera silenciosamente dentro do ser vivo no sentido de sua destruição. Acerca de tal silêncio Ricoeur (1977 [1965]) afirma que a pulsão de morte não deixa vestígios: é uma energia “muda” em oposição ao “clamor” da vida.

Outro texto que segue o mesmo tom, ao citar os migrantes como dados de uma pesquisa, é uma matéria, publicada no dia 21/04/2005, na Folha *on line*, em que os números decorrentes de resultados de pesquisa, dessa vez sobre a religiosidade, são divulgados. Sob o título “Igrejas evangélicas atraem mais fiéis excluídos”, o texto aponta, em números, que a exclusão leva muitos a procurarem refúgio na religião.

### **Matéria 6<sup>47</sup> BR**

**R13 - As igrejas evangélicas** brasileiras arrebanharam mais fiéis nos últimos anos nos grupos mais desprotegidos da população. É o que mostra o estudo "Retrato das Religiões do Brasil", divulgado ontem pela FGV. Dados do Censo 2000 revelam que a presença evangélica é maior do que a média (16,22%) em favelas (20,61%), periferias de regiões metropolitanas (20,72%), entre pessoas com até um ano de estudo (15,07%), desempregados (16,52%) e migrantes recentes (19,17%).<sup>48</sup>

Se pensarmos que existem “grupos mais desprotegidos da população”, podemos pensar que, por outro lado, existem aqueles que são protegidos, que possuem

---

<sup>47</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u68537.shtml>

<sup>48</sup> Os grifos são nossos.

respaldo e vivem “no centro” da sociedade, em oposição aos que vivem “à margem”, em favelas, nas zonas periféricas ou que são migrantes recentes. Se tirarmos essas divisões, e pensarmos em um migrante, desempregado, que vive em uma favela na periferia de uma metrópole, como São Paulo, veremos um sujeito silenciado, renegado, um verdadeiro (in)fame: “assim é a infâmia estrita, aquela que, não sendo misturada nem de escândalo ambíguo nem de uma surda admiração, não compõe com nenhuma espécie de glória” (FOUCAULT, 2003, p. 208). A matéria prossegue:

### **Matéria 6 BR**

**R14** - Para Neri, o declínio relativo da religião católica no Brasil se explica por "uma certa inércia" na mudança de seus costumes e regras, ao mesmo tempo em que "o contexto econômico e social no Brasil mudou muito". "A Igreja Católica não acompanhou a necessidade de mulheres e desempregados, por exemplo, que foram buscar abrigo em religiões alternativas." A pesquisa traçou ainda um perfil regional das religiões: há mais católicos no meio rural e pequenas cidades, enquanto os evangélicos se concentram nas periferias das grandes cidades. Neri disse que tal fenômeno ocorre porque a crise social e econômica foi muito mais grave nas grandes metrópoles. "O crescimento dos evangélicos é um fenômeno de periferia", afirmou. Em áreas rurais, os católicos eram 84,26%. Nas periferias das regiões metropolitanas, 65,18%. Os evangélicos representavam 20,72% dos moradores de periferias metropolitanas.<sup>49</sup>

As “religiões alternativas” citadas no excerto remetem a mulheres e desempregados, que seriam supostamente “renegados” pela igreja católica, o que produz o efeito de sentido de que esta, talvez pela forte tradição patriarcal, acolhe somente homens, de alto poder aquisitivo, e suas respectivas famílias; o próprio uso de “alternativas” produz o efeito de sentido de que existe uma religião “principal” e que as outras seriam apenas alternativas para quem não a seguisse. O fator econômico citado no texto, em relação à renda, também encontraria respaldo na periferia, onde se concentram os mais pobres.

---

<sup>49</sup>

Os grifos são nossos.

Podemos relacionar o fato de a periferia possuir um maior número de evangélicos a menor taxa de suicídio existente nessa região, pois a fé torna-se um “amuleto” ao qual se apegam na busca de forças para continuar. O discurso religioso está implicitamente relacionado à manutenção da vida dos migrantes, uma vez que a partir da afirmação: “o crescimento do número dos evangélicos é um fenômeno de periferia”, percebemos que o número de evangélicos tem aumentado na mesma medida em que aumentou o número de migrantes da região norte para a região sudeste.<sup>50</sup> As “periferias das grandes cidades” ou “periferias metropolitanas”, seriam as “zonas de invisibilidade social” (HASHIGUTI, 2010) que os deixariam à margem da política social e (in)visíveis aos olhos da sociedade. A busca do migrante, então, ao respaldar-se no discurso religioso, é a busca pela pulsão de vida que visa ao seu (não-)silenciamento, o que engendra possibilidades de resistência, de choque com o poder, pois “o ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele [o poder], tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 2003, p. 207).

#### **4. Representações sobre o migrante que emergem no dizer da mídia brasileira**

A partir da análise dos excertos publicados em veículos de comunicação brasileiros, podemos fazer algumas constatações, com base nas (não) regularidades encontradas. O migrante, em sua maioria advindo da região nordeste do país, encontra diversas dificuldades quando aqui chega – geralmente “sem eira nem beira” –, como a difícil adaptação à nova cultura, aos novos hábitos e, principalmente, à nova vida longe da família. Talvez, a falta de emprego não seja um de seus maiores problemas, visto que, devido à mão de obra não qualificada, “facilmente” encontram trabalho na construção civil, como Raimundo e William, retratados nas matérias 1 e 3,

---

<sup>50</sup> Ver gráfico na página 42.

respectivamente, e em outros serviços que não exijam nenhum tipo de capacitação, como o caso do “lanterninha” Piauí, que também trabalhava na construção civil anteriormente.

Para serem “vistos”, já que se situam numa “zona de invisibilidade social” (HASHIGUTI, 2010), apenas por meio da morte, como no caso de Raimundo, ou quando “incomodam” a sociedade dita hegemônica, como na tentativa de implementar a disciplina de “Cultura nordestina” em suas escolas. No mais, os migrantes são sempre (re)negados pela sociedade na qual “escolheram” viver, inclusive pela imprensa que é formad(or)a por essa/dessa mesma sociedade. Como não se pode (re)negá-los totalmente, visto que “fazem parte” do meio social, são tratados como números em pesquisas, como porcentagens, ou seja, apenas como “mais um”, ou, até mesmo, “nenhum”, como pudemos observar nas matérias 5 e 6.

Existem, contudo, algumas tentativas de enaltecê-los, como a própria matéria sobre a morte de Raimundo ou a que “comemora” a demanda por trabalhadores, sendo eles migrantes ou não. Não se deve, entretanto, haver generalizações. Todas as afirmações foram feitas baseadas no *corpus* utilizado, formado por cinco diferentes veículos de informação, que refletem, certamente, posições políticas diferentes, pois pertencem, conseqüentemente, a diferentes formações discursivas.

Outro ponto importante a ser mencionado diz respeito à constituição identitária do migrante que, mesmo sendo cidadão brasileiro tanto quanto seus “hospedeiros”, encontra-se em uma “crise” que pode levá-lo ao luto pela perda de suas raízes e até mesmo à melancolia, se esse luto não for superado. Nesse caso, não podemos generalizar a todos os migrantes retratados; cada um, devido às formações ideológicas que os constituem, juntamente com o momento histórico-social em que se encontram, pode (ou não) sofrer o processo de “(trans)mutação identitária” ao qual todos  
estamos  
sujeitos.

## CAPÍTULO IV

### E do “lado de lá”, Paris: traços (re)correntes no dizer da mídia sobre os imigrantes e a periferia<sup>51</sup>

*Nem cidadão nem estrangeiro nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’, a fronteira entre o ser e o não-ser social.*

Pierre Bourdieu

Introduziremos, a partir de então, o discurso da mídia francesa sobre os imigrantes que vivem nas periferias de Paris, chamadas de *banlieue*. Por meio da análise do *corpus*, pudemos observar algumas regularidades no que tange o dizer sobre o imigrante, considerado, sempre, como estrangeiro, mesmo quando se trata de descendentes que, pelo fato de terem nascido na França, deveriam ser, por direito, cidadãos franceses. Um primeiro viés que (per)passa algumas das matérias analisadas é o da violência, seja ela física ou moral, iniciada por parte dos imigrantes ou por parte do governo, da polícia ou qualquer outro tipo de “força pacificadora”. Em seguida, temos a questão do (não) pertencimento, em que os imigrantes retratados são “expulsos” do país ou têm a sua situação dificultada por parte das autoridades responsáveis, mesmo com o pedido de regularização em mãos. Por fim, a questão da política migratória, tratada pelo olhar da mídia, é problematizada em nossa terceira seção, mostrando em que grau a mídia tem “envolvimento” com a questão dos imigrantes.

Percebemos, por meio da análise, que o preconceito e a xenofobia são bastante fortes na sociedade francesa, que vê nos imigrantes um “invasor” pronto a tomar o que é seu “por direito”. A mídia, em parte, ajuda a propagar o discurso xenófobo e a manter a separação entre “cidadãos” e “imigrantes”, a qual prega o governo.

---

<sup>51</sup> Em contraposição “ao lado de cá” (São Paulo), evidenciando tanto a posição geográfica quanto uma possível diferença no tratamento dos imigrantes.

## 1. Da violência contra o/do imigrante

Em um primeiro recorte, veiculado pelo *site* de notícias francês RFI,<sup>52</sup> em 26/11/2007, a violência está presente a partir do título: *Deuxième nuit de violences à Villiers-le-Bel* (Segunda noite de violência em Villiers-le-Bel). Percebe-se também, por meio do título, que se trata de uma sequência de dois dias (pelo número ordinal “deuxième”), em que a violência assolou a *banlieue* parisiense. Observemos a foto trazida na matéria, que mostra um carro incendiado, e, em seguida, o subtítulo que acompanha o texto, trazido, aqui, como nosso primeiro recorte do *corpus* francês para análise:



Photo: Reuters

### Matéria 1<sup>53</sup> FR

**R15** - De nouveaux affrontements entre groupes de jeunes et forces de l'ordre ont donc éclaté lundi soir à Villiers-le-Bel, dans la banlieue nord de Paris. Une soixantaine de policiers ont été blessés dans ces accrochages. Huit d'entre eux ont été touchés par des tirs de grenaille<sup>54</sup>. Plusieurs véhicules ont été incendiés. Les violences de Villiers-le-Bel ont gagné d'autres villes de la banlieue parisienne.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> Sigla que, em francês, significa “Rádio França Internacional”.

<sup>53</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico: [http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article\\_59551.asp](http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article_59551.asp)

<sup>54</sup> Os grifos são nossos.

<sup>55</sup> Novos confrontos entre grupos de jovens e a polícia explodiram na noite de segunda-feira em Villiers-le-Bel, no subúrbio do norte de Paris. Sessenta policiais ficaram feridos nestes confrontos. Oito deles foram atingidos por disparos. Vários veículos foram queimados. A violência em Villiers-le-Bel se espalhou para outras cidades nos subúrbios de Paris. (tradução nossa)

Percebe-se, pela foto escolhida, que retrata a violência dos jovens, bem como em seu subtítulo, selecionado como nosso primeiro recorte, que a mídia francesa, aqui representada por apenas um veículo de informação, assume uma posição contrária aos protestos dos jovens, mantendo-se, por conseguinte, a favor da polícia e do “resto” da sociedade. Podemos começar pelo adjetivo “novo” (*nouveau*) – em “novos confrontos” – que pressupõe que outros confrontos semelhantes já aconteceram, que tal fato não é novo, o que causa o efeito de sentido de que há, de fato, um “complô” desses jovens, os quais se organizam frequentemente para praticar atos de vandalismo que, em tempos pós 11 de setembro, pode ser considerado, facilmente, como “ato terrorista” pelas autoridades. Outro adjetivo, também classificado como pronome indefinido plural, que ressalta a violência dos jovens é “vários” (*plusieurs*), o qual, ao ser usado para trazer o número de carros incendiados (*Plusieurs véhicules ont été incendiés*), acaba por aumentar a sua proporção, já que se trata de um número impreciso (qualquer número maior que um pode ser usado como “vários”).

Outro ponto a ser observado é que, nesse trecho, narra-se o confronto entre jovens “rebeldes” e a polícia, mas, apenas o número, ainda que impreciso, de policiais feridos, é divulgado, ressaltando que, alguns, inclusive, foram atingidos por disparos, o que agrava ainda mais as ações cometidas pelos jovens: “uns sessenta policiais ficaram feridos nestes confrontos; oito deles foram atingidos por granadas” (*une soixantaine de policiers ont été blessés; huit dentre eux ont été touchés par des tirs de grenade*). A quantidade imprecisa de polícias (*une soixantaine*) enfatiza, de certo modo, o trabalho da polícia em benefício da população, sobretudo quando se aponta o número de feridos por disparos: oito; aqui, sim, o número preciso reforça a violência contra os policiais, que, numerosos, estavam defendendo a população dos “vândalos”. Não se mostra, entretanto, nenhum tipo de preocupação com o número de “manifestantes” atingidos, uma vez que se tratava de um *affrontement*, no qual, certamente, também a polícia fez uso de armas e outros meios violentos para barrar a manifestação. As referências à violência, como a foto do carro incendiado (ver acima) e o número de policiais atingidos apontam para um discurso em que os atos de violência são de responsabilidade única dos jovens, já que os policiais estavam ali apenas para a defesa da população.

Podemos notar, no excerto, o uso (re)corrente da voz passiva: “ficaram feridos”, “foram atingidos”, “foram queimados”, (*ont été blessés, onte été touchés, ont été incendiés*), em que há o índice de indeterminação do sujeito e, portanto, maior “objetividade” e imparcialidade pelas quais zela o discurso jornalístico. A voz passiva se dá, também, pela elipse do agente, focalizando, por sua vez, o atingido, o que remete aos jovens como esses agentes, mesmo que não se diga, diretamente, que tenham sido eles. Mesmo com a tentativa de “neutralidade” do discurso jornalístico – que, sabemos, trata-se apenas de uma quimera – percebe-se, por meio da escolha lexical feita, que existem outros sentidos que ali podemos entrever, dentre os quais os já citados acima.

Para tentarmos entender melhor o porquê do fato de haver um “movimento” contra os imigrantes, ainda que não declarado, tomemos emprestado de Foucault (2009) o que ele diz ao se referir à sociedade disciplinar, representada, no texto, pelas “forças de ordem” que tentam conter os jovens:

Num extremo, [temos] a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir. O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar. (FOUCAULT, 2009 [1975], p. 172)

Ao pensarmos, então, em uma sociedade disciplinar que controla os sujeitos por meio de dispositivos de controle, é possível inserir os imigrantes no modelo de panoptismo que controla toda a sociedade, pois, apesar de tidos como invisíveis, eles são vigiados o tempo todo, para que, se fugirem às regras, sejam enquadrados no poder disciplinar da prisão. Por estarem à margem da sociedade e, conseqüentemente, da cidade, são vistos como delinquentes e indisciplinados ou, pelo menos, “suspeitos”. Por meio da prisão desses, seria possível “camuflar” o problema, deixando-os longe dos olhos da sociedade e adiando, assim, um debate mais profundo e eficiente sobre a

questão.

Passemos, ainda, a outro recorte, extraído da mesma matéria:

### **Matéria 1 FR**

**R16** - Tout a redémarré lundi dans la soirée, peu avant 19 heures (heure locale), et ce qui est frappant, c'est que cela semblait inéluçtable. Les policiers d'un côté, en place - ils étaient environ 150, deux compagnies de CRS [Compagnies Républicaines de Sécurité] qui s'ajoutaient aux effectifs locaux. De l'autre, les jeunes cagoulés et cachés dans la cité, une cité sombre telle une souricière, et c'est ça le danger: on ne sait jamais d'où les jeunes émeutiers vont sortir, de n'importe où, n'importe quand...<sup>56</sup>

Toda a responsabilidade de tamanha violência parece ser atribuída aos jovens, quando se afirma, no recorte observado, que “o que é mais impressionante é que isso parecia inevitável”, pois, se, de um lado, estavam 150 policiais, do outro, “jovens encapuzados e escondidos” aguardavam para armar uma “emboscada” (*souricière*). Tal termo, que aparece na frase: “uma cidade tão sombria quanto uma armadilha”, indica bem o perigo que os jovens representam e o que, de fato, também representam para a mídia e, talvez, para a sociedade, pois o termo “armadilha”, ou “emboscada”, uma vez que pode, também, significar “ratoeira”, provoca o efeito de sentido de que são os manifestantes tais quais “ratos” – imundos, traiçoeiros, nojentos –, já que “não se sabe de onde os jovens desordeiros irão sair”. Por meio dos vocábulos levantados para denominar os jovens (*cagoulés et cachés, émeutiers, souris/souricière*) e os policiais (simplesmente *policier* ou *effectifs locaux*), pode-se inferir que há, sim, favorecimento das *forces de l'ordre*, em detrimento dos *jeunes cagoulés*.

Em relação à marginalidade retratada nesse recorte, atribuída aos jovens manifestantes, relatando-os como delinquentes, podemos nos ancorar no que diz Calligaris (1991) a respeito:

---

<sup>56</sup> Tudo se reiniciou na noite de segunda, pouco antes das 19:00 (hora local), e o que é surpreendente é que parecia inevitável. Os policiais de um lado – no local havia cerca de 150, duas empresas de CRS [Companhia Republicana de Segurança] que foram adicionados ao pessoal local. Do outro lado, os jovens mascarados e escondidos pela cidade, uma cidade sombria como uma armadilha, e esse é o perigo: nunca se sabe de onde os jovens desordeiros vão sair, de qualquer lugar, a qualquer hora.... (Tradução nossa)

A marginalidade assim produzida pode se confundir com a delinqüência, quer seja porque os atos marginais se situam necessariamente fora de uma lei que não reconheceu o sujeito, quer seja porque o crime aparece como um caminho certo para encontrar uma lei que ofereça ao sujeito um pouco de descanso. O ato criminoso pretende ser simbólico: é com ele que o sujeito espera se fazer um nome que não lhe foi dado [...], e é graças a ele que paradoxalmente o sujeito espera encontrar a lei, mesmo que sob a forma de uma sanção (CALLIGARIS, 1991, p. 111).

Dessa forma, esses sujeitos, por não serem reconhecidos, buscam serem simbolicamente aceitos, “visíveis”, mesmo que, para isso, tenham que infringir as regras da sociedade, sendo essa, às vezes, a única maneira de serem realmente vistos. Podemos, assim, relacionar a (in)visibilidade desses imigrantes ao que diz Deleuze sobre a relação entre poder e repressão, que ocorre constantemente, ainda que de maneira velada:

Quero dizer que todas as formas atuais de repressão, que são múltiplas, se totalizam facilmente do ponto de vista do poder: a repressão racista contra os imigrados, a repressão nas fábricas, a repressão no ensino, a repressão contra jovens em geral (DELEUZE *apud* FOUCAULT, 1979, p. 74).

É, notoriamente, essa repressão a que se refere Deleuze que vemos no recorte a seguir, que narra a origem dos confrontos e seu desfecho:

### **Matéria 1 FR**

**R17** - Les affrontements ont donc commencé à 200 mètres de l’endroit où s’est produit le drame dimanche, la mort de deux adolescents dans un choc entre une mini-moto et une voiture de police. Aux coups de pierres, de cocktails Molotov, de tirs de grenaille, les policiers répliquaient avec leurs flash-balls ou du gaz lacrymogène. Des affrontements qui ont duré deux heures, avant que les policiers ne se replient faute de munitions. Le temps alors pour les jeunes émeutiers d’incendier des poubelles, quelques voitures - dont deux appartenant aux forces de police - et surtout des bâtiments municipaux, notamment une bibliothèque qui a été entièrement ravagée. A Villiers-le-Bel, c’est le ras-le-bol<sup>57</sup> qui domine...<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Os grifos são nossos.

<sup>58</sup> Os confrontos começaram, portanto, a cerca de 200 metros de onde a tragédia ocorreu, no domingo, a morte de dois adolescentes em uma colisão entre uma minimoto e um carro da polícia. Ao

Os “confrontos” narrados refletem a tentativa de resistência dos jovens ao poder disciplinar dos policiais, que estariam do lado do estado, o qual os rechaça e ignora seus problemas: o fato de terem atacado prédios públicos aponta para a resistência em relação a uma política de exclusão desses jovens. A tragédia, cuja origem remete ao “drama” do acidente entre uma moto e um carro da polícia – que resultou na morte de dois jovens, foi apenas o estopim para a tentativa de que fossem “vistos”. A maneira que encontraram foi materializada por “pedradas”, “coquetéis molotov” e “armas de fogo”; do outro lado, contudo, os policiais usavam de seu poder repressivo com “balas de borracha” e “bombas de gás lacrimogênio”.

O verbo *répliquer* (revidar, responder, repetir), usado pelo narrador, aponta para os jovens como incitadores de muita violência, já que os policiais estavam apenas “respondendo” ao que os jovens faziam. Não há menção à violência policial; os policiais agem, de acordo com o texto, por “legítima defesa”. Há, todavia, um dado que pode ser retirado do próprio texto e que indica que também os policiais agiram com violência: “depois de duas horas de confronto, os policiais se retiraram por falta de munição”. Decerto, esses disparos não foram efetuados contra os próprios policiais. Contra quem, então? Contra os “jovens desordeiros”, que, depois da retirada da polícia, incendiaram “latas de lixo, alguns carros – dentre eles dois da polícia – e, sobretudo, edifícios públicos”. O advérbio “sobretudo”, além de significar que há outros danos causados pelos jovens, enfatiza o fato de eles terem incendiado prédios públicos, considerados patrimônio de todos, talvez na tentativa de colocar os cidadãos/leitores contra esses jovens. Para agravar a situação, é citada a destruição de uma biblioteca inteira, em que mais um advérbio, dessa vez “especialmente”, é usado para enfatizar, para ressaltar que se trata de uma biblioteca, um bem tão importante para os franceses, pois está ligado à educação, à cultura, e que, por tudo o que representa, foi intencionalmente citado, talvez para indicar que é, justamente, educação e cultura que falta aos jovens que agiram. Igualmente, trata-se de um monumento que funciona como

---

ataque com pedras, coquetéis Molotov, armas de fogo, os policiais responderam com balas de borracha ou bombas de gás lacrimogêneo. Confrontos que duraram duas horas antes de os policiais retirarem-se por falta de munição. Tempo suficiente para que os jovens manifestantes atuassem fogo em latas de lixo, em alguns carros – incluindo dois pertencentes à polícia – e especialmente em edifícios municipais, inclusive uma biblioteca que foi completamente devastada. Em Villiers-le-Bel, é o descontentamento que domina... (Tradução nossa).

arquivo (lugar de memória), nos termos foucaultianos e derridianos. Foucault (2004) explica, em *A Arqueologia do Saber*, o que considera ser um arquivo:

[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas [...]. (FOUCAULT, 2004 [1969], pp. 148-149)

Conforme Sargentini (2004 [1969], p. 91), “o arquivo passa a ser, então, um lugar para se pensar as práticas discursivas de uma sociedade”. Sendo assim, a relação entre os acontecimentos narrados e a noção de arquivo que pode ser entrevista no texto, representada pela biblioteca, é bastante profícua se pensamos que o lugar físico existente para se pensar as práticas discursivas foi queimado, como sinal de resistência e protesto.

Na última frase, destacada do texto, uma palavra em francês, bastante familiar, é colocada para retratar o sentimento diante da situação: descontentamento, exasperação (*ras-le-bol*). Tal expressão, em francês, tão conhecida e usada nos dias atuais, não significava, outrora, simplesmente “estar farto”, “estar 'por aqui””, “estar de saco cheio” (em linguagem popular, assim como *ras-le-bol* o é em francês),. Em francês, a palavra *bol*, que designava, inicialmente, um recipiente, passou a ser usada como gíria, segundo Gaston Esnault<sup>59</sup> (grande especialista francês em gírias), a partir de 1872, com o sentido de “ânus”.<sup>60</sup> Desse modo, percebe-se que a expressão usada no texto, por se tratar da linguagem jornalística, parece bastante forte, o que aponta para a desvalorização dos jovens ali citados, já que o termo usado é coloquial e tem um sentido negativo. O verbo *dominer* (dominar), por fim, assevera esse discurso de desvalorização e de dominação, uma vez que, nessa *banlieue*, o que domina e, por conseguinte, prevalece, é o sentimento de “saco cheio” dessa situação, aparentemente incitada pelos jovens.

Portanto, parece que o discurso veiculado pelo veículo em questão traz em seu bojo um poder cerceador que age de forma a repreender não só as minorias –

<sup>59</sup> Cf. <http://fr.wikipedia.org/wiki/Argot>.

<sup>60</sup> Fonte: <http://fr.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080223073528AANQsKX>

imigrantes, operários – mas também aqueles que podem reverter esse quadro: estudantes e jovens. A repressão ocorre, nesses casos, por meio do discurso, na maneira como é apresentado e na (in)visibilidade dada a certos temas. É preciso, pois, pensar na questão do poder como o afirma Foucault (1998, p. 85): “é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos”. Dessa forma, o poder “tolerável” existente na sociedade em geral, nesse caso não obteve sucesso, uma vez que teve que “desmascarar” seus mecanismos, desencadeados pela resistência dos jovens, para que “a paz” voltasse a reinar e o seu poder voltasse a ser exercido.

Dando sequência ao tema da violência, que permeia os dizeres da mídia acerca dos imigrantes que vivem na *banlieue* de Paris, passemos a outra matéria, que ainda retrata o conflito entre os policiais franceses e os jovens manifestantes. Sob o título *Villiers-le-Bel: appels au calme et renforts policiers* (Villiers-le-Bel: apelos por calma e reforços da polícia), o texto foi publicado em 28/11/2007, dois dias após o texto anteriormente analisado, no mesmo veículo de informação e dá sequência, tanto à notícia veiculada, quanto ao discurso, de certa forma, xenófobo, a partir dela produzido. No título, já podemos entrever a relação entre o apelo por calma e a polícia, como se esta fosse a única possível de instaurar a paz na periferia de *Villiers-le-Bel*. Está pressuposto aí, também, que são os jovens que “tiram” a calma do lugar, sendo necessária a força policial para “devolver a ordem” antes existente. Passemos, a seguir, a um primeiro recorte desse texto, antecedido pela foto que ilustra a notícia:<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> Legenda da foto: *Le ministre de l'Intérieur Michèle Alliot-Marie (g) et François Fillon, Premier ministre, avec des policiers anti-émeute, mardi 27 novembre, à Villiers-le-Bel.* (O ministro do Interior Michèle Alliot-Marie (dir.) e François Fillon, Primeiro ministro, com policiais 'anti-tumulto', terça-feira, 27 de novembro, em Villiers-le-Bel).



Photo: Reuters

## Matéria 2<sup>62</sup> FR

**R18** - Des appels au calme et un impressionnant dispositif policier sont parvenus à faire retomber la pression mardi soir à Villiers-le-Bel, où une vingtaine de personnes ont été interpellées alors que la situation demeure tendue. Mercredi matin, à peine rentré de Chine, le président Nicolas Sarkozy se rend au chevet des policiers et des pompiers blessés dans ces émeutes. Le chef de l'État devra aussi recevoir les parents des deux adolescents dont la mort dans une collision entre leur mini-moto et un véhicule de police avait provoqué cette flambée de violence.<sup>63</sup>

Um “impressionante dispositivo policial” está diretamente relacionado aos “pedidos de calma”, sendo ele, certamente, a resposta do governo a tais apelos. O adjetivo *impressionant* produz o efeito de sentido de admiração, por parte da mídia, ao trabalho desenvolvido pelos policiais que, desse modo, “foram capazes de diminuir a pressão” existente na periferia francesa. O número de pessoas presas, representado pelo numeral cardinal indeterminado (“uns vinte”), também produz esse efeito, o de que os policiais estão trabalhando a serviço da população e contra os jovens, já que eles foram presos. A visita do presidente Nikolas Sarkozy, do mesmo modo, imprime maior importância aos policiais e bombeiros, e o aposto, mostrando que acabara de retornar de uma viagem à China produz o efeito de sentido de que, apesar de ser uma pessoa importante e muito ocupada – pois viaja muito – encontrou um tempo em sua agenda

<sup>62</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
[http://www.rfi.fr/actu/fr/articles/095/article\\_59590.asp](http://www.rfi.fr/actu/fr/articles/095/article_59590.asp)

<sup>63</sup> Pedidos de calma e um dispositivo policial impressionante foram capazes de diminuir a pressão, terça-feira à noite, em Villiers-le-Bel, onde umas vinte pessoas foram presas enquanto a situação permanece tensa. Na manhã de quarta-feira, o presidente Nicolas Sarkozy, que acaba de voltar da China, faz uma visita aos policiais e bombeiros feridos nos distúrbios. O chefe de Estado deverá também receber os pais dos dois adolescentes, cuja morte em uma colisão entre sua moto e um carro da polícia, causou o surto de violência. (Tradução nossa).

para a visita aos “heróis” feridos em *Villiers-le-Bel*, tamanha sua importância. Os jovens, representados no excerto pelos pais dos dois adolescentes mortos, também receberão a visita do presidente que, da maneira em que é colocado pelo narrador, como se o presidente tivesse voltado apenas para resolver o conflito, parece funcionar como mediadora entre ambas as partes, talvez mostrando que “os excluídos” terão sua versão averiguada.

Levando-se em conta o que assevera Kristeva (1994, pp. 24-26) sobre a resistência dos imigrantes à assimilação da língua e da cultura do outro, em que, mesmo que haja um acolhimento por parte do “anfitrião”, a relação entre eles será sempre alimentada pelo ódio, pois é sempre o desejo do outro, desejo da plenitude nunca alcançada, podemos refletir em como esse ódio, representado pelo carro policial e a moto dos dois jovens, é fundamentado e constitutivo. O ódio imanente nessa relação não foi iniciado na ocasião do acidente, mas já existia anteriormente, sendo este apenas o desencadeador de uma relação já afetada pelo ódio.

## **2. A questão do (não) pertencimento: de quem é a “terra” afinal?**

Nesta seção, trataremos de notícias que narram, de alguma forma, a relação do imigrante com o solo francês, para que possamos verificar, por meio dos recortes selecionados, se há, ou não, o sentimento de pertencimento à terra em que vivem. Dividiremos os recortes entre aqueles que tratam da “aceitação” do não pertencimento e aqueles que lutam para obter “seu lugar ao sol” e ao solo francês.

### **2.1. O estrangeiro de volta ao “estrangeiro”**

Que a imigração causa suas rupturas – com a língua materna, com o solo de origem – não se há de duvidar. O imigrante é o sujeito da ruptura e do não pertencimento, pois, ao fugir de sua terra natal, em busca de algo que lhe falta, encontra um lugar no qual não é bem-vindo, ou seja, um não-lugar: um lugar que também vai tentar, no sentido contrário de suas aspirações, fazê-lo voltar ao ponto de partida, ao

zero, ao nada, por meio de sua negação. A França destaca-se, sem dúvida, pelo grande número de imigrantes que ali desembarcam todos os anos. O fluxo é demasiado intenso e as nacionalidades, diversas. Prova disso é a matéria que iremos analisar em seguida, que trata dos *roms*, ou seja, os ciganos, que, de fato, já a partir de sua origem nômade, não possuem um país de origem. O texto que se segue, porém, trata da expulsão dos ciganos para a Romênia, país que conta com mais de 500.000 deles, atrás apenas da Espanha.<sup>64</sup>

O título é: *Premières expulsions de Roms vers la Roumanie* (Primeiras expulsões de ciganos para a Romênia). Se nos atentarmos ao fato de que a preposição *vers* pode ser traduzida por “para” ou “na direção de”, a frase traria um jogo de sentidos: ao mesmo tempo em que os ciganos estariam sendo deportados *para* a Romênia, eles estariam sendo levados *em direção a* Romênia, onde poderíamos pensar que a direção que eles deveriam tomar é, justamente, oposta à França: França => Romênia. A preposição *vers* estaria, de fato, indicando a direção que os ciganos deveriam seguir. A foto que ilustra a matéria não mostra nenhum dos *roms* expulsos, e sim a foto de um avião, o que causa o efeito de sentido de que houve um “bom” tratamento concedido a eles que, mesmo sendo expulsos, tiveram direito a um avião como meio de transporte. Devido à curta distância entre os países europeus, principalmente se comparados às proporções territoriais do Brasil, uma viagem de ônibus (ou de trem, o meio de transporte mais comum para se deslocar entre os países, na Europa) não seria considerada absurda, mas talvez não desse tanta certeza de que desembarcariam “seguros” em outro país. Essa segurança, porém, não viria de uma preocupação com seu bem-estar, mas de uma segurança de que, ao serem deportados de avião, não haveria como “escaparem”. O avião, por ser fechado e não ter por onde sair depois de sua decolagem, remete à prisão, ao condicionamento a uma situação da qual realmente não se pode libertar antes que se chegue a seu destino. Observemos a foto em questão e passemos, em seguida, ao recorte:

---

<sup>64</sup>

Os dados podem ser encontrados em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Roms>



### Matéria 3<sup>65</sup> FR

**R19** - Plusieurs dizaines de Roms roumains renvoyés de France sont arrivés jeudi 19 août sur un vol régulier de la compagnie BlueAir à Bucarest. Il s'agit des premières expulsions depuis le durcissement de la politique française à l'égard de cette minorité. Ils ont débarqué peu avant 16 heures à l'aéroport Aurel-Vlaicu. "C'était très dur en France, il y avait des pressions tout le temps... la police, la préfecture", a déclaré à l'AFP Gabriel, un des Roms renvoyés au pays avec sa femme et ses deux filles.<sup>66</sup>

O avião mostrado na foto é um “voo regular”, como afirma o próprio texto, de uma companhia aérea que faz o traçado França-Romênia. Ou seja, os ciganos não tiveram “tratamento especial”, pois foram deportados em um voo comum, talvez junto com outros passageiros, já que eram apenas “várias dezenas” (*plusieurs dizaines*). O termo “deportado”, ao ser traduzido para o português, tende a abrandar o termo usado em língua francesa: *expulsions*. De fato, eles foram realmente expulsos, em consequência do endurecimento das leis relativas à imigração na França. Com efeito, o uso do termo *expulsions* evidencia a posição do jornalista, que se coloca, assim, a favor

<sup>65</sup>

Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:

[http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/08/19/79-roms-attendent-d-etre-expulses-vers-la-roumanie\\_1400386\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/08/19/79-roms-attendent-d-etre-expulses-vers-la-roumanie_1400386_3224.html)

<sup>66</sup>

“Várias dezenas de ciganos romenos expulsos da França chegaram na quinta-feira, 19 de agosto, em um voo regular da companhia BlueAir em Bucarest. Trata-se das primeiras deportações desde o endurecimento da política francesa em relação a essa minoria. Eles desembarcaram pouco antes das 16 horas no aeroporto de Aurel Vlaicu. "Foi muito difícil na França, havia pressão o tempo todo... da polícia, da prefeitura", disse à AFP Gabriel, um dos ciganos enviados de volta ao país com sua esposa e suas duas filhas.” (Tradução nossa).

dos ciganos e contra o governo. A mídia, igualmente, dá “voz” a um dos imigrantes que estavam no voo, que faz uma denúncia em relação à vida na França: os termos usados por ele para relatar como era sua situação – “era muito difícil” e “havia pressão o tempo todo” – estão diretamente relacionados à polícia e à prefeitura (*la police, la prefecture*<sup>67</sup>) e mostram o quão ruim era o tratamento a eles direcionado pelos governantes. Apesar dos termos usados a favor dos imigrantes, tais como *expulsions, durcissement* e *minorité*, e de “dar voz” a um dos deportados que estava no avião, o veículo de comunicação, mesmo que inconscientemente, optou por não colocar uma foto dos imigrantes deportados como destaque na matéria, uma vez que causaria “pena” e iria favorecê-los ainda mais. Em vez disso, na tentativa de serem mais “neutros”, mostram apenas a foto do avião que foi usado; porém, ao aparecer a viatura de polícia ao lado, acompanhando a decolagem, o efeito de sentido produzido é justamente o oposto, como se fossem eles realmente “infratores”.

Seguindo a mesma categoria de análise, trazemos uma matéria publicada na revista francesa *Nouvel Observateur*, em 17/12/2009, sob o título: *Renvoyer un Afghan en Afghanistan, “où est le problème?”* (Reenviar um afegão ao Afeganistão, onde está o problema?), em que outra minoria, dessa vez afegã, é “enxotada” da França, assim como o foram os ciganos. A frase do título, da qual pode emergir, talvez, um discurso xenófobo, ao mesmo tempo em que questiona, denuncia que há, sim, problemas em deportar os afegãos, é proferida pelo primeiro ministro francês Nicolas Sarkozy que, por ter sido eleito pelo povo francês para representá-lo, provavelmente representa, também, o pensamento político da maioria acerca da imigração, assim como o da mídia, formada por essa maioria. Passemos ao que diz o recorte, que se trata, na verdade, do subtítulo da matéria:

#### **Matéria 4<sup>68</sup> FR**

**R20<sup>69</sup> - "Naturellement, on ne ramène pas les Afghans en Afghanistan dans**

---

<sup>67</sup> Na França, a divisão administrativa é diferente da que encontramos no Brasil, sendo a prefeitura uma equivalente próxima, mas que não possui exatamente as mesmas funções.

<sup>68</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
<http://tempsreel.nouvelobs.com/societe/20091217.OBS0931/renvoyer-un-afghan-en-afghanistan-ou-est-le-probleme.html>

<sup>69</sup> O negrito é original do texto e os grifos são nossos.

une zone de combat. On les ramène dans une zone de paix", s'est défendu Nicolas Sarkozy, après le tollé provoqué par l'expulsion, mardi, de neuf Afghans. Franchement, ramener un Afghan en Afghanistan alors qu'il ne veut pas rester en France, en accord avec la Cour européenne des droits de l'Homme et en accord avec un gouvernement de gauche européen, **où est le problème ?**", a lancé **Nicolas Sarkozy**, interrogé mercredi soir 16 décembre sur Canal +, après le tollé provoqué par l'expulsion, mardi, de neuf Afghans. "Si un Afghan fait une demande pour rester en France, on peut regarder naturellement. Mais là ils veulent passer en Angleterre. Donc on a pris la décision d'appliquer la loi et c'est ce qu'on attend du président de la République", a ajouté le chef de l'État, précisant que cette loi était "parfaitement respectueuse du droit des gens".<sup>70</sup>

De fato, a resposta do presidente francês ao que seria uma acusação – pois temos o verbo *défendre* (defender) – em razão da deportação de nove afegãos de volta ao Afeganistão, que frequentemente se encontra em situação de guerra, é bastante polêmica. O uso de aspas nas frases atribuídas ao presidente Sarkozy imprimem certo distanciamento do jornal, que indica que aquela é a opinião do Presidente, não a sua própria; outro ponto que reafirma esse argumento é o uso de negrito em três termos estratégicos do texto: *ramener un Afghan en Afghanistan*, *où est le problème* e *Nicolas Sarkozy*, que evidenciam que a posição contrária à permanência dos imigrantes no país é assumida por Sarkozy, e não pelo veículo de informação. No entanto, ao lermos a frase – *Renvoyer un Afghan en Afghanistan*, “*où est le problème?*” – solta no título, parece que ela foi proferida pelo jornal, já que só no corpo do texto o autor é revelado. Ao mesmo tempo, a continuação da frase proferida por Sarkozy – *alors qu'il ne veut pas rester en France* – produz outro efeito de sentido, já que não seria ele, representante da França, que não os queria no país, e sim os próprios imigrantes. Ou seja, há, o tempo todo, um jogo discursivo em que nenhum dos envolvidos quer ser responsabilizado, o que é evidenciado pelo seus dizeres. Apesar de o excerto conter muitas aspas, para indicar o discurso do “outro”, que não é o do narrador do jornal, podemos entrever, a

---

<sup>70</sup> “Naturalmente, nós não reconduziremos os afegãos ao Afeganistão em uma zona de guerra. Nós os levaremos a uma zona de paz”, defende-se Sarkozy, depois do protesto provocado pela deportação, na terça-feira, de nove afegãos. “Francamente, **levar de volta um afegão ao Afeganistão**, uma vez que ele não quer permanecer na França, em acordo com o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos e em acordo com um governo de esquerda europeu, **onde está o problema?**”, disparou **Nicolas Sarkozy**, entrevistado na quarta-feira à noite, 16 de dezembro, no Canal +, depois do protesto provocado pela deportação, na terça-feira, de nove afegãos. “Se um afegão faz um pedido para permanecer na França, nós podemos analisar, naturalmente. Mas aí eles querem ir para a Inglaterra. Então nós tomamos a decisão de aplicar a lei e é o que esperamos do presidente da república”, completou o chefe de Estado, especificando que esta lei é “perfeitamente respeitosa dos direitos humanos. (Tradução nossa)

partir dos termos por ele usados, qual sua posição discursiva. Por exemplo, ao usar o substantivo *tollé*, que em francês significa “grito coletivo de protesto, sentimento de indignação exprimido por um conjunto de pessoas”,<sup>71</sup> o narrador posiciona-se discursivamente contra ao que é trazido.

Podemos perceber, assim, por meio da análise dos fragmentos que evidenciam o (não) pertencimento dos imigrantes, que, na França, a questão da imigração é bastante controversa quando se trata de posicionamentos a seu respeito e bastante rígida por parte do governo, não tendo distinções quanto à nacionalidade (desde que sejam de países que necessitam do visto para entrar) e quanto à necessidade do imigrante que ali se encontra, já que vimos casos de imigrantes ciganos e asiáticos. Podemos, também, a partir da análise dessa seção, constatar que a ideia de que apenas imigrantes oriundos de ex-colônias francesas são discriminados não é válida, pois outros grupos étnicos também sofrem o mesmo preconceito.

Continuemos com outro trecho da matéria, em que o dizer do presidente a respeito do tema da deportação é novamente retratado:

#### **Matéria 4 FR**

**R21**<sup>72</sup> – "Qu'est-ce qu'on fait des Afghans, des Irakiens, des gens qui sont ici **qui ne veulent même pas vivre chez nous** ? Si ceux qui n'ont pas de papier restent en France, alors qu'ils ne veulent même pas rester en France, qu'est-ce qu'on en fait ?", a-t-il insisté. Le chef de l'État a par ailleurs souligné que le retour des réfugiés afghans avait été organisé avec les autorités britanniques, qui sont "confrontées au même problème", et avec l'accord de la Commission européenne des droits de l'Homme et des autorités afghanes. "Naturellement, on ne ramène pas les Afghans en Afghanistan dans une zone de combat. On les ramène dans **une zone de paix**", a également souligné Nicolas Sarkozy.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Tradução nossa do original em francês, retirado do dicionário *Trésor de la langue française* no seguinte endereço eletrônico: <http://www.cnrtl.fr/definition/toll%C3%A9>

<sup>72</sup> O negrito é original do texto e os grifos são nossos.

<sup>73</sup> "O que fazemos com afegãos, iraquianos, pessoas que estão aqui **que sequer querem viver em nosso país**? Se aqueles que não têm documentos permanecem na França, mesmo que eles não queiram permanecer na França, o que devemos fazer a respeito?", insistiu ele. O chefe de Estado enfatizou ainda que o regresso dos refugiados afegãos foi organizado com as autoridades britânicas, que estão "enfrentando o mesmo problema", e com o acordo da Comissão Europeia dos Direitos Humanos e autoridades afegãs. "Naturalmente, nós não levamos os afegãos ao Afeganistão em uma zona de guerra. Nós os levamos em **uma zona de paz**", também enfatizou Nicolas Sarkozy. (Tradução nossa)

Mais uma vez, o narrador lança mão do negrito para evidenciar termos usados pelo primeiro que estariam a favor dos imigrantes – “que eles não queiram permanecer na França” e “em uma zona de paz” – pois, ao colocar em evidência os termos em que são eles (os imigrantes) que não querem mais viver na França, e que seriam enviados a uma zona de paz, já que o seu país de origem vive em constante guerra, o narrador assume sua posição até mesmo em defesa do dizer do presidente, ao sublinhar o que deseja que seja lido com maior atenção. Os verbos usados pelo narrador para enfatizar o dizer do presidente (insistiu, enfatizou) reforçam e legitimam o dizer do presidente, que usa de argumentos para justificar a deportação dos imigrantes afegãos.

Levando-se em conta que o sujeito do discurso é um sujeito disperso e descentrado (FOUCAULT, 1986 [1969]), podemos perceber que, mesmo no discurso “político e juridicamente correto” do veículo de informação, entrevemos marcas de um discurso contra a estada dos imigrantes, quer sejam africanos, ex-colonizados, quer sejam ciganos romenos ou afegãos. Podemos refletir, baseados em tal constatação, a partir dos excertos nessa seção analisados, sobre o motivo pelo qual esses imigrantes são excluídos da “vida” na França. Seria porque eles não são considerados cidadãos franceses? Não seriam eles “cidadãos do mundo”, como bem fala Coracini (2007, p. 105), já que por cidadãos do mundo entende-se aquele que “coloca os interesses da humanidade acima dos interesses da pátria”?

## **2.2. Em busca do direito perdido ou nunca adquirido: reivindicando um “lugar” em solo (em que se é) estrangeiro**

Ao contrário dos recortes anteriormente analisados, em que os imigrantes encontravam-se em situação de recusa perante o país no qual escolheram viver, ou seja, a França, nesta seção, há, por parte dos imigrantes, uma tentativa de permanência no país e, para que seja alcançada, é preciso que “sejam vistos”. Na verdade, parece haver uma diferença entre os imigrantes “desocupados” e aqueles que têm um trabalho. Neste último caso, trata-se de trabalhadores que não têm documentação para viver na França, mas que são assalariados. Essa é uma das poucas matérias em que não há nenhuma foto que a ilustre. A matéria em questão foi publicada no jornal francês *Le monde*, em sua

versão *on line*, no dia 06/09/2010 e seu título é: *Des sans-papiers en grève se rassemblent près du ministère de l'immigration* (“Pessoas sem documentos” reúnem-se perto do Ministério da Imigração). *Des sans papiers*, em francês, remete-se àqueles que não têm documentos para permanecer em situação legal no país e, por isso, precisariam regulamentar sua situação para que não sejam deportados, assim como os anteriormente citados. A diferença, talvez, é que eles, por exercerem um ofício, ainda tenham essa chance de permanência. Observemos o recorte:

### **Matéria 5<sup>74</sup> FR**

**R22** - Environ 200 travailleurs sans papiers en grève se sont rassemblés, lundi 6 septembre, près du ministère de l'immigration, à Paris, pour exiger des réponses quant à l'avancée de leurs demandes de régularisation. La plupart de ces travailleurs, soutenus par un collectif de cinq syndicats et six associations, sont en grève pour leur régularisation depuis octobre 2009. En juin dernier, après huit mois de mobilisation, ils avaient obtenu du gouvernement un accord harmonisant les critères de régularisation par le travail et garantissant l'égalité de traitement entre salariés. Depuis, 1 600 dossiers ont été déposés en préfecture, mais seulement une dizaine de travailleurs ont obtenu un titre de séjour. A chaque dépôt de dossier auprès des préfectures, l'application de l'accord reste problématique et les critères ne sont pas respectés, dénoncent les syndicats.<sup>75</sup>

Nesse caso, como não se trata mais de imigrantes deportados a seu país de origem, mas de imigrantes em situação irregular que, por trabalharem em solo francês, têm direito a um pedido de regularização de sua condição como todos os franceses, têm, também, direito à greve. É o que, de fato, fazem os cerca de 200 trabalhadores sem documentos que aguardam a regularização, já que fizeram o pedido anteriormente. O

---

<sup>74</sup> Essa matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
[http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/09/06/des-sans-papiers-en-greve-se-rassemblent-pres-du-ministere-de-l-immigration\\_1407602\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/09/06/des-sans-papiers-en-greve-se-rassemblent-pres-du-ministere-de-l-immigration_1407602_3224.html)

<sup>75</sup> Cerca de 200 trabalhadores, em situação irregular, em greve se reuniram, segunda-feira, 6 de setembro, perto do Ministério da Imigração em Paris, para exigir respostas quanto ao andamento dos seus pedidos de regularização. A maioria desses trabalhadores, apoiada por um grupo de cinco sindicatos e seis associações, estão em greve pela sua regularização desde outubro de 2009. Em junho passado, após oito meses de mobilização, a partir do momento em que foi obtido o acordo do governo no sentido de harmonizar os critérios do regulamento para o trabalho e garantir a igualdade de tratamento dos funcionários. Desde então, 1.600 casos foram arquivados na prefeitura, mas apenas a uma dúzia de trabalhadores foi concedida autorização de residência. Um registro de cada depósito para as prefeituras, a implementação do acordo continua a ser problemática e os critérios não foram atendidos, denunciaram os sindicatos. (Tradução nossa)

problema maior, no caso em questão, é que, apesar de 1.600 imigrantes terem feito “seus pedidos de regularização” há algum tempo atrás, na tentativa de obter o *titre de séjour*; até o momento, apenas uns dez o obtiveram. Em contrapartida aos números exatos anteriormente citados (*200 travailleurs; 1.600 dossiers*), não há a mesma preocupação quando se trata de investigar o número de imigrantes que realmente recebeu sua autorização de permanência. Tal fato parece evidenciar o engajamento do veículo em questão a respeito dos imigrantes, já que, ao trazer à superfície linguística um número impreciso produz o efeito de sentido de generalização e de homogeneização. Quando dizemos um número exato, por mais que não seja comprovado que o número é realmente aquele, damos a cada um deles um lugar, um papel naquele total apresentado. No sentido oposto, quando dizemos: alguns deles, dezenas deles, dúzias deles, centenas deles, evidenciamos que há uma certa quantidade, mas que cada um não importa para a totalidade, que o indivíduo não “conta”, de fato. Não há, desse modo, a “igualdade de tratamento” citada no excerto. Continuemos com mais um recorte:

### **Matéria 5 FR**

**R23**<sup>76</sup> - *"J'ai déposé mon dossier le 3 août et je devais avoir une réponse rapide. Cela fait maintenant plus d'un mois et je n'ai toujours rien, a raconté à l'AFP Hadama Coulibaly. Je suis en grève depuis onze mois, je ne peux pas rester comme ça."* Comme Hadama, la plupart sont originaires d'Afrique noire, mais aussi de Chine, et vivent en France depuis des années où ils travaillent et ont des fiches de paye. Beaucoup sont intérimaires et travaillent dans le bâtiment, la restauration ou le service à la personne.<sup>77</sup>

A partir do dizer do imigrante, ao qual foi dada “voz” em meio a outros tantos que se encontravam em meio à manifestação, podemos entrever o que fala Derrida (2004) acerca da hospitalidade-hostilidade, pois, “como tudo na desconstrução, a possibilidade da hospitalidade é sustentada por sua *im-possibilidade*” (SOARES,

<sup>76</sup>

O itálico é original do texto e os grifos são nossos.

<sup>77</sup>

"Eu submeti a minha candidatura em 3 de agosto e eu tinha que ter uma resposta rápida. Já faz mais de um mês e eu ainda não tenho nada, disse à AFP Hadam Coulibaly. Estou em greve há 11 meses, eu não posso ficar assim." Como Hadam, a maioria é originária da África negra, mas também da China, e vivem na França há anos, onde eles trabalham e possuem folha de pagamento. Muitos são temporários e trabalham na construção, restauração e serviços individuais. (Tradução nossa)

2010, p. 163). Assim, ao dizer que espera uma resposta que deveria ser rápida e não o foi (*je devais avoir une réponse rapide... cela fait maintenant plus d'un mois*), o imigrante denuncia a hospitalidade-hostilidade recebida pelos seus “anfitriões” franceses. O conceito de hospitalidade-hostilidade (DERRIDA, 2004), aliás, foi criado para mostrar que não há mais, nas sociedades modernas, hospitalidade sem hostilidade, uma vez que o “hóspede hostil” habita em cada um de nós, pois “a habitação ultrapassa a animalidade [...] o habitante aí permanece ao mesmo tempo um exilado e um refugiado, um hóspede e não um proprietário” (DERRIDA, 2004, p. 54).

Na esteira da leitura que Derrida faz dos textos platônicos, podemos inferir que a hospitalidade seria a acolhida do estrangeiro, daquele que é de boa família, que tem um nome, status social, visto de entrada. Por outro lado, a hostilidade está ligada à vinda do bárbaro, o que fala de modo engraçado, que tem um sotaque estranho, que não nos entende e que não o entendemos direito, sem status, sem documentação, pois “um é o estrangeiro reconhecido naquilo que eu mesmo posso ser à medida que estou sujeito à legislação; o outro é o estrangeiro irreconhecível, o deportado” (SOARES, 2010, p. 166), aquele que,

desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc.. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. (DERRIDA, 2003, p. 15).

No caso supracitado e em alguns outros anteriormente problematizados, podemos vislumbrar que a língua é, sim, um fator de exclusão para além da exclusão já imposta a (quase) todo imigrante. É por isso que a primeira e indelével violência é a violência da língua, que obriga o estrangeiro a falar um determinado idioma, que o obriga a assimilar e se apropriar de uma língua, que é sempre cultura, que é sempre do outro, daquele que está antes, perante e depois dele. Já uma segunda violência, mais explícita, consiste, sobretudo, em forçá-lo a falar determinada língua para se fazer bem compreender no interior da cultura em que as leis que o acolhem estão colocadas

(DERRIDA, 2001). É nesse sentido que, mesmo as leis de hospitalidade que, teoricamente, protegem o estrangeiro, dão testemunho da violência da língua. Não se trata, desse modo, apenas de imigrantes oriundos de ex-colônias francesas que já têm a língua do colonizador em comum. Imigrantes de outras nacionalidades, que não compartilham da mesma “língua materna”, também “são falados” pela mídia francesa; o termo “a maioria” (*la plupart*), usado no excerto, confirma que existem outras nacionalidades além das que estão presentes em maior número.

### **3. A (des)naturização da política migratória: o que se (entre)vê pelo olhar da mídia francesa**

Nesta terceira seção, o debate sobre a política migratória trazido pelo viés da mídia francesa é problematizado. Não se trata, desse modo, do que efetivamente é realizado em relação às políticas para imigrantes que chegam à França, mas do que a mídia mostra que é feito e o que ela evidencia a respeito. Em uma matéria, publicada no dia 07/08/2010 e veiculada pela revista *L'Express*, em sua versão *on line*, vislumbramos o seguinte título: *Déchéance de nationalité: Hortefeux peaufine son projet* (Privação de nacionalidade: Hortefeux refina seu projeto). Passemos ao recorte:

#### **Matéria 6<sup>78</sup> FR**

**R24<sup>79</sup>** - Déchu de sa nationalité en cas d'homicide de policier? D'excision? De polygamie? Pour tirer les choses au clair, le ministre de l'Intérieur Brice Hortefeux a annoncé ce samedi 7 août qu'il ferait ce mois-ci à Nicolas Sarkozy des "propositions de mise en œuvre juridique" de la déchéance de nationalité française.<sup>80</sup>

O direito à nacionalidade francesa, como vimos, é bastante restrito. Se não

---

<sup>78</sup> A matéria pode ser encontrada no endereço eletrônico:  
[http://www.lexpress.fr/actualite/politique/decheance-de-nationalite-hortefeux-peaufine-son-projet\\_911100.html](http://www.lexpress.fr/actualite/politique/decheance-de-nationalite-hortefeux-peaufine-son-projet_911100.html)

<sup>79</sup> Os grifos são nossos.

<sup>80</sup> Privado de sua nacionalidade em caso de homicídio de policial? De excisão? De poligamia? Para esclarecer as coisas, o Ministro do Interior Brice Hortefeux anunciou neste sábado, 7 de agosto, que ele fará, este mês, a Nicolas Sarkozy, “propostas de implementação jurídica” da privação de nacionalidade francesa. (Tradução nossa).

se nasce francês por nacionalidade de um dos pais (direito de sangue), ou porque se nasceu em solo francês, mas com, pelo menos, um dos pais francês (direito do solo), dificilmente se conseguirá a “nacionalidade” francesa, mesmo quando se vive na França há muitos anos.<sup>81</sup> Além disso, uma vez conseguida a tão “sonhada” nacionalidade, ainda se tem a chance de perdê-la, como mostra o excerto. Ou seja, nunca se deixa de ser estrangeiro, mesmo quando se adquire, por direito, a nacionalidade.

Os termos *homicide de policier* (homicídio de policial) *excision* (excisão)<sup>82</sup> e *polygamie* (poligamia) parecem legitimar e justificar a perda da nacionalidade por parte dos imigrantes, que veem em sua origem estrangeira um motivo para sentirem medo e insegurança. Porém, franceses que adquiriram a nacionalidade pelo sangue não sofre(ram) as mesmas sanções, visto que têm um direito irrevogável à nacionalidade francesa. Fica evidente, assim, o desfavorecimento dos “estrangeiros” perante a nova proposta de lei. Acompanhemos o excerto seguinte, que ilustra melhor tal ideia:

### **Matéria 6 FR**

**R25** – Conforté par un sondage favorable mais contesté, le gouvernement reste sur l'offensive. Le 30 juillet à Grenoble, le chef de l'État avait déjà donné la couleur: cap sur la sécurité. Il évoquait alors déjà cette sanction. Nicolas Sarkozy avait demandé que cette mesure frappe "toute personne d'origine étrangère" ayant volontairement porté atteinte à la vie d'un policier, d'un gendarme ou de tout autre "dépositaire de l'autorité publique". Dans la foulée, Brice Hortefeux avait souhaité qu'elle soit étendue aux faits de polygamie ou d'excision.<sup>83</sup>

Aqui, o governo foca a importância da segurança. A medida em questão que se deve tomar é a de “retirar” a nacionalidade dada a “pessoas de origem estrangeira” (*toute personne d'origine étrangère*) que atentem contra a vida de um policial ou

---

<sup>81</sup> Trazemos mais sobre o direito à nacionalidade francesa pelo sangue e pelo solo no cap. II.

<sup>82</sup> Por excisão, aqui, entendemos a extração de um órgão, onde se encaixa, também, o caso de circuncisão.

<sup>83</sup> Encorajado por uma pesquisa favorável, mas questionada, o governo continua na ofensiva. Em 30 de julho, em Grenoble, o chefe de Estado já tinha dado o tom: foco na segurança. Ele já havia lembrado essa sanção. Nicolas Sarkozy pediu que essa medida afete "qualquer pessoa de origem estrangeira" que deliberadamente atentou à vida de um policial, de um guarda ou de qualquer outro "guardião da autoridade pública." No processo, Hortefeux pediu que fosse estendido para os casos de poligamia ou de circuncisão feminina. (Tradução nossa)

qualquer encarregado da segurança e também em caso de poligamia ou excisão. Apesar de não citar nenhuma origem estrangeira em particular, sabemos que qualquer pessoa, de qualquer origem, pode atentar “deliberadamente” contra a vida de outra; porém, apenas pessoas de origem islâmica têm como hábito cultural a poligamia masculina, que é até mesmo aceita em alguns países do mundo árabe, e a circuncisão feminina, que entraria no conceito de excisão citada no texto, para que a mulher não sinta prazer sexual e não busque, assim, a vida extraconjugal.

Assim, o “foco na segurança” (*cap sur la sécurité*) divulgado pelo governo francês e veiculado pela mídia parece estar diretamente ligado ao fato de “pessoas de origem estrangeira” (*toute personne d'origine étrangère*) poderem ser presas caso cometam alguns dos crimes previstos. Seria essa medida, assim, mais uma tentativa de “se livrar” das pessoas de origem estrangeira que tanto parecem incomodar o “povo” francês. Mais uma vez, coloca-se a questão da hospitalidade/hostilidade em pauta, pois ao usar o período verbal “pediu que fosse estendido” (*avait souhaité qu'elle soit étendue*), podemos deslocar o sentido de “poligamia” e “circuncisão”, para “descendentes islâmicos que têm por hábito um dos dois atos”.

Podemos, também, relacionar o termo “circuncisão” à origem das relações de poder, as quais deriva(ra)m diretamente da relação com a sexualidade, pois foi nas classes dominantes que se estabeleceu o dispositivo de sexualidade como “nova distribuição dos prazeres, das verdades e dos poderes” (FOUCAULT, 1999 [1988], p. 116). Portanto, a valorização do corpo está ligada ao crescimento da hegemonia burguesa, pois, com o desenvolvimento da “cultura” do seu próprio corpo, eles alcançaram maior poder político e econômico. A mesma sociedade burguesa, que detinha o poder por meio do controle da sexualidade, é a que hoje detém, ainda, certo poder. A sexualidade, para Foucault, é entendida como instrumento de disciplinamento, já que passa a ser uma dobradiça, que atua como ponto de articulação entre as disciplinas individuais, do corpo, e as regulações da população. Ou, em outras palavras, “o sexo é acesso à vida da espécie, por isso, servimo-nos dele como matriz das disciplinas e como principio das regulações” (FOUCAULT *apud* VEIGA NETO, 1996, p. 275).

Por fim, o cerne do excerto encontra-se todo no substantivo feminino

“nacionalidade” (*nationalité*), que indica “qualidade, caráter do que é nacional” (Dicionário Houaiss) e está intimamente ligado à ideia de nação. Temos, contudo, duas concepções diferentes para “nacionalidade”:<sup>84</sup> uma em direito e outra em sociologia. Pelo viés do direito, nacionalidade é o vínculo jurídico entre uma pessoa e um Estado. Nessa concepção, a nacionalidade pressupõe que a pessoa goze de determinados direitos frente ao Estado, como o direito de residir e trabalhar no território do Estado, o direito de votar e ser votado (este, conhecido como cidadania), o direito de não ser expulso ou extraditado e o direito à proteção do Estado (inclusive a proteção diplomática e a assistência consular, quando o cidadão daquele país se encontra no exterior), dentre outros. Na concepção sociológica, porém, o termo “nacionalidade” possui um significado diverso do que lhe é conferido pelo direito, pois se refere a uma nação ou a um grupo étnico (indivíduos com as mesmas características: língua, religião, hábitos etc.). Desse modo, podemos entrever que, apesar de conquistar a nacionalidade em seu âmbito jurídico, o estrangeiro nunca será aceito sociologicamente, nunca pertencerá, de fato, à nação francesa enquanto espaço destinado aos “franceses”.

#### **4. Representações sobre o imigrante que emergem no dizer da mídia francesa**

O fato de os excertos em língua francesa referirem-se pouco aos imigrantes e mais aos aspectos sociopolíticos da imigração parece ser um “sintoma” de como os imigrantes são (re)tratados pela mídia francesa. Assim, a partir dos excertos analisados, pudemos entrever algumas regularidades, tais como a exclusão do imigrante e a marginalização do mesmo, em que a culpa pelos atos que cometem é a eles exclusivamente atribuída, mesmo que estes atos possam ser apenas um reflexo da política migratória na França (ou da falta de uma) e/ou tentativa de resistência perante o poder da sociedade dita hegemônica, como no caso dos jovens que se envolveram nos conflitos na periferia de Paris.

Como sabemos, nenhum veículo de informação é neutro e, por isso, isento

---

<sup>84</sup>

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nacionalidade>

de uma posição política; sendo assim, a maneira como relatam os acontecimentos relacionados aos imigrantes varia de acordo com sua formação ideológica. Desse modo, pudemos vislumbrar momentos em que o narrador assumiu uma posição sujeito favorável ao imigrante ou, ao menos, condenando a severidade com que eles são tratados na França, como o fez o jornalista que escreveu sobre a deportação de ciganos romenos. Porém, no geral, o que vimos foram retratos de imigrantes, por exemplo, afegãos, sendo expulsos do país e muito debate a respeito do tema da imigração, com autoridades envolvidas, e os veículos dando “voz” ao que eles pensam sobre o assunto, ao contrário dos imigrantes, que (quase) não tiveram suas “vozes” incluídas; sua exclusão do discurso evidencia, assim, sua exclusão da sociedade a qual (não) pertence.

Percebemos que, na França, a relação de hospitalidade/hostilidade é bem marcada e presente entre cidadãos e imigrantes, o que gera as situações narradas nos excertos trazidos. Derrida (2004) salienta a inversão que ocorre ao acolher, hospedar o Outro, pois ao dizer sim *ao* outro, deve-se esperar um sim *do* outro (o chamamento só se chama a partir de uma resposta). Desse modo:

o hospedeiro que recebe (host) aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido (guest), o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece na sua própria casa, ele a recebe de sua própria casa – que no fundo não lhe pertence. O hospedeiro como host é um guest. A habitação se abre a ela mesma, a sua “essência” sem essência, como “terra de asilo”. O que acolhe é sobretudo acolhido em si. Aquele que convida é convidado por seu convidado. (DERRIDA, 2004, p. 58)

Isto posto, passemos às (in)conclusões gerais relacionadas à nossa análise.



## (IN)CONCLUSÕES

O ato de concluir um trabalho implica, de certa forma, a tentativa de amarrar ideias soltas, entrelaçando-as, a fim de que se possa vislumbrar quais foram os resultados de uma pesquisa, que mudou diversas vezes de direção durante seu percurso, adquirindo novos desdobramentos. Vale ressaltar que aqui colocamos apenas um olhar dentre tantos outros possíveis, o qual pode se re-significar a medida que nos deslocamos no tempo e no espaço. Assim, da análise dos excertos trazidos, pode-se inferir, inicialmente, que eles apontam, em sua maioria, para a exclusão do sujeito (i)migrante, seu silenciamento e apagamento. No Brasil, é possível ligar os migrantes à mão de obra barata e não qualificada, à periferia – na medida em que ali habitam – e ao seu desmerecimento enquanto “estrangeiro” em seu próprio país. Na França, com efeito, os excertos analisados nos remetem a atos de violência resultantes de manifestações e confrontos, à ilegalidade e, conseqüentemente, ao desemprego e a atos ligados à xenofobia, que levam à expulsão do país e à sua exclusão.

Levando-se em conta, ainda, os excertos analisados, percebemos que a maioria possui uma relação de hospitalidade-hostilidade. Desse modo, se pensarmos nos contextos analisados, em que os (i)migrantes são recebidos das mais diversas formas em um “lugar” que não é o seu, podemos refletir a partir do hóspede que (n)os acolhe, que (n)os hospeda, pois

a presença do outro nos interpela, exige de nós uma retomada ética frente a este que se irrompe em nossa frente. O outro não é apenas o que recebo em minha casa, mas o que me recebe na minha casa. Mais que isso, o outro encerra em si a impossibilidade de compreensão. Ele me aparece como visage, fronteira, horizonte que sempre aponta para o infinito. (MAYR, 2006, p. 19)

A mídia brasileira, com base nos veículos de informação selecionados para o nosso trabalho, traz uma representação do migrante como renegado, esquecido e sofrido, alguém de quem devemos sentir pena, comiseração, ainda que contenha em seu discurso traços que nos permitem entrever o preconceito existente na sociedade. Já na mídia francesa, o imigrante é representado como uma ameaça, alguém perigoso do qual devemos sentir medo, uma vez que são os únicos responsáveis pela violência existente nas periferias; os que não fazem “mal algum”, mesmo que trabalhadores, devem ser deportados caso não possuam a documentação necessária, pois não são bem quistos e bem recebidos quando ali “desembarcam”. Nesse caso, também existem exceções e, por isso, casos em que se pode entrever a “defesa” do imigrante podem ser encontrados.

A identidade desses (i)migrantes (assim como a de todos, mas de maneira especial a deles) é afetada constantemente, é móvel e fragmentada, sendo a completude uma ilusão (LACAN, 1966), já que não há essa inteireza na qual se acredita. Segundo Coracini (2007, p. 61), “a identidade não é inata nem natural, apesar da ilusão que se instaura no sujeito, mas naturalizada, por meio de processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação”. Podemos afirmar, ainda, que devido à crise identitária em que vive e ao (não) pertencimento à sociedade na qual tenta inserir-se, o (i)migrante acaba por transformar-se em um “marginal”, no sentido de “aquele que vive à margem”, que não está dentro completamente nem totalmente fora.

Retomando a nossa hipótese, após a análise dos excertos selecionados, podemos afirmar que ela pode ser confirmada e (re)negada, pois percebemos que há a exclusão dos (i)migrantes retratados a partir da representação que a mídia faz deles, ou seja, temos um falar *sobre*; porém, alguns poucos também trazem a “voz” desse (i)migrante, mesmo que, às vezes, manipulada e direcionada. A partir dessas observações, podemos inferir que a análise vai mais ao sentido de confirmação da hipótese do que da contestação

da mesma.

Em relação aos nossos objetivos, podemos (in)concluir que conseguimos vislumbrar a constituição identitária do (i)migrante pelo viés da mídia que, ao representá-lo como *ex-trangeiro*, acaba por constituí-lo como tal. Tendo em vista a materialidade linguística depreendida do discurso jornalístico, observamos que há um discurso xenófobo por trás até mesmo daqueles que se dizem defensores, pois eles são, assim como somos todos, constituídos pela mesma formação discursiva.

Espera-se, por fim, que nosso trabalho tenha conseguido dar certa “visibilidade” aqueles que não a tem e que possa, também, servir de base ou ao menos de impulso para futuros trabalhos sobre o tema dos excluídos, para que não sejam, tão mais, excluídos pelo discurso. Depois de um longo e árduo desenrolar, nosso trabalho certamente adquiriu alguns deslocamentos, tendo causado, também em nós, alguns outros. Inicialmente o desejo (de completude) que se tinha era de trabalhar com a relação entre imigrantes em Paris e imigrantes e migrantes em São Paulo, mas, dada a restrição do tempo, optamos por dar enfoque apenas aos migrantes que, como já pudemos depreender dos excertos analisados, são tratados como verdadeiros imigrantes, tais quais aqueles que vivem na França. Porém, apesar de se tratar de um país com as proporções do Brasil, não podemos aceitar que haja esse preconceito. Na França, por conseguinte, faz-se necessária uma maior reflexão acerca do “lugar” que ocupam os imigrantes na sociedade, para que eles não busquem outras maneiras de serem “vistos”. Para isso, nos dois países faz-se necessária uma maior preocupação com políticas migratórias não excludentes e planejamento para que se recebam esses (i)migrantes tais quais qualquer outro cidadão advindo de outro lugar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ASSOUMI, Mohamed. *Impossible de se passer d'eux*. Courrier International, França, nº 814, jun. de 2006, p. 36.

ALTHUSSER, Louis (1970). *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad.: Walter José Evangelhista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

Associação Psicanalítica de Porto Alegre (COSTA, Ana Maria Medeiros da Costa; MELMAN, Charles; CHEMANA, Roland, et al.). *Imigração e Fundações*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. Trad.: Celene M. Cruz; João W. Geraldi. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, nº. 19, jul./dez., pp. 25-42, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AZEVEDO, Luse. *Dia do Migrante*. Pastoral do Migrante, Brasil, junho 2009. Disponível em: <[http://www.pastoraldomigrante.com.br/index.php?view=article&id=818:dia-do-migrante&option=com\\_content&Itemid=54](http://www.pastoraldomigrante.com.br/index.php?view=article&id=818:dia-do-migrante&option=com_content&Itemid=54)>. Acesso em: 29 ago. 2009.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização*: as consequências humanas. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BILAC, Olavo. “Discurso em resposta à recepção de Afonso Arinos na Academia Brasileira de Letras, proferido em 18 de setembro de 1903”. In: *Discursos Acadêmicos*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, p. 180.

BIRMAN, Joel. “Interpretação e Representação na Saúde Coletiva”. In: *PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva*. vol. 1, nº 2, 1991. pp.7-22.

BONELLI, Laurent. *Révoltes des banlieues: les raisons d'une colère*. Le Monde Diplomatique, França, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2005/12/BONELLI/12993>>. Acesso em: 01 set. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. “Um analista do inconsciente”. In: ABDELMALEK, Sayad. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. 1ª ed. São Paulo, Edusp, 1998. pp. 9-12.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2008[1996].

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil!:* notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1991.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad.: Angela S. M. Correa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COGGIOLA, Osvaldo. *A revolta da juventude na França*. Instituto Rosa Luxemburgo. Portugal, 15 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.insrolux.org/textos2005/coggiolafranca.pdf>>. Acesso em: 29 de maio 2010.

CORACINI, Maria José. *A Celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Discurso de imigrantes: trabalho de luto e inscrição de si. In: CAVALCANTE, M.; KLEIMAN, A. (Orgs.) *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Discurso: Compreensão e Contexto*. Claritas, 1996.

\_\_\_\_\_ (org.). *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. “Juventude em riso e Governamentalidade: A questão do Silenciamento e da Identidade”. In: NAVARRO, Paulo (org.): *O Discurso: nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes/Educ., 1991.

\_\_\_\_\_ & BERTOLDO, Ernesto Sérgio (orgs). *O desejo da teoria e a contingência da prática*. Campinas: Editora Mercado das Letras, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. “Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens”. In: *Langages*, 62, Paris: Didier Larousse, 1981.

*DATAS Comemorativas: 19 de junho, Dia do Migrante*. Site do IBGE, Brasil. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/7a12/voce\\_sabia/datas/data.php?id\\_data=34](http://www.ibge.gov.br/7a12/voce_sabia/datas/data.php?id_data=34)>. Acesso em: 30 ago. 2009.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad.: Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005 [1986].

\_\_\_\_\_. “Post-Scriptum” sobre as Sociedades de Controle. In: *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbar. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELMAS-MARTY, Mireille. *Libertés e sûreté dans un monde dangereux*. Paris: Seuil, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ame Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre De l'hospitalité*. Paris: Calman-Lévy, 1997.

\_\_\_\_\_. *Da hospitalidade*. Trad.: Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

\_\_\_\_\_. *O monolinguismo do outro ou a Prótese de Origem*. Trad.: Fernanda Bernardo, Ed. Campo das Letras, Porto, 2001.

*DESTINS d'émigrés*. Courrier International, França, nº 814, jun. 2006.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. “O sintoma: de Freud a Lacan”. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, vol. 11, nº 2, mai./ago. 2006. pp. 399-405.

FERRETTI, Maritza. “Direitos humanos e Imigrantes”. In: SALES, T. E SALLES, M. R. R. (orgs.). *Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: EdUFSCAR: Ed. Sumaré, 2002. pp. 139-146.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986/2004[1969].

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad.: Roberto Machado e Eduardo Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003 [1973].

\_\_\_\_\_. “A vida dos homens infames”. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 203-222.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Trad.: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: O cuidado de si*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999 [1988].

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974/1975)*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramalhete. 37ª ed. Petrópolis, RJ: ED. Vozes, 2009 [1975].

FRANÇA – Lei nº 2006-911, de 24 de julho de 2006. *Loi relative à l'immigration et à l'intégration*. Legifrance. Le service public de la diffusion du droit. Disponível em: <[http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexteArticle.do;jsessionid=78242B97CEAD3B41FAF21B7E72259C14.tpdjo13v\\_2?idArticle=JORFARTI000001107280&cidTexte=JORFTEXT000000266495&dateTexte=29990101&categorieLien=id](http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexteArticle.do;jsessionid=78242B97CEAD3B41FAF21B7E72259C14.tpdjo13v_2?idArticle=JORFARTI000001107280&cidTexte=JORFTEXT000000266495&dateTexte=29990101&categorieLien=id)>. Acesso em: 21 set. 2010.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2001 [1900].

\_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. “Luto e melancolia”. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1920], vol. XIV.

\_\_\_\_\_. “O Estranho”. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1919], vol. XVII.

\_\_\_\_\_. “O Inconsciente”. In: *Escritos sobre a psicologia do Inconsciente*, volume II. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006 [1915].

GARCIA, Tirza Myga. “O funcionamento da comparação na construção do discurso irônico em crônicas jornalísticas de Luís Fernando Veríssimo”. In: *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003. pp. 1403-1410.

GASEROW, Vera. *Qui veut gagner son passeport?*. *Courrier International*, França, nº 814, jun. 2006, p. 18.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1985].

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 [1992].

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad.: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

*La Politique de l'immigration*. Site da Embaixada Francesa na Argélia, França, junho de 2007. Disponível em: < [http://www.ambafrance-dz.org/article.php3?id\\_article=1417](http://www.ambafrance-dz.org/article.php3?id_article=1417)>. Acesso em: 30 ago. 2009.

LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: *Escritos*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1966]. pp. 96-103

LACAN, Jacques. *O Seminário Livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUCA, Clesio de. *Migração Indesejada, Brasil*, set. 2007. Disponível em: < <http://www.saopaulominhacidade.com.br/list.asp?ID=1207>>. Acesso em: 30 ago. 2009.

MALISKA, Maurício Eugênio. “Foucault e Lacan: articulações possíveis”. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL* (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul). Palhoça - SC, out. 2010.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

MANDELA, Néelson. *Conversas que tive comigo*. Trad.: Angela Lobo de Andrade, Nivaldo Montingelli Jr., Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MAYR, Arnaldo. *Ética da alteridade, bioética e eco ética*. 2006. Disponível em: Disponível em: [www.asmayr.pro.br/hybris](http://www.asmayr.pro.br/hybris). Acesso em: 22 nov. 2011.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Trad.: Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

MOURA, Maria Betânia. *Memória discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico*. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 28 out. 2011.

*MUDANÇAS a partir da migração*. Site do IBGE, Brasil. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/migrante/mudancas\\_da\\_migracao.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/migrante/mudancas_da_migracao.html)>. Acesso em: 30 ago. 2009.

NICOLAZZI, Fernando F. As histórias de Michel Foucault. Disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra12/foucault.html> . Acesso em: 28 out. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Trad.: Isabel Henninge Ferreira. Porto: Rés-Editora, 2004[1980].

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 6ª ed. 2005 [1999].

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995 [1975].

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1965].

SARGENTINI, Vanice M. O. “A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo”. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis (orgs.). *Michel Foucault e os domínios da linguagem - discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, pp. 77-96.

SOARES, V. D. M. “Hospitalidade e Democracia por vir a partir de Jacques Derrida”. In: *Ensaio Filosóficos*, vol. II – outubro/2010.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: Elementos para uma abordagem do sentido do discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VEIGA NETO. *A ordem das disciplinas*. Tese de Doutorado. UFRGS: 1996.

VENTURA, Daisy; ILLES, Paulo. *Estatuto do Estrangeiro ou Lei de Imigração?*. Le monde diplomatique. Ano 4, nº 37, pp. 1-4. Disponível em: <http://educarparaomundo.files.wordpress.com/2010/08/ventura-illes-diplo-2010-docx.pdf> . Acesso em: 21 mai. 2010.

## ANEXOS

### **ANEXO 1 – Matéria 1 BR completa**

Endereço *on line* (acesso em 22/05/2010):

<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,as-duas-vidas-de-raimundo,484775,0.htm>

### **As duas vidas de Raimundo**

O trilho caiu do guindaste e encerrou uma existência em obras - entre a periferia de São Paulo e o interior do Piauí

19 de dezembro de 2009 | 16h 18

Ivan Marsiglia, de O Estado de S.Paulo

SÃO PAULO - Raimundo tinha nome, sobrenome e dois endereços. Na segunda-feira, um trilho surgiu no caminho desse piauiense de Piracuruca. Um trilho de metrô, de 700 quilos e 12 metros de comprimento. A peça despencou do guindaste operado pelo baiano Genivaldo, natural de Jeremoabo, nas obras das futuras Estações Tamanduateí e Vila Prudente, em São Paulo. Bateu de ponta no chão e tombou em cima de um grupo de operários, que correram. Ao lado dele, o maranhense Lindomar, de Presidente Dutra, gritou. Mas Raimundo não pôde se desviar. Ergueu o braço, inutilmente, em instinto para proteger o rosto. Capacete, luvas e colete de segurança não serviram para amortecer o impacto, no lado da cabeça. Raimundo morreu na hora. Coisas que acontecem.

No boletim de ocorrência 5774/2009, lavrado no 56º Distrito Policial, de Vila Alpina, o "operário" das manchetes de jornal da última semana chamava-se Raimundo Maria de Almeida, 49 anos, carpinteiro, contratado pela construtora Galvão Engenharia, licitada pelo governo do Estado para executar a extensão do metrô.

Raimundo tinha duas casas, entre as quais se dividia ao longo do ano. Desde setembro, estava na batalha na capital paulista, enquanto a família o esperava 2.598 quilômetros rodoviários dali, no município de Batalha, no Piauí. Uma rotina que ele cumpria desde 1979 - e é prática de um contingente cada vez maior de migrantes temporários nordestinos, atraídos pelo boom da construção civil no País.

"Eu estava a um metro dele, para bem dizer. Por um milagre de Deus o trilho não me pegou", conta o também carpinteiro Raimundo Nonato Rodrigues de Moraes, de 33 anos, ex-vizinho da vítima em Batalha - um lugar onde quase todo mundo se chama Raimundo. "Fiquei tão nervoso que passei mal. Tiveram que me levar para a enfermaria." Raimundo

Nonato conta que Raimundo Maria queria mudar de vida. Que em janeiro ia-se embora, ficar de vez no Piauí. Que trabalhava desse jeito, indo e voltando, desde os 19. "Mas aí veio a fatalidade, né, senhor?"

A palavra é a primeira a aparecer após um acidente de trabalho no Brasil. A nota divulgada na mesma noite pela Galvão Engenharia, prometendo apurar as "prováveis causas" do acidente, começa com uma sintomática redundância: "Comunicamos e lamentamos a fatalidade da morte de Raimundo Maria de Almeida..."

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil em São Paulo (Sintracon), o paraibano Antonio de Souza Ramalho, de 60 anos, não aceita essa hipótese. "Acidentes têm causa e culpados, seja por falha de equipamento, descuido da empresa ou desatenção do trabalhador." E, embora considere cedo para se tirar qualquer conclusão, estranha o fato de que a área sob o guindaste não estivesse completamente isolada durante sua operação - prática que consta, diz, da Norma Regulamentadora NR 18, do Ministério do Trabalho e Emprego. A empresa afirma ter seguido "estritamente" essas regras. Mas o sindicalista relembra: "Em 1999, uma pedestre morreu em frente a uma obra, em plena Avenida Paulista, dessa forma."

Ramalho se refere à estudante Milene Modesto, de 28 anos, que perdeu a vida ao ser atingida por um carrinho de construção de 40 quilos na calçada, que caiu de uma grua a 92 metros de altura. Após quase uma década de litígio na Justiça, o artista plástico Wagner Morales, marido de Milene, obteve uma sentença favorável na 16ª Vara Cível do Foro Central da Capital, mas a empresa responsável pela obra, a construtora Romeu Chap Chap, e a operadora do guindaste, a Grumont, recorreram. "Decidi que não faria nenhum acordo financeiro, porque quero uma condenação exemplar, que leve a uma responsabilização de fato", diz Wagner.

Aparentemente, um impasse semelhante se desenha no caso do operário Raimundo. "Se ficar comprovado que houve falha, a cadeia de responsabilidade começa pela empresa que operava a grua, a Verbel Guindastes, depois a Galvão Engenharia e, só então, a administração do Metrô", explica o delegado Marcos Gomes de Moura, da 3ª Delegacia do Meio Ambiente e Relações de Trabalho (DMART), para onde a investigação foi encaminhada. O laudo que o Instituto de Criminalística de São Paulo prepara sobre as circunstâncias do acidente fica pronto em trinta dias.

Enquanto a Justiça caminha lentamente, os acidentes de trabalho apertam o passo. Para ficar somente nas obras do metrô, em outubro de 2006, o operário José Alves de Souza, de

56 anos, morreu soterrado em um túnel da futura Estação Oscar Freire. Três meses depois, o desabamento do canteiro de obras da Estação Pinheiros matou outras 7 pessoas.

Uma pesquisa do Sintracon revelou que o número de óbitos na construção civil na cidade de São Paulo saltou de 7 em 2008 para 23, até agora, em 2009. E a divulgação, esta semana, do Anuário Estatístico de Acidentes de Trabalho 2008, pelo Ministério da Previdência Social, revelou um aumento de 13,4% no número de ocorrências - das mais corriqueiras às mais graves - em todo o País em relação a 2007. Entre as capitais, São Paulo é a primeira do ranking.

#### MATADOURO, BATALHA (PI)

De alvenaria, com duas salas, dois quartos, cozinha, banheiro e varanda, a casa da família de Raimundo é boa para os padrões da cidade. Fica no bairro de Matadouro, um dos mais carentes do município de 25.791 habitantes localizado 155 quilômetros ao norte de Teresina. A residência na Rua Fausto Rocha, nº 83, foi construída aos poucos e com esmero pelo carpinteiro. Em uma das laterais da fachada funciona o pequeno comércio que Raimundo sonhava tocar após sua aposentadoria. "Fiquei sem chão", diz a viúva, Maria da Conceição Carvalho Franco, de 44 anos, 28 dos quais vividos com o marido, com quem se casou apenas na Igreja. Os dois tiveram três filhas: Marta, de 25 anos, Juliana, de 23 anos, e Juliete, de 20. Marta deu duas netas ao casal e Juliete está grávida de cinco meses. Juliana nasceu com síndrome de Down e tem problemas de saúde. "Desde os 5 anos ela tem que tomar umas injeções que a gente não tinha como pagar. Aqui não tem emprego e vivemos somente com o que o Raimundo nos mandava", diz Conceição.

O velório e enterro na quinta-feira, e também o traslado do corpo, foram pagos pela construtora, que enviou um representante para fazer os acertos trabalhistas. Trouxe os cerca de R\$ 1.000 de salário que Raimundo tinha a receber na terça-feira, 15, um dia após o acidente. O funcionário da Galvão garantiu que, em um prazo de 30 dias, a família receberá o seguro de vida contratado pela empresa. Sobre indenização, nada ainda foi conversado.

A empresa informou ao Aliás, por e-mail, que com o seguro, "a família do sr. Raimundo terá direito ao recebimento de uma indenização pelo trágico acontecimento, sem ter que recorrer ao Judiciário. Não obstante esse fato, a empresa vem mantendo contato direto com os familiares, a fim de suprir qualquer necessidade financeira ou de ordem pessoal nestes primeiros dias". D. Conceição, no entanto, ainda não sabe o que vai fazer sem os R\$ 300 a R\$ 500 que chegavam de São Paulo a cada mês.

Wagner Soares, o Pedal, genro de Raimundo, conta que toda quinta-feira dois ônibus deixam a cidade com destino ao Sudeste, repletos de jovens candidatos a emprego na construção civil. Agiotas oferecem dinheiro para as despesas da viagem. "É coisa de R\$ 200 a R\$ 300 para a passagem, o lanche e para se manter uns dias até achar trabalho. Depois cobram juros de 15 a 20%. Aqui tem gente que vive só disso."

#### VILA CARMOSINA, ZONA LESTE DE SÃO PAULO (SP)

A Rua Luís Pereira Brandão é uma ladeira estreita, com pouco mais de 100 metros, ladeada por uma sucessão de casebres de bloco, madeira e alvenaria. Entre a Vila Carmosina e Itaquera, na zona leste da cidade, desfilam ruas de nomes familiares a boa parte dos moradores, como Campinas do Piauí e São Félix do Piauí. Raimundo morava com outros três colegas nos fundos da casa de número 20A, em um ambiente de dois cômodos, sem janelas e banheiro com piso de cimento. Um portão de grades, fechado com cadeado, servia de porta. Os trabalhadores rachavam o aluguel mensal, de R\$ 250.

Todo dia, Raimundo caminhava até a Estação Dom Bosco, em Itaquera, ia até a Luz e de lá seguia de metrô. Entrava na obra as 13h30 e ficava até as 22h. Os vizinhos contam que era homem de poucas palavras. "Tudo pra ele era a família, não era pessoa de andar em festa. Quando a gente fazia churrasco no domingo, nem beber ele bebia. Eu dizia: 'Tá fraco, seu Raimundo!'", conta Teliane da Silva, de 23 anos, outra conterrânea de Batalha, balconista da pequena venda que fica no final da rua.

O carpinteiro José Veloso, de 43 anos, é outro que mora ali, e o conhecia desde moço, no Piauí. "A única coisa de que ele gostava era do Flamengo. Eu sou palmeirense, e no dia que ganharam o campeonato brasileiro ele nem mangou de mim. Era sujeito direito."

Na quarta-feira, as roupas que Raimundo pôs para secar continuavam penduradas no varal. Na cômoda, deixou um vidro de perfume e o rádio de pilhas. Já os quatro DVDs infantis que havia comprado para a filha Juliana, pôde despachar antes da tragédia. "Ele falava muito dessa filha que não era muito boa, a bichinha", lembra seu Veloso. "Eu chorei, já... Mas o senhor sabe, quando é para acontecer as coisas, não tem jeito."

Colaborou Luciano Coelho, de Batalha

#### **ANEXO 2 – Matéria 2 BR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 22/05/2010):

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63124-15228,00.html>

## **Cinema na Laje**

Com lua, lanterninha e jabá com mandioca, Sérgio Vaz e a Cooperifa inauguraram cinema de graça na periferia de São Paulo

06/03/2009 - 15:16 - ATUALIZADO EM 06/03/2009 - 23:28

ELIANE BRUM

Piauí estava lá, tocando uma obra na Piraporinha, Zona Sul de São Paulo, como fez a vida toda. Segunda-feira, 2 de março, o solzão fervia as lajes da periferia e a cabeça branca do pedreiro. De repente, Zé Batidão, todo rapidinho, todo mineiro, apareceu com proposta das mais esquisitas. “Quer trabalhar no cinema?” Piauí se apurou, pensou um pouco: “Como é o cargo?” Foi assim que horas mais tarde ele estava lindo. Todo esticado de uniforme vermelho, galões dourados nos ombros, botões brilhantes. “Mais bonito que isso só quando fui padrinho de casamento”, constatou. E exibiu a lanterna moderna, sem pilhas, bem chique.

Francisco Rodrigues Alves, 52 anos, “mas para os meus conhecimentos Piauí”, foi promovido à lanterninha do “Cinema na Laje”, a mais nova invenção do poeta Sérgio Vaz, criador da Cooperifa. Vaz é assim: em vez de dormir, fica tendo ideias na madrugada. Por causa da insônia criativa, criou um monte de confusão: tomou conta de uma fábrica interdita, em 2001, para fazer uma mostra cultural; inventou o maior sarau de poesias do Brasil; uma vez por ano convida poetas e não-poetas para soltar pipas com poemas durante a noite; e, para comemorar o dia internacional da mulher, na próxima quarta-feira vai mandar todo homem santo do sarau arrastar os joelhos no chão para pedir perdão às patroas, num evento concorridíssimo chamado “Ajoelhaço”.

A última façanha de Sérgio Vaz é o cinema. Ele acordou pensando que se não tinha cinema na periferia, era hora de inventar um. “Só retratam a periferia nos filmes pela violência”, diz. “Se a gente quiser ver filmes que nos retratam decentemente temos de ir a cinemas como o Unibanco, que a gente não tem dinheiro para pagar. Então, vamos abrir a tela para a produção de documentários aqui da periferia, que mostram que a gente também dá beijo na boca.”

A periferia ganhou cinema, ao ar livre e de graça, toda primeira e terceira segunda-feira de cada mês. Como Sérgio Vaz não queria uma “sala de cinema, mas um CINEMA”, planejou

tudo nos conformes. Nessa deixa entrou o lanterninha Piauí, estreando reluzente na profissão.

Local era bem fácil. Há muito Zé Batidão aderiu às loucuras geniais de Sérgio Vaz. Seu boteco, numa esquina de quebrada na Zona Sul de São Paulo, é a sede da Cooperifa há anos. E o Zé literalmente veste a camisa e aproveita para vender muita cerveja. É um empreendedor. Cozinheiro com as duas mãos cheias, logo anteviu a possibilidade de abrilhantar a festa com uma criação de cinegastronomia.

Como dieta é um assunto alienígena na Cooperifa, Zé nunca mede calorias. Gosta de usar todas elas. E foi exatamente o que fez ao criar um prato com base de costelinha de porco, coberta por angu, recoberto por queijo mineiro e, como ele explica, “umas couves rasgadas ao redor”. Só uma palavra: sensacional. Segundo o Zé, “o Costelaje é light”.

Nunca houve mesmo um cinema como esse. Na laje, em noite de luar, até tinha pipoca. Mas só para o aquecimento. A coisa ali era um pouco mais consistente: Costelaje, Escondidinho, jabá com mandioca. E, claro, cerveja e cigarro à vontade. “No Rio o pessoal toma sol na laje”, provocava Paco, o homem que entrou com a tela, o som, a infra. “Aqui em São Paulo a gente faz cinema.” Há muito ele acredita na TV e no cinema de rua, bancando do próprio bolso nunca muito cheio. “A gente não tem direito à mídia, então tem de fazer filmes e programas em que a gente seja o astro”, esclarece.

Ao ser intimado a dar sua contribuição, o artista plástico Broi rumou para uma loja da Fnac, onde gastou algumas horas folheando livros de cinema. Aí, bateu na porta da costureira Inês – “sobrenome? Não, é só Inês mesmo” – com o desenho na cabeça. E a boa Inês fez um uniforme de lanterninha nos trinquês. “Parece um príncipe!”, encantava-se Broi, diante da exuberância do pequeno Piauí.

O primeiro filme era sobre eles mesmos. Viveram a experiência que Angelina Jolie poderia ter, caso assistisse aos próprios filmes, ao se reconhecer na tela. “Povo lindo, povo inteligente” é um documentário sobre a Cooperifa produzido pela DGT filmes, com direção de Sérgio Gagliardi e Mauricio Falcão. Ali, na laje, eles viviam esse milagre de ser, ao mesmo tempo plateia e atores principais.

O documentário seguinte – sim, porque o “Cinema Laje” estreou com sessão dupla, como nos velhos tempos – era “A Ponte”, de Roberto T. Oliveira e João Wainer. Na tela, experiências extraordinárias vividas na periferia, como a de Dagmar Garroux, a Tia Dag,

criadora da Casa do Zezinho, um espaço de educação integral e reinvenção do mundo.

Para a epifania de quem já não suporta mais a falta de educação nos cinemas dos shoppings, quando algum incauto se aventurava a cochichar no meio do filme, o “shhhhhhhhhhh” era tão definitivo, alto e politicamente incorreto que a boca se fechava imediatamente. Celular, ninguém era doido.

Barulho, só na apresentação e ao final da sessão. Aí, nada de aplauso de dondoca, com as palmas das mãos farfalhando. Aplauso, na Cooperifa, tem de doer. E quando Sérgio Vaz achou que estava fraco, berrou bem invocado: “Estão pensando que tão em Cannes?” A laje (quase) veio abaixo.

### **ANEXO 3 – Matéria 3 BR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 22/05/2010):

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,emprego-nao-falta-diz-pedreiro,52631,0.htm>

### **"Emprego não falta", diz pedreiro**

Trabalhadores, migrantes em sua maioria, comemoram bom momento

31 de dezembro de 2009 | 21h 00

O Estado de S. Paulo

O pedreiro William Morais Pinheiro, baiano de Morro do Chapéu, está feliz com a profissão. Desde que desembarcou em São Paulo, quatro anos atrás, já passou por seis construtoras, sempre melhorando o salário - piso de R\$ 785, mais R\$ 3,33 de produção por metro quadrado -, bem mais do que ganhava trabalhando na roça em Irecê, a terra do feijão.

"Disso não posso me queixar, emprego é o que não falta", disse ele na quarta-feira de manhã no 11º andar de um prédio em obras na Vila Clementino, zona sul da capital, entre meia dúzia de companheiros. Se estava com a cara amarrada naquela hora, era de ficar parado por falta de massa para dar acabamento à fachada, sua especialidade.

"A máquina quebrou, faz três dias que não ganho um centavo", queixava-se o fachadista, imaginando que, no fim do mês, a remuneração pudesse cair pela metade. Pinheiro mora num quarto alugado na periferia da zona leste e viaja quase duas horas de trem e metrô, ida e volta, para trabalhar na zona sul. Vida dura, mas ele nem pensa em voltar para o Nordeste. Os conterrâneos concordam, embora todos tenham saudades da família - dos pais, irmãos e

sobrinhos que não puderam migrar para São Paulo. "Se aqui é ruim, lá é pior", disse Valdik Pires Rocha, que chegou há 25 anos de Boa Nova, região de Jequié.

O mestre de obras Alírio Martim Ribeiro, de 43 anos, outro migrante de Boa Nova, veio na mesma época e nunca voltou à sua terra. A maioria dos funcionários que trabalham ali é da Bahia e do Ceará.

Começaram na categoria de servente - sem nenhuma qualificação - e foram progredindo na profissão, até atingir o grau de oficial, aquele pessoal de capacete branco, que pode ser pedreiro, carpinteiro, azulejista, eletricista, encarregado... Assim foi a carreira de Cícero de Jesus Santos, baiano de Macaúbas. Contratado em 1997 como ajudante, subiu para administrador e hoje, aos 33 anos, é comprador de materiais, um cargo de confiança na empresa.

Huruo Ishikawa, o dono da construtora, sorri de satisfação e orgulho, ao apontar os empregados que vão melhorando de vida nesse ramo. Cícero tinha curso colegial completo quando chegou, mas a maioria partiu quase do zero. "Muitos foram alfabetizados na obra", informa o engenheiro Odécio Funai, nessa mesma firma desde 1988. "Colei grau em outubro na Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Bauru e já estava empregado em dezembro."

A fidelidade de seu pessoal ao emprego, sobretudo numa época como essa, quando os "gatos" da concorrência acenam com salários mais altos, é mais uma alegria de Huruo Ishikawa, pois não é nada fácil encontrar engenheiro e oficial de experiência. "Não tenho dificuldade neste instante, mas vou ter", prevê. Além de 60 funcionários, ele tem mais 150 terceirizados.

A demanda por profissionais qualificados, que não se via nos últimos 15 anos, vem aumentando desde o fim de 2006.

#### **ANEXO 4 – Matéria 4 BR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 19/11/2010):

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4605938-EI6594,00-Em+manifesto+na+web+jovens+paulistas+criticam+migracao.html>

QUINTA, 5 DE AGOSTO DE 2010, 13H55 .

ATUALIZADA ÀS 17H11

## **Em manifesto na web, jovens paulistas criticam migração**

**Ana Cláudia Barros**

Eles têm entre 18 e 25 anos, são universitários e se uniram a partir de um manifesto virtual, batizado de "São Paulo para os paulistas". A iniciativa, que começou com a voz solitária de uma jovem indignada diante da proposta de inserção da cultura nordestina na grade curricular de escolas da capital do Estado, foi ganhando adeptos e, em poucos meses, já contava com mais de 600 adesões, demonstrações de apoio expressas em assinaturas numa petição online.

Escolhido como porta-voz do grupo por ter um discurso mais moderado e menos conservador, o estudante Willian Godoy Navarro, 22 anos, conversou com **Terra Magazine**. Nitidamente preocupado em dosar as palavras, ele falou sobre as pretensões do movimento, que tem entre os principais objetivos discutir a questão da migração e a suposta subvalorização da cultura paulista, preterida, segundo o universitário, em função do espaço que culturas "estrangeiras" conquistaram em São Paulo.

-Existe uma representatividade muito forte, na Assembleia Legislativa, de deputados de origem nordestina, que trabalham para o povo paulista. E eles aprovam e trabalham em projetos de lei que valorizam a cultura de lá. Isso não é errado. O que ocorre é que existe uma supervalorização dessa cultura e nenhuma da paulista. Muitas vezes, o aluno passa pelo Ensino Fundamental, pelo Ensino Médio e nunca estudou, não sabe qual é a história de São Paulo, o que são os bandeirantes. E agora o cara quer inserir isso como uma disciplina, "culturas do Nordeste". Aqui não é o Nordeste. Ele deve fazer isso no Nordeste - afirma, garantindo que a preocupação do grupo não se dirige, especificamente, aos migrantes dessa região do país.

O universitário conta que a sondagem na internet foi apenas uma etapa inicial. O plano agora é criar o Movimento Juventude Paulistana, uma organização com "personalidade jurídica", que, a exemplo dos ativistas ambientais do Greenpeace, pretende buscar visibilidade por meio de atos públicos.

-A gente vai fazer alguma coisa na Ponte Estaiada. Uma faixa, uma mobilização que chame a atenção dos principais veículos de comunicação de São Paulo - adianta, sem, no entanto, revelar detalhes.

## **Confira a entrevista**

### **Terra Magazine- Como surgiu a ideia do manifesto?**

**Willian Godoy Navarro** - A ideia do manifesto surgiu por conta de algumas leis que ainda estão em discussão na Câmara, na Assembleia Legislativa, que defendem a aplicação de uma disciplina nas escolas públicas em relação à cultura nordestina. Isso desencadeou o movimento, porque não existe uma promoção da cultura paulista. Os alunos saem do Ensino Médio e não sabem o que foi a Revolução Constitucionalista de 1932. Então, a Fabiana (uma das integrantes) criou a petição, jogou na internet e conseguiu a adesão. Foi formado um grupo. Dezenas jovens apoiam e se mobilizam na internet para divulgar. Foram se conhecendo pela internet. A petição está há poucos meses no ar e já tem mais de 600 assinaturas.

### **O que vocês pretendem exatamente?**

A gente quer levantar a discussão. Não apoio a petição. Há uma discussão interna. Acredito que a petição é ousada demais, muito radical. A gente não pode fazer uma petição como se São Paulo fosse um Estado independente.

### **A petição dá a ideia de que há uma intenção separatista. Não há um consenso no grupo?**

Existe um movimento separatista, que é o MRSP, Movimento República de São Paulo, mas a gente não faz parte. A gente apoia o MRSP, mas não apoia a ideia de separar São Paulo do Brasil. Na passeata de 9 de julho, conversamos com eles. É um movimento organizado. São centenas de jovens em todo o Estado. Tem sede em Ribeirão Preto, Sorocaba, Campinas, Santos, São José dos Campos e na cidade de São Paulo. Geralmente, são de famílias italianas. Também são grupos de universitários.

### **Mas o que vocês objetivam com esse manifesto?**

Criar uma influência. Agregar outros jovens que tenham o mesmo interesse em discutir os temas de sua cidade. A gente está trabalhando agora de forma diferente. Vamos criar um grupo de jovens, o Movimento Juventude Paulistana. A migração deve ser discutida e deve ser criticada, mas uma crítica construtiva.

### **No manifesto, há um trecho que fala em "migração predatória". Você concorda com o termo?**

Não concordo. O que acontece é que não houve uma política migratória, nada que pudesse planejar isso. O que houve? São Paulo cresceu desde a década de 1970 pra cá, graças à

migração. Isso é fato. São Paulo hoje é uma potência com a força de trabalho que os migrantes trouxeram para o estado. O que acontece é que, hoje, a cidade não consegue mais absorver essa migração que ainda continua. Não há nenhum tipo de política pública para administrar isso. As pessoas têm o direito de ir e vir, mas tem que haver uma política que pudesse trabalhar com elas.

**Vocês são a favor de iniciativas que estimulam o retorno de migrantes ao local de origem?**

Imagina só: um migrante que tinha um trabalho na área agrária, rural. Ele vem para uma cidade, sem qualificação, sem estudo, sem preparo. Ele não tem base para se manter nessa cidade. Se ele sempre trabalhou no meio rural, o que vai fazer na cidade? Ninguém pensou nisso.

**Então você apoia essas iniciativas?**

Sim, é uma questão humanitária. Para você ter uma ideia, tem uma pesquisa que diz que 84% dos moradores de rua que vivem no Centro de São Paulo são migrantes. É aquela mesma história. Vêm para São Paulo, não são absorvidos, não têm amparo público e acabam vagando pela cidade. O custo de vida em São Paulo é alto. Acredito que seja um dos mais altos do país. Já é difícil para um paulistano, que constrói uma carreira, comprar, financiar um apartamento ou uma casa, imagina para o migrante que consegue ganhar um salário mínimo por mês e tem uma família para sustentar?

**Lendo o manifesto, notei que o movimento tem uma particular preocupação com os nordestinos...**

Não existe essa preocupação particular. Mineiros, nordestinos, mato-grossenses, paulistas que vieram do interior para a capital. Todos.

**Mas, inicialmente, você comentou que a petição foi desencadeada pelos projetos de lei que defendem o ensino da cultura nordestina nas escolas.**

O que desencadeou foi exatamente isso. Existe uma representatividade muito forte, na Assembleia Legislativa, de deputados de origem nordestina, que trabalham para o povo paulista. E eles aprovam e trabalham em projetos de lei que valorizam a cultura de lá. Isso não é errado. O que ocorre é que existe uma supervalorização dessa cultura e nenhuma da paulista. Muitas vezes, o aluno passa pelo Ensino Fundamental, pelo Ensino Médio e nunca estudou, não sabe qual é a história de São Paulo, o que são os bandeirantes. E agora o cara quer inserir isso como uma disciplina, "culturas do Nordeste". Aqui não é o Nordeste. Ele deve fazer isso no Nordeste.

**É por isso que vocês falam no manifesto: "O paulista olha ao seu redor e se vê um estrangeiro em sua própria terra"?**

A Fabiana foi muito ousada, colocou palavras bastante fortes nesse manifesto. Por isso que vamos mudá-lo. E a gente não vai mais fazer isso pelo meio virtual. A gente vai utilizar essa influência que conseguimos para fazer algo oficial mesmo. Uma organização que vai ter uma personalidade jurídica. Vai ser algo com uma representatividade mais concreta.

**Nesse primeiro momento, o manifesto virtual serviu para saber se haveria aceitação?**

Foi um estudo para a gente sentir como seria a aceitação. Falar da migração sempre é um tabu. Sempre alguém vai se sentir prejudicado. A gente estava discutindo ontem para falar com você hoje. A gente não pode falar da migração. São Paulo foi construído por imigrantes e migrantes. O que tem que acontecer é uma administração, um controle.

**Como assim "um controle"?**

Não existe controle. Não controle. Controle é uma palavra muito forte. Mas nenhuma política que pudesse organizar a migração. Não só de nordestinos, mas de todos que vêm para São Paulo ou para outra cidade. A gente tem quase um milhão de pessoas na cidade de São Paulo que não conseguem emprego, que moram em favelas ou em áreas com más condições de moradia. A gente não tem estrutura para absorver a migração. Essa mão de obra, essa força de trabalho que continua vindo para São Paulo poderia desenvolver outras áreas do país. A gente se preocupa com o futuro da cidade.

**Vocês do movimento consideram que a migração provoca sobrecarga no sistema de saúde e impactos nos índices de violência?**

Seria hipócrita se dissesse que não. A maior parte das pessoas que utiliza o SUS na cidade de São Paulo são migrantes. Agora, não que esse seria o problema. Em relação à violência, é também bastante contestado. O cara vem, mora na periferia, não tem emprego, não tem nenhuma base. Vai trabalhar no mercado informal ou arranjar outro meio. Mas as vezes há outras situações que fazem com que parta a criminalidade.

**Vocês falam de xenofobia no manifesto. "Se um migrante adentra em uma região, e desrespeita seus costumes, não respeita a diversidade. Pretender modificá-los, moldá-los a si, impôr os próprios, forçar os anfitriões a aceitar a descaracterização, são atos de 'Xenofobia'". Quero que você comente esse trecho do manifesto.**

Quem escreveu foi a Fabiana, mas acredito, que ela quis dizer que está sendo forçada a inclusão de uma cultura diferente. Não sei se você vai concordar comigo, mas tem uma característica bem peculiar. É muito diferente da cultura paulista, como a cultura paulista é

diferente da cultura carioca. Quando existe qualquer ato de promoção da cultura dos paulistas é visto como preconceito.

**O que seria um ato de promoção da cultura paulista, por exemplo?**

Por exemplo, existem mais pessoas que vão para a semana cultural nordestina, na Zona Norte, no Cambuci, onde há um centro de cultura nordestina, do que as que foram à passeata em 9 de julho, que é um marco para o Estado.

**Então, na sua opinião há uma subvalorização da cultura de São Paulo?**

Isso mesmo. Quem é o responsável? O governo e a prefeitura que incentivam isso. O problema é o seguinte: a maior parte do eleitorado que promove eles (políticos) são migrantes.

**Especificamente, nordestino?**

Sim, basicamente sim.

**E, na visão de vocês, eles acabam elegendo representantes de origem nordestina...**

Entendeu nosso ponto? O pessoal fala muito de outras culturas, mas qual é a cultura daqui? Ninguém fala.

**No manifesto, vocês dizem que São Paulo cresceu sem receber dádivas do Brasil.**

Certo.

**Vocês dizem: "São Paulo não deve nada ao Brasil, portanto, o usufruto desse trabalho deve ser para o povo paulista".**

Por exemplo, São Paulo é o estado que mais arrecada impostos, que mais produz. A gente não recebe nem um terço do que produz. Esse déficit orçamentário no Estado não permite que o governo trabalhe na habitação, na infraestrutura, no saneamento, na educação e na saúde. A gente é prejudicado. O dinheiro dos impostos, das indústrias e do povo de São Paulo é revertido para outros Estados, ao invés de ser aplicado novamente aqui. Recife, Salvador recebem mais investimentos do Governo Federal do que arrecadam. A capital do Piauí, Teresina, é um exemplo disso. Isso é um absurdo, sendo que a gente tem problemas de transporte público em São Paulo. O transporte público aqui é terrível. Muitos falam que a migração foi responsável pelo avanço, mas São Paulo sempre foi rica. Sempre foi desenvolvida. E foi com a força do trabalho dos migrantes também. Mas não só dos migrantes, mas de todos os paulistas.

**No manifesto, vocês dizem que os "migrantes não construíram São Paulo por serem alocados na construção civil. Seja desmentida tal falácia". Você acha que isso é realmente uma falácia?**

Essa parte do manifesto não li, mas o entendimento é o seguinte: quem constrói São Paulo não são os pedreiros. São os empresários, os investimentos aplicados na cidade, feitos por paulistas. Falar que outras pessoas construíram a cidade é absurdo. Eles trabalharam, usaram sua força de trabalho. Não significa que construíram São Paulo. Esse prédio que você trabalha, por exemplo, não foi construído por migrantes... por pedreiros. Foi construído pela empresa que investiu, que financiou o projeto. Entendeu o ponto de vista do manifesto? As pessoas dizem: "Ah, os migrantes construíram São Paulo". Construíram com sua força de trabalho, mas se não fossem os investimentos e o dinheiro que gira na cidade, não teriam construído nada.

**Vocês têm noção do teor polêmico da causa que defendem?**

É muito polêmico. É o que falei para a Fabiana. "Não se pode falar da migração. No Brasil, não se pode falar, porque todos são". Parte do manifesto não apoio. A gente vai estudar uma nova forma de aplicar um manifesto cabível para a realidade e para a necessidade de São Paulo.

**Então, o manifesto que está na internet vai ser reformulado?**

Vai ser reformulado. Vamos utilizar a influência conquistada com esses meses de trabalho. A gente vai fazer algo oficial agora, que vai ser o Movimento Juventude Paulistana. Vai ter um site e tudo mais.

**E qual o objetivo do Movimento Juventude Paulistana?**

Levantar esse assunto, mas de forma coerente. A gente vai tentar fazer com que ele seja discutido com a sociedade. Se a sociedade não tiver interesse em discutir a migração, a gente não discute. A gente vive em um país democrático e tem que expressar nosso ponto de vista. Há outros milhares de paulistanos que apoiam nossa ideia. A gente vai tentar levantar isso com a sociedade.

**Como?**

Como o Greenpeace chama a atenção? Ele faz uma passeata com 100 mil pessoas ou faz um ato que atrai a mídia? O ato. É isso que a gente vai fazer.

**Já há algo planejado?**

Não posso dizer. A gente vai fazer alguma coisa na ponte estaiada. Uma faixa, uma mobilização que chame a atenção dos principais veículos de comunicação de São Paulo. Se os paulistas não tiverem interessados em debater, a gente não vai debater. Queremos, pelo menos, criar uma oportunidade. Existe uma comunidade de São Paulo no Orkut. E eu levantei o tema. Foi só para fazer uma pesquisa mesmo. Muita gente falou mal, veio apedrejando. Em cada 10 pessoas, dois apoiavam. Se em cada 10 paulistanos, dois apoiarem, a gente vai ter, numa cidade de 10 milhões, 2 milhões. E isso é muita gente. Então, queremos pegar esses jovens, essas pessoas que querem mudar São Paulo, mudar não, pelo menos, melhorar.

**Na primeira etapa, vocês querem levantar a discussão sobre a migração, mas o que vem depois?**

Depois disso, vamos planejar. Eu entrei agora. Eu decidi falar, porque eles são muito conservadores. Eu disse: "Não seria interessante se vocês falassem agora. Vamos mudar o discurso". Da forma radical que eles estão criando, não vão conseguir apoio de ninguém.

**A ideia é abrandar o discurso para conseguir adesão, não impactar tanto?**

A gente está utilizando métodos de publicidade, de promoção e de marketing, estudo de teses de algumas pessoas, que a gente está elaborando, para poder montar o movimento. A gente quer fazer algo que conquiste o maior número de pessoas possível. Estamos conseguindo adesão de algumas pessoas com influência. A gente tem o presidente de um centro acadêmico de um curso na USP.

**Qual curso?**

Ele não me deu autorização para falar.

**Mas vocês querem manter o anonimato?**

Ele quer.

**Não faz muito sentido. Se vocês querem dar visibilidade ao tema, soa incoerente.**

Ele está representando a comunidade japonesa. É descendente. E tem outras pessoas que trabalham com ele. Eu, do Centro Acadêmico da UNIP, outros de outras instituições. Anhembi Morumbi... A gente está pegando pessoal da UNINOVE também, da Barra Funda. É um movimento de universitários.

**Quantas adesões vocês já tiveram. As pessoas que se agregaram através da internet se encontram?**

Todas as mais de 600 adesões (assinaturas na petição virtual) foram muito comprometidas e decididas, se possível, a apoiar. As pessoas que assinaram realmente têm interesse em participar e sempre geram soluções e ideias para que a gente possa melhorar o nosso plano. A gente tem 600 jovens que, a qualquer momento, se estiverem disponíveis, vão participar. Tem uma menina que veio de Campos do Jordão para conhecer a gente. Ainda mais agora. A gente tem 100 pessoas na cidade de São Paulo, que assinaram o manifesto, que estão dispostas a conversar, a entrar na reunião. E temos mais 600 pessoas do movimento separatista.

### **Onde vocês pretendem chegar?**

Nossa meta é que isso seja discutido na Assembleia Legislativa, na Câmara Municipal. A gente quer que seja implantada algum tipo de política que possa administrar isso (migração). Que fale: "vocês não têm qualificação, então, vão fazer um curso de qualificação e ser alocados para outras áreas do Estado que oferecem mais oportunidades. As pessoas que vivem em São Paulo e querem, mas não têm condições de voltar para a terra de onde fugiram... A cidade gerar essa oportunidade para elas. O pouco que a gente conquistar para uma cidade como São Paulo vai ser bastante.

### **ANEXO 5 – Matéria 5 BR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 22/05/2010):

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u708622.shtml>

18/03/2010 – 10h02

### **Bairros mais ricos de SP têm maior taxa de suicídio**

JULLIANE SILVEIRA

da Folha de S. Paulo

Um estudo feito com dados da Prefeitura de São Paulo e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que, de 1996 a 2005, regiões centrais da cidade apresentaram o dobro da taxa média de suicídios da periferia.

Enquanto os bairros centrais tiveram, em média, 6,3 casos para 100 mil habitantes por ano durante o período estudado, aqueles localizados em áreas mais distantes, na zona sul da cidade, apresentaram 3,3 casos. Ocorreram 4.275 mortes por suicídio no período.

O trabalho, feito na USP (Universidade de São Paulo), será publicado em livro.

O pesquisador afirma que o elevado grau de urbanização e o isolamento típico das grandes cidades -características que podem estar relacionadas a maiores índices de suicídio- são encontrados em São Paulo principalmente na área central.

"Em São Paulo, existe uma relação da localidade com a renda -a periferia é mais pobre. Alguns estudos mostram que países mais ricos têm taxas mais altas de suicídio. Trouxemos essa discussão [da renda] para nossa pesquisa", diz o geógrafo Daniel Bando, responsável pelo trabalho.

Além da renda, a pesquisa também relaciona outros fatores de risco de suicídio, mencionados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), às maiores taxas nos bairros centrais. Segundo dados do IBGE, esses locais concentram mais solteiros e separados, estados civis relacionados a maiores chances de suicídio. Em contrapartida, há maior percentual de casados na periferia.

A migração também é fator de risco. Alguns bairros centrais são conhecidos por suas comunidades estrangeiras e de outras partes do país.

"Regiões em que as pessoas perdem suas características culturais têm índices mais altos de suicídio. No caso dos migrantes brasileiros, não existe a barreira da língua, mas as culturas podem ser muito diferentes em uma cidade muito mais complexa do que as de origem desses novos moradores", explica a psiquiatra Sabrina Stefanello, membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e pesquisadora em suicídio na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

### **Indicativos**

No Brasil, estimativas sugerem que ocorram 24 suicídios por dia, mas o número deve ser 20% maior, pois muitos casos não são registrados. A quantidade de tentativas é de dez a 20 vezes mais alta que a de mortes. Entre os jovens, a taxa multiplicou-se por dez de 1980 a 2000: de 0,4 para 4.

O número de casos de suicídio cresceu 60% nos últimos 45 anos, de acordo com a OMS. A organização estima que, de 2002 a 2020, o aumento será de 74%, chegando a um suicídio a cada 20 segundos -hoje, a taxa é de um a cada 40 segundos.

"O que há de mais concreto [para explicar o aumento] é a associação com transtornos mentais, principalmente a depressão, mais presente e identificada hoje", diz Stefanello.

Pessoas que pensam em tirar a própria vida costumam manifestar sinais. "A maioria comenta com alguém próximo. Existe um mito de que quem quer se matar não fala, mas não é verdade. Diz algo como "minha vida não vale mais a pena", mostra desesperança", diz.

## **ANEXO 6 – Matéria 6 BR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 22/05/2010):

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u68537.shtml>

21/04/2005 - 10h42

### **Igrejas evangélicas atraem fiéis excluídos**

**PEDRO SOARES**

da Folha de S. Paulo, no Rio

As igrejas evangélicas brasileiras arrebanharam mais fiéis nos últimos anos nos grupos mais desprotegidos da população. É o que mostra o estudo "Retrato das Religiões do Brasil", divulgado ontem pela FGV. Dados do Censo 2000 revelam que a presença evangélica é maior do que a média (16,22%) em favelas (20,61%), periferias de regiões metropolitanas (20,72%), entre pessoas com até um ano de estudo (15,07%), desempregados (16,52%) e migrantes recentes (19,17%).

Por outro lado, os católicos são mais numerosos entre os empregadores – 76,38% – e os mais escolarizados – 74%, contra 10,3% dos evangélicos. No Brasil, os católicos representam 73,89% da população – eram 91,78% em 1970 e 83,36% em 1991. Para Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV (Fundação Getúlio Vargas), a estagnação econômica da chamada "década perdida" (anos 80) possibilitou a expansão dos evangélicos. "[A igreja] é vista como uma forma de ascensão social.

As igrejas emergentes cumprem um papel fundamental como rede de proteção social, num momento de desconforto econômico. Elas substituíram em parte o Estado, pois oferecem serviços sociais e cobram impostos, os dízimos."

Em média, os evangélicos correspondiam a 16,22% da população (dados do Censo de 2000) – eram 9,59% em 1991 e 6,55% em 1980.

No período, avançou também o percentual de pessoas que se declararam sem religião – para 7,34% em 2000.

Diferentemente do retrato traçado pelo sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) em seu clássico "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", as religiões ditas hoje como evangélicas não se desenvolveram no Brasil entre os mais ricos e mais estudados, diz Neri. "A tese da "Ética Protestante" não se confirma no Brasil."

Weber sustentava que o capitalismo pôde avançar graças à evolução das religiões protestantes, que não culpavam seus seguidores por acumular capital.

Comparando populações com exatamente as mesmas características socioeconômicas e raciais, a renda dos católicos é 7% maior do que a dos evangélicos e 10% mais alta do que a dos sem-religião.

Para Neri, o declínio relativo da religião católica no Brasil se explica por "uma certa inércia" na mudança de seus costumes e regras, ao mesmo tempo em que "o contexto econômico e social no Brasil mudou muito". "A Igreja Católica não acompanhou a necessidade de mulheres e desempregados, por exemplo, que foram buscar abrigo em religiões alternativas."

A pesquisa traçou ainda um perfil regional das religiões: há mais católicos no meio rural e pequenas cidades, enquanto os evangélicos se concentram nas periferias das grandes cidades.

Neri disse que tal fenômeno ocorre porque a crise social e econômica foi muito mais grave nas grandes metrópoles. "O crescimento dos evangélicos é um fenômeno de periferia", afirmou.

Em áreas rurais, os católicos eram 84,26%. Nas periferias das regiões metropolitanas, 65,18%. Os evangélicos representavam 20,72% dos moradores de periferias metropolitanas.

Os dados também mostram que o Rio é o Estado com o maior contingente de pessoas sem religião (15,76%). Também é o com menos católicos proporcionalmente (56,19%). Em São Paulo, os católicos eram 70,53% – os evangélicos eram 17,04%.

#### **ANEXO 7 – Matéria 1 FR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 28/05/2010):

[http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article\\_59551.asp](http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article_59551.asp)

## **Deuxième nuit de violences à Villiers-le-Bel**

par RFI

Article publié le 26/11/2007 Dernière mise à jour le 26/11/2007 à 23:27 TU

**De nouveaux affrontements entre groupes de jeunes et forces de l'ordre ont donc éclaté lundi soir à Villiers-le-Bel, dans la banlieue nord de Paris. Une soixantaine de policiers ont été blessés dans ces accrochages. Huit d'entre eux ont été touchés par des tirs de grenaille. Plusieurs véhicules ont été incendiés. Les violences de Villiers-le-Bel ont gagné d'autres villes de la banlieue parisienne.**

Tout a redémarré lundi dans la soirée, peu avant 19 heures (heure locale), et ce qui est frappant, c'est que cela semblait inéluctable. Les policiers d'un côté, en place - ils étaient environ 150, deux compagnies de CRS qui s'ajoutaient aux effectifs locaux. De l'autre, les jeunes cagoulés et cachés dans la cité, une cité sombre telle une souricière, et c'est ça le danger: on ne sait jamais d'où les jeunes émeutiers vont sortir, de n'importe où, n'importe quand...

Les affrontements ont donc commencé à 200 mètres de l'endroit où s'est produit le drame dimanche, la mort de deux adolescents dans un choc entre une mini-moto et une voiture de police. Aux coups de pierres, de cocktails Molotov, de tirs de grenaille, les policiers répliquaient avec leurs flash-balls ou du gaz lacrymogène.

Des affrontements qui ont duré deux heures, avant que les policiers ne se replient faute de munitions. Le temps alors pour les jeunes émeutiers d'incendier des poubelles, quelques voitures - dont deux appartenant aux forces de police - et surtout des bâtiments municipaux, notamment une bibliothèque qui a été entièrement ravagée.

A Villiers-le-Bel, c'est le ras-le-bol qui domine...

### **ANEXO 8 – Matéria 2 FR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 28/05/2010):

[http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article\\_59590.asp](http://www.rfi.fr/actufr/articles/095/article_59590.asp)

## **Villiers-le-Bel: appels au calme et renforts policiers**

Article publié le 28/11/2007 Dernière mise à jour le 28/11/2007 à 00:17 TU

**Des appels au calme et un impressionnant dispositif policier sont parvenus à faire retomber la pression mardi soir à Villiers-le-Bel, où une vingtaine de personnes ont été interpellées alors que la situation demeure tendue. Mercredi matin, à peine rentré de Chine, le président Nicolas Sarkozy se rend au chevet des policiers et des pompiers blessés dans ces émeutes. Le chef de l'État devra aussi recevoir les parents des deux adolescents dont la mort dans une collision entre leur mini-moto et un véhicule de police avait provoqué cette flambée de violence.**

Un millier de policiers ont été déployés mardi soir à Villiers-le-Bel, (nord de Paris) pour éviter une troisième nuit d'affrontements entre des jeunes et les forces de l'ordre. Le Premier ministre, François Fillon, s'est rendu lui-même sur place pour la deuxième fois mardi soir. La situation est « *beaucoup plus calme* » que les nuits précédentes dans cette ville de la banlieue nord de Paris mais elle reste « *fragile* », a-t-il estimé. Le Premier ministre s'était rendu sur place dès mardi matin pour se rendre compte des dégâts et prendre position sur un ton particulièrement ferme.

#### **ANEXO 9 – Matéria 3 FR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 29/05/2010):

[http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/08/19/79-roms-attendent-d-etre-expulses-vers-la-roumanie\\_1400386\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/08/19/79-roms-attendent-d-etre-expulses-vers-la-roumanie_1400386_3224.html)

#### **Premières expulsions de Roms vers la Roumanie<sup>85</sup>**

LEMONDE.FR avec Reuters et AFP | 19.08.10 | 07h38 • Mis à jour le 23.08.10 | 10h50

Plusieurs dizaines de Roms roumains renvoyés de France sont arrivés jeudi 19 août sur un vol régulier de la compagnie BlueAir à Bucarest. Il s'agit des premières expulsions depuis le durcissement de la politique française à l'égard de cette minorité. Ils ont débarqué peu avant 16 heures à l'aéroport Aurel-Vlaicu. "C'était très dur en France, il y avait des pressions tout le temps... la police, la préfecture", a déclaré à l'AFP Gabriel, un des Roms renvoyés au pays avec sa femme et ses deux filles.

Un total de 93 personnes devaient embarquer jeudi à bord de deux vols depuis la France pour la Roumanie. Un premier groupe de "14 personnes en provenance de Paris [était] attendu à Bucarest aux alentours de 12 h 30", a indiqué le ministère de l'intérieur roumain. Un deuxième groupe plus important, de 79 personnes, devait arriver dans la capitale

---

<sup>85</sup> Os grifos em negrito são do texto original.

roumaine aux alentours de 16 heures en provenance de Lyon. Or, seules 61 des 79 personnes prévues se sont présentées à l'aéroport lyonnais, selon la préfecture de l'Isère.

Ces rapatriements se font dans le cadre d'une procédure dite de retour volontaire, "un terme spécifique au droit administratif français", a indiqué le ministère de l'intérieur roumain.

Deux autres vols du même type sont prévus ce vendredi et le 26 août. Le vol de vendredi transportera "une centaine de personnes" et le troisième, le 26 août, partira de l'aéroport de Roissy. Ces trois vols sont affrétés par l'Office français de l'immigration et de l'intégration (OFII) auprès d'une compagnie privée. Paris a ainsi confirmé une information de Bucarest, le secrétaire d'État roumain chargé de l'insertion de cette minorité, Valentin Mocanu, ayant annoncé que la France allait renvoyer 371 Roms roumains dans leur pays d'origine, en Roumanie ou en Bulgarie.

#### "PAS DIRECTEMENT LIÉS" AUX RÉCENTS DÉMANTÈLEMENTS DE CAMPS

Le ministre de l'immigration, Éric Besson, en déplacement aux États-Unis, a fait savoir qu'il s'agissait de retours volontaires qui "ne sont pas directement liés" aux récents démantèlements de camps illégaux de gens du voyage. "Il s'agit jeudi et vendredi des 25e et 26e vols de l'année vers la Roumanie et la Bulgarie. Nous sommes dans le cadre de procédures classiques de reconduite de ressortissants étrangers en situation irrégulière", a indiqué son entourage. Deux camps illicites ont été évacués jeudi, l'un près de Lille et l'autre près de Grenoble.

Brice Hortefeux a de son côté répété qu'"**il ne s'agit pas d'expulsion collective, la situation individuelle de chacun de ces ressortissants roumains est examinée**" et il ajoute que "**la plupart ont souhaité bénéficier d'une aide au retour**".

Trois vols "**affrétés**" étant seulement prévus d'ici à la fin du mois, l'objectif des 700 reconduites prévu par le gouvernement semble hors d'atteinte. Laurent El-Ghozi, du collectif Roms Europe, a indiqué que la plupart des 700 Roms expulsés de leurs campements se "**sont installés ailleurs**" ou "**se sont évanouis dans la nature**". M. El-Ghozi évalue aussi à seulement 10 % la proportion de personnes qui acceptent l'ARH (aide au retour humanitaire) – pour certaines plusieurs fois sous de fausses identités – puis qui reviennent en France.

#### "RISQUES DE DÉRAPAGE POPULISTE"

Ces expulsions ont été précédées par une réunion à l'Élysée sur les opérations d'évacuation des "**campements illicites de Roms**", selon le ministère de l'intérieur. Étaient présents à cette réunion le cabinet d'Éric Besson, ministre de l'immigration, des représentants de la police nationale, de la gendarmerie nationale, de la police aux frontières, de la préfecture de police et de l'OFII. "**Chacune des personnes éloignées a fait l'objet d'un examen individuel quant aux conditions de son séjour en France**", a assuré le ministère.

M. Hortefeux a indiqué qu'il recevrait "en début de semaine prochaine" Valentin Mocu. Le projet d'un "programme d'intégration au niveau européen des citoyens d'ethnie rom", selon les termes utilisés par le président roumain Traian Basescu, pourrait être évoqué. Cette question provoque des tensions entre les deux pays, le ministre des affaires étrangères roumain Teodor Baconschi s'étant déclaré inquiet des "risques de dérapage populiste" et de "réactions xénophobes" sur la question des Roms en France.

#### **ANEXO 10 – Matéria 4 FR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 29/05/2010):

<http://tempsreel.nouvelobs.com/societe/20091217.OBS0931/renvoyer-un-afghan-en-afghanistan-ou-est-le-probleme.html>

#### **Renvoyer un Afghan en Afghanistan, "où est le problème ?"<sup>86</sup>**

Créé le 17-12-2009 à 06h47 - Mis à jour à 10h25

"Naturellement, on ne ramène pas les Afghans en Afghanistan dans une zone de combat. On les ramène dans une zone de paix", s'est défendu Nicolas Sarkozy, après le tollé provoqué par l'expulsion, mardi, de neuf Afghans.

Franchement, **ramener un Afghan en Afghanistan** alors qu'il ne veut pas rester en France, en accord avec la Cour européenne des droits de l'Homme et en accord avec un gouvernement de gauche européen, **où est le problème ?**", a lancé **Nicolas Sarkozy**, interrogé mercredi soir 16 décembre sur Canal +, après le tollé provoqué par l'expulsion, mardi, de neuf Afghans.

"Si un Afghan fait une demande pour rester en France, on peut regarder naturellement. Mais là ils veulent passer en Angleterre. Donc on a pris la décision d'appliquer la loi et c'est

---

<sup>86</sup> Os grifos em negrito são do texto original.

ce qu'on attend du président de la République", a ajouté le chef de l'État, précisant que cette loi était "parfaitement respectueuse du droit des gens".

### **"On les ramène dans une zone de paix"**

"Qu'est-ce qu'on fait des Afghans, des Irakiens, des gens qui sont ici **qui ne veulent même pas vivre chez nous** ? Si ceux qui n'ont pas de papier restent en France, alors qu'ils ne veulent même pas rester en France, qu'est-ce qu'on en fait ?", a-t-il insisté. Le chef de l'État a par ailleurs souligné que le retour des réfugiés afghans avait été organisé avec les autorités britanniques, qui sont "confrontées au même problème", et avec l'accord de la Commission européenne des droits de l'Homme et des autorités afghanes.

"Naturellement, on ne ramène pas les Afghans en Afghanistan dans une zone de combat. On les ramène dans **une zone de paix**", a également souligné Nicolas Sarkozy. "Je vous rappelle qu'il y a eu des élections en Afghanistan, on a 4.000 soldats français qui sont là-bas pour justement que les Afghans puissent développer l'Afghanistan", a-t-il ajouté. "Si un de ces Afghans avait déposé un dossier de réfugié politique, naturellement l'Ofpra (Office français pour la protection des réfugiés et apatrides) aurait analysé son dossier. Et si c'était un réfugié politique, on l'aurait accepté", a assuré le président.

### **Pas question d'une régularisation massive**

Le président de la République en a profité pour redire son opposition à toute régularisation massive des sans-papiers, estimant que "**cette politique a toujours échoué**".

"Je suis un peu triste d'ailleurs de voir que certains responsables politiques demandent qu'on distribue des papiers à tous les sans-papiers. Parce qu'en faisant ça, on fait quoi ? On favorise qui ? Les trafiquants, ceux qui amènent des malheureux en France en leur faisant croire qu'un jour on les légalisera et qu'ils auront des papiers", a-t-il conclu.

(Nouvelobs.com)

### **ANEXO 11 – Matéria 5 FR Completa**

Endereço *on line* (acesso em 28/05/2010):

[http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/09/06/des-sans-papiers-en-greve-se-rassemblent-pres-du-ministere-de-l-immigration\\_1407602\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2010/09/06/des-sans-papiers-en-greve-se-rassemblent-pres-du-ministere-de-l-immigration_1407602_3224.html)

## **Des sans-papiers en grève se rassemblent près du ministère de l'immigration**

LEMONDE.FR avec AFP | 06.09.10 | 21h26

Environ 200 travailleurs sans papiers en grève se sont rassemblés, lundi 6 septembre, près du ministère de l'immigration, à Paris, pour exiger des réponses quant à l'avancée de leurs demandes de régularisation. La plupart de ces travailleurs, soutenus par un collectif de cinq syndicats et six associations, sont en grève pour leur régularisation depuis octobre 2009.

En juin dernier, après huit mois de mobilisation, ils avaient obtenu du gouvernement un accord harmonisant les critères de régularisation par le travail et garantissant l'égalité de traitement entre salariés.

Depuis, 1 600 dossiers ont été déposés en préfecture, mais seulement une dizaine de travailleurs ont obtenu un titre de séjour. A chaque dépôt de dossier auprès des préfectures, l'application de l'accord reste problématique et les critères ne sont pas respectés, dénoncent les syndicats.

"On a rencontré pendant deux heures la direction de l'immigration en présence de la direction générale du travail, a rapporté aux grévistes Raymond Chauveau, de la CGT. Nous devons obtenir vendredi un texte précisant la manière dont les difficultés au moment du dépôt des dossiers seront réglées". Selon les syndicats, quelque 6 200 sans-papiers sont concernés par ce mouvement.

"J'ai déposé mon dossier le 3 août et je devais avoir une réponse rapide. Cela fait maintenant plus d'un mois et je n'ai toujours rien, a raconté à l'AFP Hadama Coulibaly. Je suis en grève depuis onze mois, je ne peux pas rester comme ça." Comme Hadama, la plupart sont originaires d'Afrique noire, mais aussi de Chine, et vivent en France depuis des années où ils travaillent et ont des fiches de paye. Beaucoup sont intérimaires et travaillent dans le bâtiment, la restauration ou le service à la personne.

### **ANEXO 12 – Matéria 6 FR Completa**

Endereço *on line* (Acesso em 29/05/2010):

[http://www.lexpress.fr/actualite/politique/decheance-de-nationalite-hortefeux-peaufine-son-projet\\_911100.html](http://www.lexpress.fr/actualite/politique/decheance-de-nationalite-hortefeux-peaufine-son-projet_911100.html)

## **Déchéance de nationalité: Hortefeux peaufine son projet**

Par L'EXPRESS.fr, publié le 07/08/2010 à 10:51, mis à jour à 18:30

Brice Hortefeux a annoncé la mise en place d'une Unité territoriale de quartier (UTeQ), pour "sécuriser le centre ville" de Perpignan, qui sera la première créée après l'annonce du quasi-doublement de ces unités, le 24 juin dernier.

AFP PHOTO / RAYMOND ROIG

### **Le ministre de l'Intérieur devrait présenter à Nicolas Sarkozy des "propositions de mise en œuvre juridique" avant la fin de ce mois d'août.**

Déchu de sa nationalité en cas d'homicide de policier? D'excision? De polygamie? Pour tirer les choses au clair, le ministre de l'Intérieur Brice Hortefeux a annoncé ce samedi 7 août qu'il ferait ce mois-ci à Nicolas Sarkozy des "propositions de mise en œuvre juridique" de la déchéance de nationalité française.

Sur le terrain, la police a fait évacuer vendredi des centaines de gens du voyage en situation irrégulière en région parisienne et à Saint-Étienne, et le maire de gauche d'une commune des Yvelines demande des mesures analogues chez lui.

En déplacement à Perpignan (Pyrénées-orientales), Brice Hortefeux a assuré que ces propositions se feraient "en liaison" avec ses collègues de la Justice, Michèle Alliot-Marie, et de l'Immigration, Éric Besson.

### **Un "droit à la nuance"**

Conforté par un sondage favorable mais contesté, le gouvernement reste sur l'offensive. Le 30 juillet à Grenoble, le chef de l'État avait déjà donné la couleur: cap sur la sécurité. Il évoquait alors déjà cette sanction. Nicolas Sarkozy avait demandé que cette mesure frappe "toute personne d'origine étrangère" ayant volontairement porté atteinte à la vie d'un policier, d'un gendarme ou de tout autre "dépositaire de l'autorité publique". Dans la foulée, Brice Hortefeux avait souhaité qu'elle soit étendue aux faits de polygamie ou d'excision.

De son côté, ce même Éric Besson tempère dans les pages du Figaro. Il invoque un "droit à la nuance" et parle d'une question question "complexe" et hésite, notamment sur la polygamie: "Sur un plan politique, nous devons lutter avec détermination contre la polygamie et l'excision. Mais, sur un plan juridique, la déchéance est complexe à envisager,

notamment pour la polygamie. Cela devra être arbitré après un travail interministériel, notamment avec le ministère de la Justice"

### **Les deux derniers cas de déchéance concernaient des actes de terrorisme**

Actuellement, les possibilités de déchéance de la nationalité sont strictement encadrées par la loi. L'article 25 du code civil, la dernière fois modifié par la loi Guigou du 16 mars 1998, prévoit que "l'individu qui a acquis la qualité de Français peut, par décret pris après avis conforme du Conseil d'État, être déchu de la nationalité française, sauf si la déchéance a pour résultat de le rendre apatride".

Les deux derniers cas de déchéance "remontent à 2005 et 2006 et visaient des personnes poursuivies pour des faits de terrorisme", a-t-on précisé au ministère de l'Immigration. Les propositions de l'exécutif ont soulevé un tollé dans le monde associatif, tandis que la première secrétaire du PS Martine Aubry a dénoncé "la dérive antirépublicaine" du pouvoir. L'ancien garde des Sceaux Robert Badinter et des professeurs de droit constitutionnel ont rappelé que l'article 1 de la Constitution interdisait de faire des distinctions entre les Français selon leurs origines.

### **Une Unité territoriale de quartier à Perpignan**

A Perpignan, Brice Hortefeux a annoncé la mise en place d'une Unité territoriale de quartier (UTeQ), pour "sécuriser le centre ville", qui sera la première créée après l'annonce du quasi-doublement de ces unités, le 24 juin dernier. Au départ, elle comprendra douze policiers.

Avec AFP